﻿The Project Gutenberg EBook of A correspondência de Fradique Mendes, by

José Maria Eça de Queirós

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: A correspondência de Fradique Mendes

memórias e notas

Author: José Maria Eça de Queirós

Release Date: December 27, 2008 [EBook #27637]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CORR. DE FRADIQUE MENDES \*\*\*

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

A CORRESPONDENCIA

DE

Fradique Mendes

Obras do mesmo auctor:

\*Revista de Portugal.\* 4 grossos volumes 12$000

\*As Minas de Salomão.\* 1 volume 600

\*Os Maias.\* 2 grossos volumes 2$000

\*O Crime do Padre Amaro.\* Terceira edição inteiramente refundida,

recomposta e differente na fórma e na acção

da edição primitiva. 1 grosso volume 1$200

\*O Primo Bazilio\*. Terceira edição. 1 grosso volume 1$000

\*A Reliquia\*. 1 grosso volume 1$000

\*O Mandarim.\* Quarta edição. 1 volume 500

\*A Illustre Casa de Ramires.\* 1 volume 1$000

No prelo:

\*A Cidade e as Serras.\*

Eça de Queiroz

A CORRESPONDENCIA

DE

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, editores

1900

Pertence no Brazil o direito de propriedade d'esta obra ao cidadão

Francisco Alves, livreiro editor no Rio de Janeiro, que para a garantia

que lhe offerece a lei n.^o 496 de 1 d'Agosto de 1898, fez o competente

deposito na Bibliotheca nacional, segundo a determinação do art. 13.^o

da mesma Lei.

\_Porto--Imprensa Moderna\_

A CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES

FRADIQUE MENDES

(MEMORIAS E NOTAS)

I

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela

Paschoa,--justamente na semana em que elle regressára da sua viagem á

Africa Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admiravel datava

de Lisboa, do anno remoto de 1867. Foi no verão d'esse anno, uma tarde,

no café Martinho, que encontrei, n'um numero já amarrotado da \_Revolução

de Setembro\_, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por

baixo de versos que me maravilharam.

Os themas («os motivos emocionaes», como nós diziamos em 1867) d'essas

cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o titulo de Lapidarias,

tinham logo para mim uma originalidade captivante e bemvinda. Era o

tempo em que eu e os meus camaradas de Cenaculo, deslumbrados pelo

Lyrismo Epico da \_Légende des Siècles\_, «o livro que um grande vento nos

trouxera de Guernesey»--decidiramos abominar e combater a rijos brados o

Lyrismo Intimo, que, enclausurado nas duas pollegadas do coração, não

comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das

saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e

interminavel confidencia de glorias e martyrios de amor. Ora Fradique

Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre

sem-igual da \_Légende des Siècles\_, iam, n'uma universal sympathia

buscar motivos emocionaes fóra das limitadas palpitações do coração--á

Historia, á Lenda, aos Costumes, ás Religiões, a tudo que através das

idades, diversamente e unamente, revela e define o Homem. Mas além

d'isso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poetico que me

seduzia--o da Modernidade, a notação fina e sobria das graças e dos

horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como a podemos

testemunhar ou presentir nas ruas que todos trilhamos nas moradas

visinhas das nossas, nos humildes destinos deslizando em torno de nós

por penumbras humildes.

Esses poemetos das Lapidarias desenrolavam com effeito themas

magnificamente novos. Ahi um Santo allegorico, um Solitario do seculo

VI, morria uma tarde sobre as neves da Silesia, assaltado e domado por

uma tão inesperada e bestial rebellião da Carne, que, á beira da

Bemaventurança, subitamente a perdia, e com ella o fructo divino e

custoso de cincoenta annos de penitencia e d'ermo: um corvo, facundo e

velho além de toda a velhice, contava façanhas do tempo em que seguira

pelas Gallias, n'um bando alegre, as legiões de Cesar, depois as hordas

de Alarico rolando para a Italia, branca e toda de marmores sob o azul:

o bom cavalleiro Percival, espelho e flôr d'Idealistas, deixava por

cidades e campos o sulco silencioso da sua armadura d'ouro, correndo o

mundo, desde longas éras, á busca do San-Gral, o mystico vaso cheio de

sangue de Christo, que, n'uma manhã de Natal, elle vira passar e

lampejar entre nuvens por sobre as torres de Camerlon: um Satanaz de

feitio germanico, lido em Spinosa e Leibnitz, dava n'uma viella de

cidade medieval uma serenada ironica aos astros, «gottas de luz no frio

ar geladas»... E, entre estes motivos de esplendido symbolismo, lá vinha

o quadro de singela modernidade, as \_Velhinhas\_, cinco velhinhas, com

chales de ramagens pelos hombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas

sobre um banco de pedra, n'um longo silencio de saudade, a uma restea de

sol d'outono.

Não asseguro todavia a nitidez d'estas bellas reminiscencias. Desde essa

sésta de agosto, no Martinho, não encontrei mais as Lapidarias: e, de

resto, o que n'ellas então me prendeu, não foi a Idéa, mas a Fórma--uma

fórma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava

o verso marmoreo de Lecomte de Lisle com um sangue mais quente nas veias

do marmore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com mais

norma e cadencia. Ora precisamente, n'esse anno de 1867, eu, J. Teixeira

de Azevedo e outros camaradas tinhamos descoberto no céo da Poesia

Franceza (unico para que nossos olhos se erguiam) toda uma pleiade

d'estrellas novas onde sobresahiam, pela sua refulgencia superior e

especial, esses dois sóes--Baudelaire e Lecomte de Lisle. Victor Hugo, a

quem chamavamos já «papá Hugo» ou «Senhor Hugo-Todo-Poderoso», não era

para nós um astro--mas o Deus mesmo, inicial e immanente, de quem os

astros recebiam a luz, o movimento e o rythmo. Aos seus pés Lecomte de

Lisle e Baudelaire faziam duas constellações de adoravel brilho: e o seu

encontro fôra para nós um deslumbramento e um amor! A mocidade d'hoje,

positiva e estreita, que pratíca a Politica, estuda as cotações da

\_Bolsa\_ e lê George Ohnet, mal póde comprehender os santos enthusiasmos

com que nós recebiamos a iniciação d'essa Arte Nova, que em França, nos

começos do Segundo Imperio, surgira das ruinas do Romantismo como sua

derradeira encarnação, e que nos era trazida em Poesia pelos versos de

Lecomte de Lisle, de Baudelaire, de Coppée, de Dierx, de Mallarmé, e

d'outros menores: e menos talvez póde comprehender taes fervores essa

parte da mocidade culta que logo desde as escolas se nutre de Spencer e

de Taine, e que procura com ancia e agudeza exercer a critica, onde nós

outr'ora, mais ingenuos e ardentes, nos abandonavamos á emoção. Eu mesmo

sorrio hoje ao pensar n'essas noites em que, no quarto de J. Teixeira

d'Azevedo, enchia de sobresalto e duvida dois conegos que ao lado

moravam, rompendo por horas mortas a clamar a \_Charogne\_ de Baudelaire,

tremulo e pallido de paixão:

Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,

A cette horrible infection,

Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,

Vous, mon ange et ma passion!

Do outro lado do tabique sentiamos ranger as camas dos ecclesiasticos, o

raspar espavorido de phosphoros. E eu, mais pallido, n'um extase

tremente:

Alors, oh ma beauté, dites à la vermine

Qui vous mangera de baisers,

Que j'ai gardé la forme et l'essence divine

De mes amours décomposés!

Certamente Baudelaire não valia este tremor e esta pallidez. Todo o

culto sincero, porém, tem uma belleza essencial, independente dos

merecimentos do Deus para quem se evola. Duas mãos postas com legitima

fé serão sempre tocantes--mesmo quando se ergam para um Santo tão

affectado e postiço como S. Simeão Stylita. E o nosso transporte era

candido, genuinamente nascido do Ideal satisfeito, só comparavel áquelle

que outr'ora invadia os navegadores peninsulares ao pisarem as terras

nunca d'antes pisadas, Eldorados maravilhosos, ferteis em delicias e

thesouros, onde os seixos das praias lhes pareciam logo diamantes a

reluzir.

Li algures que Juan Ponce de Leon, enfastiado das cinzentas planicies de

Castella-a-Velha, não encontrando tambem já encanto nos pomares

verde-negros da Andaluzia--se fizera ao mar, para buscar outras terras,

e \_mirar algo nuevo\_. Tres annos sulcou incertamente a melancolia das

aguas atlanticas: mezes tristes errou perdido nos nevoeiros das

Bermudas: toda a esperança findára, já as prôas gastas se voltavam para

os lados onde ficára a Hespanha. E eis que n'uma manhã de grande sol, em

dia de S. João, surgem ante a armada extatica os esplendores da Florida!

«\_Gracias te sean, mi S. Juan bendito, que he mirado algo nuevo!\_» As

lagrimas corriam-lhe pelas barbas brancas--e Juan Ponce de Leon morreu

de emoção. Nós não morremos: mas lagrimas congeneres com as do velho

mareante saltaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por

entre o brilho sombrio e os perfumes acres das \_Flôres do Mal\_. Eramos

assim absurdos em 1867!

De resto, exactamente como Ponce de Leon, eu só procurava em Litteratura

e Poesia \_algo nuevo que mirar\_. E para um meridional de vinte annos,

amando sobretudo a Côr e o Som na plenitude da sua riqueza, que poderia

ser esse \_algo nuevo\_ senão o luxo novo das fórmas novas? A Fórma, a

belleza inedita e rara da Fórma, eis realmente, n'esses tempos de

delicado sensualismo, todo o meu interesse e todo o meu cuidado! Decerto

eu adorava a Idéa na sua essencia;--mas quanto mais o Verbo que a

encarnava! Baudelaire, mostrando á sua amante na \_Charogne\_ a carcassa

pôdre do cão e equiparando em ambas as miserias da carne, era para mim

de magnifica surpreza e enlevo: e diante d'esta crespa e atormentada

subtilisação do sentir, que podia valer o facil e velho Lamartine no

\_Lago\_, mostrando a Elvira a cansada lua, e comparando em ambas a

pallidez e a graça meiga? Mas se este aspero e funebre espiritualismo de

Baudelaire me chegasse expresso na lingua lassa e molle de Casimir

Delavigne--eu não lhe teria dado mais apreço do que a versos vis do

\_Almanach de Lembranças\_.

Foi sensualmente enterrado n'esta idolatria da Fórma, que deparei com

essas Lapidarias de Fradique Mendes, onde julguei vêr reunidas e

fundidas as qualidades discordantes de magestade e de nervosidade que

constituiam, ou me pareciam constituir, a grandeza dos meus dois

idolos--o auctor das \_Flôres do Mal\_ e o auctor dos \_Poemas Barbaros\_. A

isto accrescia, para me fascinar, que este poeta era portuguez,

cinzelava assim preciosamente a lingua que até ahi tivera como joias

acclamadas o \_Noivado do Sepulchro\_ e o \_Avè Cesar!\_, habitava Lisboa,

pertencia aos Novos, possuia decerto na alma, talvez no viver, tanta

originalidade poetica como nos seus poemas! E esse folhetim amarrotado

da \_Revolução de Setembro\_ tomava assim a importancia d'uma revelação

d'Arte, uma aurora de Poesia, nascendo para banhar as almas moças na luz

e no calor especial a que ellas aspiravam, meio adormecidas, quasi

regeladas sob o algido luar do Romantismo. Graças te sejam dadas, meu

Fradique bemdito, que na minha velha lingua \_hé mirado algo nuevo!\_

Creio que murmurei isto, banhado em gratidão. E, com o numero da

\_Revolução de Setembro\_, corri a casa de J. Teixeira de Azevedo, á

travessa do Guarda-Mór, a annunciar o advento esplendido!

Encontrei-o, como de costume, nos silenciosos vagares das tardes de

verão, em mangas de camisa, diante de uma bacia que trasbordava de

morangos e de vinho de Torres. Com vozes clamorosas, atirando gestos até

ao tecto, declamei-lhe a \_Morte do Santo\_. Se bem recordo, este asceta,

ao findar sobre as neves da Silesia, era miserrimamente trahido pela

desleal Natureza! Todos os appetites da paixão e do corpo, tão

laboriosamente recalcados por elle durante meio seculo d'ermo, irrompiam

de repente, á beira da eternidade, n'um tumulto bestial, não querendo

para sempre findar com a carne que ia findar--antes de serem uma vez

satisfeitos! E os anjos que, para o receber, desciam d'aza serena,

sobraçando mólhos de Palmas e cantando os Epithalamios, encontravam, em

vez d'um Santo, um Satyro, senil e grotesco--que de rojos, entre

bramidos sordidos, mordia com beijos vorazes a neve, a macia alvura da

neve, onde o seu delirio furiosamente imaginava nudezes de cortezãs!...

Tudo isto era tratado com uma grandeza sobria e rude que me parecia

sublime. J. Teixeira d'Azevedo achou tambem «sublime--mas bréjeiro». E

concordou que convinha desentulhar Fradique Mendes da obscuridade, e

erguel-o no alto do escudo como o radiante mestre dos Novos.

Fui logo n'essa noite á \_Revolução de Setembro\_, procurar um companheiro

meu de Coimbra, Marcos Vidigal, que, nos nossos alegres tempos de

Direito Romano e Canonico, ganhára, por tocar concertina, lêr a

\_Historia da Musica\_ de Scudo, e lançar através da Academia os nomes de

Mozart e de Beethoven, uma soberba auctoridade sobre Musica classica.

Agora, vadiando em Lisboa, escrevia na \_Revolução\_, aos domingos, uma

«Chronica lyrica»--para gozar gratuitamente o bilhete de S. Carlos.

Era um moço com cabellos ralos e côr de manteiga, sardento, apagado de

idéas e de modos--mas que despertava e se illuminava todo quando lograva

«a \_chance\_ (como elle dizia) de roçar por um homem celebre, ou de

arranchar n'uma coisa original»; e isto tornára-o a elle, pouco a pouco,

quasi original e quasi celebre. N'essa noite, que era sabbado e de

pesado calor, lá estava á banca, com uma quinzena d'alpaca, suando,

bufando, a espremer do seu pobre craneo, como d'um limão meio sêcco,

gottas d'uma Chronica sobre a Volpini. Apenas eu alludi a Fradique

Mendes, áquelles versos que me tinham maravilhado--Vidigal arrojou a

penna, já risonho, com um clarão alvoroçado na face molle:

--Fradique? Se conheço o grande Fradique? É meu parente! É meu patricio!

É meu parceiro!

--Ainda bem, Vidigal, ainda bem!

Fomos ao Passeio Publico (onde Marcos se ia encontrar com um agiota).

Tomámos sorvetes debaixo das acacias: e pelo chronista da \_Revolução\_

conheci a origem, a mocidade, os feitos do poeta das Lapidarias.

Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica familia dos Açores;

e descendia por varonia do navegador D. Lopo Mendes, filho segundo da

casa da Troba, e donatario d'uma das primeiras capitanias creadas nas

Ilhas por começos do seculo XVI. Seu pai, homem magnificamente bello,

mas de gostos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava) d'um

desastre, na caça. Seis annos depois sua mãi, senhora tão airosa,

pensativa e loura que merecera d'um poeta da Terceira o nome de \_Virgem

d'Ossian\_, morria tambem d'uma febre trazida dos campos, onde andára

bucolicamente, n'um dia de sol forte, cantando e ceifando feno. Carlos

ficou em companhia e sob a tutela de sua avó materna, D. Angelina

Fradique, velha estouvada, erudita e exotica que colleccionava aves

empalhadas, traduzia Klopstock, e perpetuamente soffria dos «dardos

d'Amor». A sua primeira educação fôra singularmente emmaranhada: o

capellão de D. Angelina, antigo frade benedictino, ensinou-lhe o latim,

a doutrina, o horror á maçonaria, e outros principios solidos; depois um

coronel francez, duro jacobino que se batera em 1830 na barricada de

S^{t}-Merry, veio abalar estes alicerces espirituaes fazendo traduzir ao

rapaz a \_Pucelle\_ de Voltaire e a \_Declaração dos direitos do homem\_; e

finalmente um allemão, que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na

vernaculidade de Filinto Elysio, e se dizia parente de Emmanuel Kant,

completou a confusão iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço,

na \_Critica da Razão pura\_ e na heterodoxia metaphysica dos professores

de Tubinguen. Felizmente Carlos já então gastava longos dias a cavallo

pelos campos, com a sua matilha de galgos:--e da anemia que lhe teriam

causado as abstracções do raciocinio, salvou-o o sôpro fresco dos

montados e a natural pureza dos regatos em que bebia.

A avó, tendo imparcialmente approvado estas embrulhadas linhas

d'educacão, decidiu de repente, quando Carlos completou dezeseis annos,

mandal-o para Coimbra que ella considerava um nobre centro d'estudos

classicos e o derradeiro refugio das Humanidades. Corria porém na Ilha

que a traductora de Klopstock, apesar dos sessenta annos que lhe

revestiam a face d'um pêllo mais denso que a hera d'uma ruina, decidira

afastar o neto--para casar com o bolieiro.

Durante tres annos Carlos tocou guitarra pelo \_Penedo da Saudade\_,

encharcou-se de carrascão na tasca das Camêlas, publicou na \_Idéa\_

sonetos asceticos, e amou desesperadamente a filha d'um ferrador de

Lorvão. Acabava de ser reprovado em Geometria quando a avó morreu

subitamente, na sua quinta das \_Tornas\_, n'um caramanchão de rosas, onde

se esquecera toda uma sésta de junho, tomando café, e escutando a viola

que o cocheiro repicava com os dedos carregados d'anneis.

Restava a Carlos um tio, Thadeu Mendes, homem de luxo e de boa mesa, que

vivia em Paris preparando a salvação da Sociedade com Persigny, com

Morny, e com o principe Luiz Napoleão de quem era devoto e crédor. E

Carlos foi para Paris estudar Direito nas cervejarias que cercam a

Sorbonne, á espera da maioridade que lhe devia trazer as heranças

accumuladas do pai e da avó--calculadas por Vidigal n'um farto milhão de

cruzados. Vidigal, filho d'uma sobrinha de D. Angelina, nascido na

Terceira, possuia por legado, conjuntamente com Carlos, uma quinta

chamada o \_Corvovello\_. D'ahi lhe vinha ser «parente, patricio e

parceiro» do homem das Lapidarias.

Depois d'isto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e rico, sahira do

\_Quartier-Latin\_ a começar uma existencia soberba e fogosa. Com um

impeto de ave solta, viajára logo por todo o mundo, a todos os sopros do

vento, desde Chicago até Jerusalem, desde a Islandia até ao Sahará.

N'estas jornadas, sempre emprehendidas por uma solicitação da

intelligencia ou por ancia d'emoções, achára-se envolvido em feitos

historicos e tratára altas personalidades do seculo. Vestido com a

camisa escarlate, acompanhára Garibaldi na conquista das Duas-Sicilias.

Encorporado no Estado-Maior do velho Napier, que lhe chamava \_the

Portuguese Lion\_ (o Leão Portuguez), fizera toda a campanha da

Abyssinia. Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas mezes que visitára

Hugo no seu rochedo de Guernesey...

Aqui recuei, com os olhos esbugalhados! Victor Hugo (todos ainda se

lembram), desterrado então em Guernesey, tinha para nós, idealistas e

democratas de 1867, as proporções sublimes e lendarias d'um S. João em

Pathmos. E recuei protestando, com os olhos esbugalhados, tanto se me

afigurava fóra das possibilidades que um portuguez, um Mendes tivesse

apertado nas suas a mão augusta que escrevera a \_Lenda dos Seculos\_!

Correspondencia com Mazzini, camaradagem com Garibaldi, vá! Mas na ilha

sagrada, ao rumor das ondas da Mancha, passear, conversar, scismar com o

vidente dos \_Miseraveis\_--parecia-me a impudente exaggeração d'um ilhéo

que me queria intrujar...

--Juro! gritou Vidigal, levantando a mão veridica ás acacias que nos

cobriam.

E immediatamente, para demonstrar a verosimilhança d'aquella gloria, já

altissima para Fradique, contou-me outra, bem superior, e que cercava o

estranho homem d'uma aureola mais refulgente. Não se tratava já de ser

estimado por um homem excelso--mas, coisa preciosa entre todas, de ser

amado por uma excelsa mulher. Pois bem! Durante dois annos, em Paris,

Fradique fôra o eleito de Anna de Léon, a gloriosa Anna de Léon, a mais

culta e bella cortezã (Vidigal dizia «o melhor bocado») do Segundo

Imperio, de que ella, pela graça especial da sua voluptuosidade

intelligente, como Aspasia no seculo de Pericles, fôra a expressão e a

flôr!

Muitas vezes eu lêra no \_Figaro\_ os louvores de Anna de Léon, e sabia

que poetas a tinham celebrado sob o nome de \_Venus Victoriosa\_. Os

amores com a cortezã não me impressionaram decerto tanto como a

intimidade com o homem das \_Contemplações\_: mas a minha incredulidade

cessou--e Fradique assumiu para mim a estatura d'um d'esses sêres que,

pela seducção ou pelo genio, como Alcibiades ou como G[oe]the, dominam

uma civilisação, e d'ella colhem deliciosamente tudo o que ella póde dar

em gostos e em triumphos.

Foi por isso talvez que córei, intimidado, quando Vidigal, reclamando

outro sorvete de leite, se offereceu para me levar ao surprehendente

Fradique. Sem me decidir, pensando em Novalis que tambem assim hesitava,

enleado, ao subir uma manhã em Berlim as escadas d'Hegel--perguntei a

Vidigal se o poeta das Lapidarias residia em Lisboa... Não! Fradique

viera de Inglaterra visitar Cintra, que adorava, e onde comprára a

quinta da \_Saragoça\_, no caminho dos Capuchos, para ter de verão em

Portugal um repouso fidalgo. Estivera lá desde o dia de Santo

Antonio:--e agora parára em Lisboa, no Hotel Central, antes de recolher

a Paris, seu centro e seu lar. De resto, accrescentou Marcos, não havia

como Fradique ninguem tão simples, tão alegre, tão facil. E, se eu

desejava conhecer um homem genial, que esperasse ao outro dia, domingo,

ás duas, depois da missa do Loreto, á porta da Casa Havaneza.

--Valeu? Ás duas, religiosamente, depois da missa!

Bateu-me o coração. Por fim, com um esforço, como Novalis no patamar

d'Hegel, afiancei, pagando os sorvetes, que ao outro dia, ás duas,

religiosamente, mas sem missa, estaria no portal da Havaneza!

II

Gastei a noite preparando phrases, cheias de profundidade e belleza,

para lançar a Fradique Mendes! Tendiam todas á glorificação das

Lapidarias. E lembro-me de ter, com amoroso cuidado, burilado e repolido

esta:--«A fórma de v. exc.^a é um marmore divino com estremecimentos

humanos!»

De manhã apurei requintadamente a minha \_toilette\_ como se, em vez de

Fradique, fosse encontrar Anna de Léon--com quem já n'essa madrugada,

n'um sonho repassado de erudição e sensibilidade, eu passeára na Via

Sagrada que vai de Athenas a Eleusis, conversando, por entre os lyrios

que desfolhavamos, sobre o ensino de Platão e a versificação das

Lapidarias. E ás duas horas, dentro de uma tipoia, para que o macadam

regado me não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havaneza,

pallido, perfumado, commovido, com uma tremenda rosa de chá na lapella.

Eramos assim em 1867!

Marcos Vidigal já me esperava, impaciente, roendo o charuto. Saltou para

a tipoia; e batemos através do Loreto, que escaldava ao sol do agosto.

Na rua do Alecrim (para combater a pueril emoção que me enleava)

perguntei ao meu companheiro quando publicaria Fradique as Lapidarias.

Por entre o barulho das rodas Vidigal gritou:

--Nunca!

E contou que a publicação d'aquelles trechos na \_Revolução de Setembro\_

quasi occasionára, entre Fradique e elle, «uma pega intellectual». Um

dia, depois de almoço, em Cintra, emquanto Fradique fumava o seu

\_chibouk\_ persa, Vidigal, na sua familiaridade, como patricio e como

parente, abrira sobre a mesa uma pasta de velludo negro. Descobrira,

surprehendido, largas folhas de versos, n'uma tinta já amarellada. Eram

as Lapidarias. Lêra a primeira, a \_Serenada de Satan aos astros\_. E,

maravilhado, pedira a Fradique para publicar na \_Revolução\_ algumas

d'essas estrophes divinas. O primo sorrira, consentira--com a rigida

condição de serem firmadas por um pseudonymo. Qual?... Fradique

abandonava a escolha á phantasia de Vidigal. Na redacção, porém, ao

revêr as provas, só lhe acudiram pseudonymos decrepitos e safados, o

\_Independente\_, o \_Amigo da Verdade\_, o \_Observador\_--nenhum bastante

novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse comsigo:--«Acabou-se!

Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!» Mas quando Fradique viu a

\_Revolução de Setembro\_ ficou livido, e chamou regeladamente a Vidigal

«indiscreto, burguez e philisteu»!--E aqui Vidigal parou para me pedir a

significação de \_philisteu\_. Eu não sabia; mas archivei gulosamente o

termo, como amargo. Recordo até que logo n'essa tarde, no Martinho,

tratei de \_philisteu\_ o auctor consideravel do \_Avè César!\_

--De modo que, rematou Vidigal, é melhor não lhe fallares nas

Lapidarias!

Sim! pensava eu. Talvez Fradique, á maneira do chanceller Bacon e

d'outros homens grandes pela acção, deseje esconder d'este mundo de

materialidade e de força o seu fino genio poetico! Ou talvez essa ira,

ao vêr o seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia

Lecomte de Lisle, seja a do artista nobremente e perpetuamente

insatisfeito que não aceita ante os homens como sua a obra onde sente

imperfeições! Estes modos de ser, tão superiores e novos, cahiam na

minha admiração como oleo n'uma fogueira. Ao pararmos no Central tremia

d'acanhamento.

Senti um allivio quando o porteiro annunciou que o snr. Fradique Mendes,

n'essa manhã, cedo, tomára uma caleche para Belem. Vidigal empallideceu,

de desespero:

--Uma caleche! Para Belem!... Ha alguma coisa em Belem?

Murmurei, n'uma idéa d'Arte, que havia os Jeronymos. N'esse instante uma

tipoia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um

homem desceu, ligeiro e forte. Era Fradique Mendes.

Vidigal, alvoroçado, apresentou-me como um «poeta seu amigo». Elle

adiantou a mão sorrindo--mão delicada e branca onde vermelhejava um

rubi. Depois, acariciando o hombro do primo Marcos, abriu uma carta que

lhe estendia o porteiro.

Pude então, á vontade, contemplar o cinzelador das Lapidarias, o

familiar de Mazzini, o conquistador das Duas-Sicilias, o bem-adorado de

Anna de Léon! O que me seduziu logo foi a sua esplendida solidez, a sã e

viril proporção dos membros rijos, o aspecto calmo de poderosa

estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão

firmemente como sobre aquelle chão de ladrilhos onde pousavam os seus

largos sapatos de verniz resplandecendo sob polainas de linho. A face

era do feitio aquilino e grave que se chama \_cesareano\_, mas sem as

linhas empastadas e a espessura flaccida que a tradição das Escólas

invariavelmente attribue aos Cesares, na tela ou no gesso, para os

revestir de magestade; antes pura e fina como a d'um Lucrecio moço, em

plena gloria, todo nos sonhos da Virtude e da Arte. Na pelle, d'uma

brancura lactea e fresca, a barba, por ser pouca decerto, não deixava

depois de escanhoada nem aspereza nem sombra; apenas um buço crespo e

leve lhe orlava os labios que, pela vermelhidão humida e pela

sinuosidade subtil, pareciam igual e superiormente talhados para a

Ironia e para o Amor. E toda a sua finura, misturada de energia, estava

nos olhos--olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de onyx,

d'uma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se

enterrava sem esforço, como uma verruma d'aço em madeira molle.

Trazia uma quinzena solta, d'uma fazenda preta e macia, igual á das

calças que cahiam sem um vinco: o collete de linho branco fechava por

botões de coral pallido: e o laço da gravata de setim negro, dando

relevo á alvura espelhada dos collarinhos quebrados, offerecia a

perfeição concisa que já me encantára no seu verso.

Não sei se as mulheres o considerariam \_bello\_. Eu achei-o um varão

magnifico--dominando sobretudo por uma graça clara que sahia de toda a

sua força mascula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão varias

e trabalhosas actividades não lhe cavára uma prega de fadiga. Parecia

ter emergido, havia momentos, assim de quinzena preta e barbeado, do

fundo vivo da Natureza. E apesar de Vidigal me ter contado que Fradique

festejára os «trinta e tres» em Cintra, pela festa de S. Pedro, eu

sentia n'aquelle corpo a robustez tenra e agil de um ephebo, na infancia

do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava se surprehendiam

immediatamente n'elle vinte seculos de litteratura.

Depois de lêr a carta, Fradique Mendes abriu os braços, n'um gesto

desolado e risonho, implorando a misericordia de Vidigal. Tratava-se,

como sempre, da Alfandega, fonte perenne das suas amarguras! Agora tinha

lá encalhado um caixote, contendo uma mumia egypcia...

--Uma mumia...?

Sim, perfeitamente, uma mumia historica, o corpo veridico e veneravel de

Pentaour, escriba ritual do Templo de Amnon em Thebas, e chronista de

Ramèzes II. Mandára-o vir de Paris para dar a uma senhora da Legação

d'Inglaterra, Lady Ross, sua amiga d'Athenas, que em plena frescura e

plena ventura, colleccionava antiguidades funerarias do Egypto e da

Assyria... Mas, apesar d'esforços sagazes, não conseguia arrancar o

defunto letrado aos armazens da Alfandega--que elle enchera de confusão

e de horror. Logo na primeira tarde, quando Pentaour desembarcára,

enfaixado dentro do seu caixão, a Alfandega aterrada avisou a policia.

Depois, calmadas as desconfianças d'um crime, surgira uma insuperavel

difficuldade:--que artigo da pauta se poderia applicar ao cadaver d'um

hierogrammata do tempo de Ramèzes? Elle Fradique suggerira o artigo que

taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque

defumado senão a mumia, sem ligaduras e sem inscripções, d'um arenque

que viveu? Ter sido peixe ou escriba nada importava para os effeitos

fiscaes. O que a Alfandega via diante de si era o corpo d'uma creatura,

outr'ora palpitante, hoje seccada ao fumeiro. Se ella em vida nadava

n'um cardume nas ondas do mar do Norte, ou se, nas margens do Nilo, ha

quatro mil annos, arrolava as rezes de Amnon e commentava os \_capitulos

de fim de dia\_--não era certamente da conta dos Poderes Publicos. Isto

parecia-lhe logico. Todavia as auctoridades da Alfandega continuavam a

hesitar, coçando o queixo, diante do cofre sarapintado que encerrava

tanto saber e tanta piedade! E agora n'aquella carta os amigos Pintos

Bastos aconselhavam, como mais nacional e mais rapido, que se arrancasse

um \_empenho\_ do Ministro da Fazenda para fazer sahir sem direitos o

corpo augusto do escriba de Ramèzes. Ora este empenho, quem melhor para

o alcançar que Marcos--esteio da Regeneração e seu Chronista musical?

Vidigal esfregava as mãos, illluminado. Ahi estava uma coisa bem digna

d'elle, «bem catita»--salvar do fisco a mumia «d'um figurão pharaonico»!

E arrebatou a carta dos Pintos Bastos, enfiou para a tipoia, gritou ao

cocheiro a morada do Ministro, seu collega na \_Revolução de Setembro\_.

Assim fiquei só com Fradique--que me convidou a subir aos seus quartos,

e esperar Vidigal, bebendo uma «soda e limão».

Pela escada, o poeta das Lapidarias alludiu ao torrido calor d'agosto. E

eu que n'esse instante, defronte do espelho no patamar, revistava, com

um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha

rosa--deixei estouvadamente escapar esta coisa hedionda:

--Sim, está d'escachar!

E ainda o torpe som não morrera, já uma afflicção me lacerava, por esta

«chulice» de esquina de tabacaria assim atabalhoadamente lançada como um

pingo de sêbo sobre o supremo artista das Lapidarias, o homem que

conversára com Hugo á beira-mar!... Entrei no quarto atordoado, com

bagas de suor na face. E debalde rebuscava desesperadamente uma outra

phrase sobre o calor, bem trabalhada, toda scintillante e nova! Nada! Só

me acudiam sordidezes parallelas, em calão teimoso:--«é de rachar»!

«está de ananazes»! «derrete os untos»!... Atravessei alli uma d'essas

angustias atrozes e grotescas, que, aos vinte annos, quando se começa a

vida e a litteratura, vincam a alma--e jámais esquecem.

Felizmente Fradique desapparecera por traz d'um reposteiro de alcova.

Só, limpando o suor, considerando que altos pensadores se exprimem

assim, com uma simplicidade rude,--serenei. E á perturbação succedeu a

curiosidade de descobrir em torno, pelo aposento, algum vestigio da

originalidade intensa do homem que o habitava. Vi apenas cançadas

cadeiras de reps azul-ferrete, um lustre embuçado em tulle, e uma

console, de altos pés dourados, entre as duas janellas que respiravam

para o rio. Sómente, sobre o marmore da console, e por meio dos livros

que atulhavam uma velha mesa de pau preto, pousavam soberbos ramos de

flôres: e a um canto afofava-se um espaçoso divan, installado decerto

por Fradique com colchões sobrepostos, que dois cobrejões orientaes

revestiam de côres estridentes. Errava além d'isso em toda a sala um

aroma desconhecido, que tambem me pareceu oriental, como feito de rosas

de Smyrna, mescladas a um fio de canella e mangerona.

Fradique Mendes voltára de dentro, vestido com uma cabaia chineza!

Cabaia de mandarim, de sêda verde, bordada a flôres de amendoeira--que

me maravilhou e que me intimidou. Vi então que tinha o cabello

castanho-escuro, fino e levemente ondeado sobre a testa, mais polida e

branca que os marfins de Normandia. E os olhos, banhados agora n'uma luz

franca, não apresentavam aquella negrura profunda que eu comparára ao

onyx, mas uma côr quente de tabaco escuro da Havana. Accendeu uma

cigarrette e ordenou a «soda e limão» a um creado surprehendente, muito

louro, muito grave, com uma perola espetada na gravata, largas calças de

xadrez verde e preto, e o peito florido por tres cravos amarellos!

(Percebi que este servo magnifico se chamava Smith). O meu enleio

crescia. Por fim Fradique murmurou, sorrindo, com sincera sympathia:

--Aquelle Marcos é uma flôr!

Concordei, contei a velha estima que me prendia a Vidigal, desde o

primeiro anno de Coimbra, dos nossos tempos estouvados de Concertina e

\_Sebenta\_. Então, alegremente, recordando Coimbra, Fradique perguntou-me

pelo Pedro Penedo, pelo Paes, por outros lentes ainda, do antigo typo

fradesco e bruto; depois pelas tias Camêlas, essas encantadoras velhas,

que escrupulosamente, através de lascivas gerações d'estudantes, tinham

permanecido virgens, para poderem no céo, ao lado de Santa Cecilia,

passar toda uma eternidade a tocar harpa... Era uma das suas memorias

melhores de Coimbra essa taverna das tias Camêlas, e as ceias

desabaladas que custavam setenta reis, comidas ruidosamente na penumbra

fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, por

entre temerosas contendas de Metaphysica e d'Arte. E que sardinhas! Que

arte divina em frigir o peixe! Muitas vezes em Paris se lembrára das

risadas, das illusões e dos piteus d'então!...

Tudo isto vinha n'um tom muito moço, sincero, singelo--que eu

mentalmente classificava de \_crystallino\_. Elle estirára-se no divan; eu

ficára rente da mesa, onde um ramo de rosas se desfolhava ao calor sobre

volumes de Darwin e do Padre Manoel Bernardes. E então, dissipado o

acanhamento, todo no appetite de revolver com aquelle homem genial idéas

de Litteratura, sem me lembrar que, como Bacon, elle desejava esconder o

seu genio poetico, ou artista insatisfeito nunca reconheceria a obra

imperfeita,--alludi ás Lapidarias.

Fradique Mendes tirou a cigarette dos labios para rir--com um riso que

seria genuinamente galhofeiro, se de certo modo o não contradissesse um

laivo de vermelhidão que lhe subira á face côr de leite. Depois declarou

que a publicação d'esses versos, \_com a sua assignatura\_, fôra uma

perfidia do leviano Marcos. Elle não considerava \_assignaveis\_ esses

pedaços de prosa rimada, que decalcára, havia quinze annos, na idade em

que se imita, sobre versos de Lecomte de Lisle, durante um verão de

trabalho e de fé, n'uma trapeira do Luxemburgo, julgando-se a cada rima

um innovador genial...

Eu acudi affirmando, todo em chamma, que depois da obra de Baudelaire

nada em Arte me impressionára como as Lapidarias! E ia lançar a minha

esplendida phrase, burilada n'essa noite com paciente cuidado:--«A fórma

de v. exc.^a é um marmore divino...» Mas Fradique deixára o divan e

pousava em mim os olhos finos de onix, com uma curiosidade que me

\_verrumava\_:

--Vejo então, disse elle, que é um devoto do maganão das \_Flôres do

Mal\_!

Córei, áquelle espantoso termo de \_maganão\_. E, muito grave, confessei

que para mim Baudelaire dominava, á maneira d'um grande astro, logo

abaixo d'Hugo, na moderna Poesia. Então Fradique, sorrindo

paternalmente, afiançou que bem cedo eu perderia essa illusão!

Baudelaire (que elle conhecera) não era verdadeiramente um poeta. Poesia

subentendia emoção: e Baudelaire, todo intellectual, não passava d'um

psychologo, d'um analysta--um dissecador subtil d'estados morbidos. As

\_Flôres do Mal\_ continham apenas resumos criticos de torturas moraes que

Baudelaire muito finamente comprehendera, mas nunca pessoalmente

\_sentira\_. A sua obra era como a d'um pathologista, cujo coração bate

normal e serenamente, emquanto descreve, á banca, n'uma folha de papel,

pela erudição e observação accumuladas, as perturbações temerosas d'uma

lesão cardiaca. Tanto assim que Baudelaire compuzera primeiro em prosa

as \_Flôres do Mal\_--e só mais tarde, depois de rectificar a justeza das

analyses, as passára a verso, laboriosamente, com um diccionario de

rimas!... De resto em França (accrescentou o estranho homem) não havia

poetas. A genuina expressão da clara intelligencia franceza era a prosa.

Os seus mais finos conhecedores prefeririam sempre os poetas cuja poesia

se caracterisasse pela precisão, lucidez, sobriedade--que são qualidades

de prosa; e um poeta tornava-se tanto mais popular quanto mais

visivelmente possuia o genio de prosador. Boileau continuaria a ser um

classico e um immortal, quando já ninguem se lembrasse em França do

tumultuoso lyrismo de Hugo...

Dizia estas coisas enormes n'uma voz lenta, penetrante--que ia

recortando os termos com a certeza e a perfeição d'um buril. E eu

escutava, varado! Que um Boileau, um pedagogo, um lambão de côrte,

permanecesse nos cimos da Poesia Franceza, com a sua \_Ode á tomada de

Namur\_, a sua cabelleira e a sua ferula, quando o nome do poeta da

\_Lenda dos Seculos\_ fosse como um suspiro do vento que

passou--parecia-me uma d'essas affirmações, de rebuscada originalidade,

com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente

classificava de \_insolente\_. Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras,

a contestar: mas não ousava, por não poder apresental-as n'aquella fórma

translucida e geometrica do poeta das Lapidarias. Essa cobardia, porém,

e o esforço para reter os protestos do meu enthusiasmo pelos Mestres da

minha mocidade, suffocava-me, enchia-me de mal-estar: e anciava só por

abalar d'aquella sala onde, com tão bolorentas opiniões classicas, tanta

rosa nas jarras e todas as molles exhalações de canella e mangerona,--se

respirava conjuntamente um ar abafadiço de Serralho e de Academia.

Ao mesmo tempo julgava humilhante ter soltado apenas, n'aquella

conversação com o familiar de Mazzini e d'Hugo, miudos reparos sobre o

Pedro Penedo e o carrascão das Camêlas. E na justa ambição de deslumbrar

Fradique com um resumo critico, provando as minhas finas letras, recorri

á phrase, á lapidada phrase, sobre a fórma do seu verso. Sorrindo,

retorcendo o buço, murmurei:--«Em todo o caso a fórma de v. exc.^a é um

marmore...» Subitamente, á porta que se abrira com estrondo, surgiu

Vidigal:

--Tudo prompto! gritou. Despachei o defunto!

O ministro, homem de poesia, e de eloquencia, interessára-se francamente

por aquella mumia d'um «collega», e jurára logo poupar-lhe o opprobrio

de ser tarifada como peixe salgado. S. exc.^a tinha mesmo

ajuntado:--«Não, senhor! não, senhor! Ha de entrar livremente, com todas

as honras devidas a um classico!» E logo de manhã Pentaour deixaria a

Alfandega, de tipoia!

Fradique riu d'aquella designação de \_classico\_ dada a um hierogrammata

do tempo de Ramèzes--e Vidigal, triumphante, abancando ao piano, entoou

com ardor a \_Grã-Duqueza\_. Então eu, tomado estranhamente, sem razão,

por um sentimento de inferioridade e de melancolia, estendi a mão para o

chapéo. Fradique não me reteve; mas os dois passos com que me acompanhou

no corredor, o seu sorriso e o seu \_shake-hands\_, foram perfeitos.

Apenas na rua, desabafei:--«Que pedante!»

Sim, mas inteiramente \_novo\_, dessemelhante de todos os homens que eu

até ahi conhecera! E á noite, na travessa do Guarda-Mór (occultando a

escandalosa apologia de Boileau, para nada d'elle mostrar imperfeito),

espantei J. Teixeira d'Azevedo com \_um\_ Fradique idealisado, em que tudo

era irresistivel, as idéas, o verbo, a cabaia de sêda, a face marmorea

de Lucrecio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!

J. Teixeira d'Azevedo tinha o enthusiasmo difficil e lento em fumegar. O

homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e theatral. Concordou no

emtanto que convinha ir estudar «um machinismo de \_pose\_ montado com

tanto luxo»!

Fomos ambos ao Central, dias depois, no fundo d'uma tipoia. Eu,

engravatado em setim, de gardenia ao peito. J. Teixeira d'Azevedo,

caracterisado de «Diogenes do seculo XIX», com um pavoroso cacete

ponteado de ferro, chapéo braguez orlado de sêbo, jaquetão encardido e

remendado que lhe emprestára o creado, e grossos tamancos ruraes!...

Tudo isto arranjado com trabalho, com despeza, com intenso nojo, só para

horrorisar Fradique--e diante d'esse homem de sceptismo e de luxo,

altivamente affirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral

do remendo e a philosophica austeridade da nodoa! Eramos assim em 1867!

Tudo perdido! Perdida a minha gardenia, perdida a immundicie estoica do

meu camarada! O snr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na

vespera n'um vapor que ia buscar bois a Marrocos.

III

Alguns annos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui conhecendo os

homens e a realidade das coisas, perdi a idolatria da Fórma, não tornei

a lêr Baudelaire. Marcos Vidigal, que, através da \_Revolução de

Setembro\_, trepára da Chronica Musical á Administração Civil, governava

a India como Secretario Geral, de novo entregue, n'esses ocios asiaticos

que lhe fazia o Estado, á \_Historia da Musica\_ e á concertina: e levado

assim esse grato amigo do Tejo para o Mandovi eu não soubera mais do

poeta das Lapidarias. Nunca porém se me apagára a lembrança do homem

singular. Antes por vezes me succedia de repente \_vêr\_, claramente

\_vêr\_, n'um relevo quasi tangivel--a face eburnea e fresca, os olhos côr

de tabaco insistentes e verrumando, o sorriso sinuoso e sceptico onde

viviam vinte seculos de litteratura.

Em 1871 percorri o Egypto. Uma occasião, em Memphis, ou no sitio em que

foi Memphis, navegava nas margens inundadas do Nilo, por entre

palmeiraes que emergiam da agua, e reproduziam sobre um fundo radiante

de luar oriental, o recolhimento e a solemnidade triste de longas

arcarias de claustros. Era uma solidão, um vasto silencio de terra

morta, apenas dôcemente quebrado pela cadencia dos remos e pelo canto

dolente do arraes... E eis que subitamente (sem que recordação alguma

evocasse até esta imagem)--\_vejo\_, nitidamente \_vejo\_, avançando com o

barco, e com elle cortando as faxas de luz e sombra, o quarto do Hotel

Central, o grande divan de côres estridentes, e Fradique, na sua cabaia

de sêda, celebrando por entre o fumo da cigarette a immortalidade de

Boileau! E eu mesmo já não estava no Oriente, nem em Memphis, sobre as

immoveis aguas do Nilo; mas lá, entre o reps azul, sob o lustre embuçado

em tulle, diante das duas janellas que miravam o Tejo, sentindo em baixo

as carroças de ferragens rolarem para o Arsenal. Perdera porém o

acanhamento que então me enleava. E, durante o tempo que assim remámos

n'esta decoração pharaonica para a morada do Sheik de Abou-Kair, fui

argumentando com o poeta das Lapidarias, e enunciando emfim, na defeza

de Hugo e Baudelaire, as coisas finas e tremendas com que o devia ter

emmudecido n'aquella tarde de agosto! O arraes cantava os vergeis de

Damasco. Eu berrava mentalmente:--«Mas veja v. exc.^a nos \_Miseraveis\_ a

alta lição moral...»

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora

mais quente; quando os \_muezzins\_ cantam a terceira oração. E ao apear

do meu burro, diante do Hotel Sheperd, nos jardins do Ezbekieh, quem hei

de eu avistar? Que homem, d'entre todos os homens, avistei eu no

terraço, estendido n'uma comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas

por traz da nuca, o \_Times\_ esquecido sobre os joelhos, embebendo-se

todo de calor e de luz? Fradique Mendes.

Galguei os degraus do terraço, lançando o nome de Fradique, por entre um

riso de transbordante prazer. Sem desarranjar a sua beatitude, elle

descruzou apenas um braço que me estendeu com lentidão. O encanto do seu

acolhimento esteve na facilidade com que me reconheceu, sob as minhas

lunetas azues, e o meu vasto chapéo panamá:

--«Então como vai desde o Hotel Central?... Ha quanto tempo pelo Cairo?»

Teve ainda outras palavras indolentes e affaveis. N'um banco ao seu

lado, todo eu sorria, limpando o pó que me empastára a face com uma

espessura de mascara. Durante o curto e dôce momento que alli

conversámos, soube que Fradique chegára havia uma semana de Suez, vindo

das margens do Euphrates e da Persia, por onde errára, como nos contos

de fadas, um anno inteiro e um dia; que tinha um \_debarieh\_, com o lindo

nome de \_Rosa das Aguas\_, já tripulado e amarrado á sua espera no caes

de Boulak; e que ia n'elle subir o Nilo até ao Alto Egypto, até á Nubia,

ainda para além de Ibsambul...

Todo o sol do Mar Vermelho e das planicies do Euphrates não lhe tostára

a pelle lactea. Trazia, exactamente como no Hotel Central, uma larga

quinzena preta e um collete branco fechado por botões de coral. E o laço

da gravata de setim negro representava bem, n'aquella terra de roupagens

soltas e rutilantes, a precisão formalista das idéas occidentaes.

Perguntou-me pela pachorrenta Lisboa, por Vidigal que burocratisava

entre os palmares brahmanicos... Depois, como eu continuava a esfregar o

suor e o pó, aconselhou que me purificasse n'um banho turco, na piscina

que fica ao pé da Mesquita de El-Monyed, e que repousasse toda a tarde,

para percorrermos á noite as illuminações do Beiram.

Mas em logar de descançar, depois do banho lustral, tentei ainda, ao

trote dôce de um burro, através da poeira quente do deserto libyco,

visitar fóra do Cairo as sepulturas dos Kalifas. Quando á noite, na sala

do Sheperd, me sentei diante da sopa de «rabo de boi», a fadiga

tirára-me o animo de pasmar para outras maravilhas musulmanas. O que me

appetecia era o leito fresco, no meu quarto forrado de esteiras, onde

tão romanticamente se ouviam cantar no jardim as fontes entre os rosaes.

Fradique Mendes já estava jantando, n'uma mesa onde flammejava, entre as

luzes, um ramo enorme de cactos. Ao seu lado pousava de leve, sobre um

escabello mourisco, uma senhora, vestida de branco, a quem eu só via a

massa esplendida dos cabellos louros, e as costas, perfeitas e

graciosas, como as d'uma estatua de Praxiteles que usasse um collete de

Madame Marcel; defronte, n'uma cadeira de braços, alastrava-se um homem

gordo e molle, cuja vasta face, de barbas encaracoladas, cheia de força

tranquilla como a de um Jupiter, eu já decerto encontrára algures, ou

viva ou em marmore. E cahi logo n'esta preoccupação. Em que rua, em que

museu admirára eu já aquelle rosto olympico, onde apenas a fadiga do

olhar, sob as palpebras pesadas, trahia a argilla mortal?

Terminei por perguntar ao negro de Seneh que servia o macarrão. O

selvagem escancarou um riso de faiscante alvura no ebano do carão

redondo, e, através da mesa, grunhiu com respeito:--\_Cé-le-diêu\_...

Justos céos! \_Le Dieu!\_ Intentaria o negro affirmar que aquelle homem de

barbas encaracoladas \_era um Deus\_--\_o Deus\_ especial e conhecido que

habitava o Sheperd! Fôra pois n'um altar, n'uma téla devota, que eu vira

essa face, dilatada em magestade pela absorpção perenne do incenso e da

prece? De novo interroguei o Nubio quando elle voltou erguendo nas mãos

espalmadas uma travessa que fumegava. De novo o Nubio me atirou, em

syllabas claras, bem feridas, dissipando toda a incerteza--\_C'est le

Dieu!\_

Era um Deus! Sorri a esta idéa de litteratura--um Deus de rabona,

jantando á mesa do Hotel Sheperd. E, pouco a pouco, da minha imaginação

esfalfada foi-se evolando não sei que sonho, esparso e tenue, como o

fumo que se eleva de uma brazeira meio apagada. Era sobre o Olympo, e os

velhos Deuses, e aquelle amigo de Fradique que se parecia com Jupiter.

Os Deuses (scismava eu, colhendo garfadas lentas da salada de tomates)

não tinham talvez morrido: e desde a chegada de S. Paulo á Grecia,

viviam refugiados n'um valle da Laconia, outra vez entregues, nos ocios

que lhes impozera o Deus novo, ás suas occupações primordiaes de

lavradores e pastores. Sómente, já pelo habito que os Deuses nunca

perderam de imitar os homens, já para escapar aos ultrajes d'uma

Christandade pudibunda, os olympicos abafavam sob saias e jaquetões o

esplendor das nudezas que a Antiguidade adorára: e como tomavam outros

costumes humanos, ora por necessidade (cada dia se torna mais difficil

ser Deus), ora por curiosidade (cada dia se torna mais divertido ser

Homem), os Deuses iam lentamente consummando a sua humanisação. Já por

vezes deixavam a doçura do seu valle bucolico; e com bahús, com saccos

de tapete, viajavam por distracção ou negocios, folheando os \_Guias

Bedecker\_. Uns iam estudar nas cidades, entre a Civilisação, as

maravilhas da Imprensa, do Parlamentarismo e do Gaz; outros,

aconselhados pelo erudito Hermes, cortavam a monotonia dos longos estios

da Attica bebendo as aguas em Vichy ou em Carlsbad: outros ainda, na

saudade imperecivel das omnipotencias passadas, peregrinavam até ás

ruinas dos templos onde outr'ora lhes era offertado o mel e o sangue das

rezes. Assim se tornava verosimil que aquelle homem, cuja face cheia de

magestade e força serena reproduzia as feições com que Jupiter se

revelou á Escóla d'Athenas--fosse na realidade Jupiter, o Tonante, o

Fecundador, pai inesgotavel dos Deuses, creador da Regra e da Ordem. Mas

que motivo o traria alli, vestido de flanella azul, pelo Cairo, pelo

Hotel Sheperd, comendo um macarrão que profanadoramente se prendia ás

barbas divinas por onde a ambrosia escorrera? Certamente o dôce motivo

que através da Antiguidade, em Céo e Terra, sempre inspirára os actos de

Jupiter--do frascario e femeeiro Jupiter. O que o podia arrastar ao

Cairo senão \_alguma saia\_, esse desejo esplendidamente insaciavel de

deusas e de mulheres que outr'ora tornava pensativas as donzellas da

Hellenia ao decorarem na Cartilha Pagã as datas em que elle batera as

azas de Cysne entre os joelhos de Leda, sacudira as pontas de touro

entre os braços d'Europa, gottejára em pingos d'ouro sobre o seio de

Danae, pulára em linguas de fogo até aos labios d'Egina, e mesmo um dia,

enojando Minerva e as damas sérias do Olympo, atravessára toda a

Macedonia com uma escada ao hombro para trepar ao alto eirado da morena

Seméle? Agora, evidentemente, viera ao Cairo passar umas férias

sentimentaes, longe da Juno molle e conjugal, com aquella viçosa mulher,

cujo busto irresistivel provinha das artes conjuntas de Praxiteles e de

Madame Marcel. E ella, quem seria ella? A côr das suas tranças, a suave

ondulação dos seus hombros, tudo indicava claramente uma d'essas

deliciosas Nymphas das Ilhas da Ionia, que outr'ora os Diaconos

Christãos expulsavam dos seus frescos regatos, para n'elles baptisar

centuriões cacheticos e comidos de dividas, ou velhas matronas com pêllo

no queixo, tropegas do incessante peregrinar aos altares de Aphrodite.

Nem elle nem ella porém podiam esconder a sua origem divina: através do

vestido de cassa o corpo da Nympha irradiava uma claridade; e,

attendendo bem, vêr-se-hia a fronte marmorea de Jupiter arfar em

cadencia, no calmo esforço de perpetuamente conceber a Regra e a Ordem.

Mas Fradique? Como se achava alli Fradique, na intimidade dos Immortaes,

bebendo com elles champagne Clicquot, ouvindo de perto a harmonia

ineffavel da palavra de Jove? Fradique era um dos derradeiros crentes do

Olympo, devotamente prostrado diante da Fórma, e transbordando de

alegria pagã. Visitára a Laconia; fallava a lingua dos Deuses; recebia

d'elles a inspiração. Nada mais consequente do que descobrir Jupiter no

Cairo, e prender-se logo ao seu serviço, como \_cicerone\_, nas terras

barbaras de Allah. E certamente com elle e com a Nympha da Ionia ia

Fradique subir o Nilo, na \_Rosa das Aguas\_, até aos derrocados templos

onde Jupiter poderia murmurar, pensativo, e indicando minas d'aras com a

ponta do guarda-sol:--«Abichei aqui muito incenso!»

Assim, através da salada de tomates, eu desenvolvia e coordenava estas

imaginações--decidido a convertel-as n'um Conto para publicar em Lisboa

na \_Gazeta de Portugal\_. Devia chamar-se \_A derradeira campanha de

Jupiter\_:--e n'elle obtinha o fundo erudito e phantasista para incrustar

todas as notas de costumes e de paizagens colhidas na minha viagem do

Egypto. Sómente, para dar ao conto um relevo de modernidade e de

realismo picante, levaria a Nympha das aguas, durante a jornada do Nilo,

a enamorar-se de Fradique e a trahir Jupiter! E eil-a aproveitando cada

recanto de palmeiral e cada sombra lançada pelos velhos pilones d'Osiris

para se pendurar do pescoço do poeta das Lapidarias, murmurar-lhe coisas

em grego mais dôces que os versos de Hesiodo, deixar-lhe nas flanellas o

seu aroma de ambrosia, e ser por todo esse valle do Nilo immensamente

\_cochonne\_--emquanto o Pai dos Deuses, cofiando as barbas encaracoladas,

continuaria imperturbavelmente a conceber a Ordem, supremo, augusto,

perfeito, ancestral e cornudo!

Enthusiasmado, já construia a primeira linha do Conto: «Era no Cairo,

nos jardins de Choubra, depois do jejum do Ramadan...»--quando vi

Fradique adiantar-se para mim, com a sua chavena de café na mão. Jupiter

tambem se erguera, cançadamente. Pareceu-me um Deus pesado e molle, com

um principio de obesidade, arrastando a perna tarda, bem proprio para o

ultrage que eu lhe preparava na \_Gazeta de Portugal\_. Ella porém tinha a

harmonia, o aroma, o andar, a irradiação d'uma Deusa!... Tão realmente

divina que resolvi logo substituir-me a Fradique no Conto, ser eu o

\_cicerone\_, e com os Immortaes vogar á véla e á sirga sobre o rio de

immortalidade! Junto á minha face, não á de Fradique, balbuciaria ella,

desfallecendo de paixão entre os granitos sacerdotaes de Medinet-Abou,

as coisas mais dôces da \_Anthologia\_! Ao menos, em sonho, realisava uma

triumphal viagem a Thebas. E faria pensar aos assignantes da \_Gazeta de

Portugal\_:--«O que elle por lá gozou!»

Fradique sentára-se, recebendo, de Jove e da Nympha que passavam, um

sorriso cuja doçura tambem me envolveu. Vivamente puxei a cadeira para o

poeta das Lapidarias:

--Quem é este homem? Conheço-lhe a cara...

--Naturalmente, de gravuras... É Gautier!

Gautier! Theophilo Gautier! O grande Theo! O mestre impeccavel! Outro

ardente enlevo da minha mocidade! Não me enganára pois inteiramente. Se

não era um Olympico--era pelo menos o derradeiro Pagão, conservando,

n'estes tempos de abstracta e cinzenta intellectualidade, a religião

verdadeira da Linha e da Côr! E esta intimidade de Fradique com o auctor

de \_Mademoiselle de Maupin\_, com o velho paladino de \_Hernani\_,

tornou-me logo mais precioso este compatriota que dava á nossa gasta

Patria um lustre tão original! Para saber se elle preferia aniz ou

genebra acariciei-lhe a manga com meiguice. E foi em mim um extase

ruidoso, diante da sua agudeza, quando elle me aclarou o grunhir do

negro de Seneh. O que eu tomára pelo annuncio d'uma presença divina

significava apenas--\_c'est le deux!\_ Gautier no hotel occupava o quarto

numero dois. E, para o barbaro, o plastico mestre do Romantismo era

apenas--\_o dois!\_

Contei-lhe então a minha phantasia pagã, o Conto que ia trabalhar, os

perfeitos dias de paixão que lhe destinava na viagem para a Nubia. Pedi

mesmo permissão para lhe dedicar a \_Derradeira Campanha de Jupiter\_.

Fradique sorriu, agradeceu. Desejaria bem (confessou elle) que essa

fosse a realidade, porque não se podia encontrar mulher de mais genuina

belleza e de mais aguda seducção do que essa Nympha das aguas, que se

chamava Jeanne Morlaix, e era comparsa dos \_Delassements-Comiques\_. Mas,

para seu mal, a radiosa creatura estava caninamente namorada de um

Sicard, corretor de fundos, que a trouxera ao Cairo, e que fôra n'essa

tarde, com banqueiros gregos, jantar aos jardins de Choubra...

--Em todo o caso, accrescentou o originalissimo homem, nunca esquecerei,

meu caro patricio, a sua encantadora intenção!

Descartes, zombando, creio eu, da physica Epicuriana ou atomista, falla

algures das affeiçoes produzidas pelos \_Atomes crochus\_, atomos

recurvos, em fórma de colchete ou d'anzol, que se engancham

invisivelmente de coração a coração, e formam essas \_cadeias\_,

resistentes como o bronze de Samothracia, que para sempre ligam e fundem

dois sêres, n'uma constancia vencedora da Sorte e sobrevivente á Vida.

Um qualquer \_nada\_ provoca esse fatal ou providencial enlaçamento

d'atomos. Por vezes um olhar, como desastradamente em Verona succedeu a

Romeu e Julieta: por vezes o impulso de duas creanças para o mesmo

fructo, n'um vergel real, como na amizade classica de Orestes e Pylades.

Ora, por esta theoria (tão satisfatoria como qualquer outra em

Psychologia affectiva), a esplendida aventura de amor, que eu tão

generosamente reservára a Fradique na \_Ultima campanha de Jupiter\_,

seria a causa mysteriosa e inconsciente, o \_nada\_ que determinou a sua

primeira sympathia para commigo, desenvolvida, solidificada depois em

seis annos de intimidade intellectual.

Muitas vezes, no decurso da nossa convivencia, Fradique alludiu

gratamente a essa minha \_encantadora intenção\_ de lhe atar em torno do

pescoço os braços de Jeanne Morlaix. Fôra elle captivado pela sinuosa e

poetica homenagem que eu assim prestava ás suas seducções de homem? Não

sei.--Mas, quando nos erguemos para ir vêr as illuminações do Beiram,

Fradique Mendes, com um modo novo, aberto, quente, quasi intimo, já me

tratava por \_vossê\_.

As illuminações no Oriente consistem, como as do Minho, de tigellinhas

de barro e de vidro onde arde um pavio ou uma mecha d'estopa. Mas a

descomedida profusão com que se prodigalisam as tigellinhas (quando as

paga o Pachá) torna as velhas cidades meio arruinadas, que assim se

enfeitam em louvor de Allah, realmente deslumbrantes--sobretudo para um

occidental besuntado de litteratura, e inclinado a vêr por toda a parte,

reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas d'essas \_Mil

e uma noites\_ que ninguem jámais leu.

Na celebração do Beiram (custeada pelo Khediva), as tigellinhas eram

incontaveis--e todas as linhas do Cairo, as mais quebradas e as mais

fugidias, resaltavam na escuridão, esplendidamente sublinhadas por um

risco de luz. Longas fieiras de pontos refulgentes marcavam a borda dos

eirados; as portas abriam sob ferraduras de lumes; dos toldos pendia uma

franja que faiscava; um brilho tremia, com a aragem, sobre cada folha

d'arvore; e os minaretes, que a Poesia Oriental classicamente compara

desde seculos aos braços da Terra levantados para o Céo, ostentavam,

como braços em noite de festa, um luxo de braceletes fulgindo na treva

serena. Era (lembrei eu a Fradique) como se durante todo o dia tivesse

cahido sobre a sordida cidade uma grossa poeirada d'ouro, pousando em

cada friso de \_moucharabieh\_ e em cada grade de varandim, e agora

rebrilhasse, com radiosa saliencia, na negrura da noite calma.

Mas, para mim, a belleza especial e nova estava na multidão festiva que

atulhava as praças e os bazares--e que Fradique, através do rumor e da

poeira, me explicava como um livro de estampas. Com quanta profundidade

e miudeza conhecia o Oriente este patricio admiravel! De todas aquellas

gentes, intensamente diversas desde a côr até ao traje--elle sabia a

raça, a historia, os costumes, o logar proprio na civilisação musalmana.

Devagar, abotoado n'um paletot de flanella, com um chicote de nervo (que

é no Egypto o emblema de Auctoridade) entalado debaixo do braço, ia

apontando, nomeando á minha curiosidade flammejante essas estranhas

figuras, que eu comparava, rindo, ás d'uma mascarada fabulosa, arranjada

por um archeologo em noite de folia erudita para reproduzir as «modas»

dos Semitas e os seus «typos» através das idades:--aqui Fellahs,

ridentes e ageis na sua longa camisa de algodão azul; além Beduinos

sombrios, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o

pesado alfange de bainha escarlate pendurado no peito; mais longe

Abadiehs, de grenha em fórma de mêda, eriçada de longas cerdas de

porco-espinho que os corôam d'uma aureola negra... Estes, de porte

insolente; com compridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas

reluzindo nas cintas de sêda, e curtos saiotes tufados e encanudados,

eram Arnautas da Macedonia; aquelles, bellas estatuas gregas esculpidas

em ebano, eram homens do Sennar; os outros, com a cabeça envolta n'um

lenço amarello cujas franjas immensas lhes faziam uma romeira de fios

d'ouro, eram cavalleiros do Hedjaz... E quantos ainda elle me fazia

distinguir e comprehender! Judeus immundos, de caracoes frisados; Coptas

togados á maneira de senadores; soldados pretos do Darfour, com fardetas

de linho ennodoadas de poeira e sangue; Ulemas de turbante verde; Persas

de mitra de feltro; mendigos de mesquita, cobertos de chagas; amanuenses

turcos, pomposos e anafados, de collete bordado a ouro... Que sei eu! Um

Carnaval rutilante, onde a cada momento passavam, sacudidos pelo trote

dos burros sobre albardas vermelhas, enormes saccos enfunados--que eram

mulheres. E toda esta turba magnifica e ruidosa se movia entre

invocações a Allah, repiques de pandeiretas, gemidos estridentes

partindo das cordas das \_dourbakas\_, e cantos lentos--esses cantos

arabes, d'uma voluptuosidade tão dolente e tão aspera, que Fradique

dizia passarem n'alma com uma «caricia rascante». Mas por vezes, entre o

casario decrepito e rendilhado, surgia uma frontaria branca, casa rica

de Sheik ou de Pachá, com a varanda em arcarias, por onde se avistavam

lá dentro, n'um silencio de harem, sêdas colgantes, recamos d'ouro, um

tremor de lumes no crystral dos lustres, fórmas airosas sob véos

claros... Então a multidão parava, emmudecia, e de todos os labios sahia

um grande \_ah!\_ languido e maravilhado.

Assim caminhavamos, quando, ao sahir do Moujik, Fradique Mendes parou,

e, muito gravemente, trocou com um moço pallido, de esplendidos olhos, o

\_salam\_--essa saudação oriental em que os dedos tres vezes batem a

testa, a bôca e o coração. E como eu, rindo, lhe invejava aquella

intimidade com um «homem de tunica verde e de mitra persa»:

--É um Ulema de Bagdad, disse Fradique, d'uma casta antiga,

superiormente intelligente... Uma das personalidades mais finas e mais

seductoras que encontrei na Persia!

Então, com a familiaridade que se ia entre nós accentuando, perguntei a

Fradique o que o detivera assim na Persia um anno inteiro e um dia como

nos contos de fadas. E Fradique, com toda a singeleza, confessou que se

demorára tanto nas margens do Euphrates por se achar casualmente ligado

a um movimento religioso que, desde 1849, tomava na Persia um

desenvolvimento quasi triumphal, e que se chamava o \_Babismo\_. Attrahido

para essa nova seita por curiosidade critica, para observar como nasce e

se funda uma Religião, chegára pouco a pouco a ganhar pelo Babismo um

interesse militante--não por admiração da doutrina, mas por veneração

dos apostolos. O Babismo (contou-me elle, seguindo por uma viella mais

solitaria e favoravel ás confidencias) tivera por iniciador certo

Mirza-Mohamed, um d'esses Messias que cada dia surgem na incessante

fermentação religiosa do Oriente, onde a religião é a occupação suprema

e querida da vida. Tendo conhecido os Evangelhos Christãos por contacto

com os Missionarios; iniciado na pura tradição mosaista pelos judeus do

Hiraz; sabedor profundo do Guebrismo, a velha religião nacional da

Persia--Mirza-Mohamed amalgamára estas doutrinas com uma concepção mais

abstracta e pura do Mahometismo, e declarára-se \_Bab\_. Em persa \_Bab\_

quer dizer \_Porta\_. Elle era, pois, a \_porta\_--a unica \_porta\_ através

da qual os homens poderiam jámais penetrar na absoluta Verdade. Mais

litteralmente, Mirza-Mohamed apresentava-se como o grande \_porteiro\_, o

homem eleito entre todos pelo Senhor para abrir aos crentes a porta da

Verdade--e portanto do Paraiso. Em resumo era um Messias, um Christo.

Como tal atravessou a classica evolução dos Messias: teve por primeiros

discipulos, n'uma aldeia obscura, pastores e mulheres: soffreu a sua

tentação na montanha: cumpriu as penitencias expiadoras: prégou

parabolas: escandalisou em Méca os doutores: e padeceu a sua Paixão,

morrendo, não me lembro se degolado, se fuzilado, depois do jejum do

Rhamadan, em Tabriz.

Ora, dizia Fradique, no mundo musulmano ha duas divisões religiosas--os

Sieds e os Sunis. Os Persas são Sieds, como os Turcos são Sunis. Estas

differenças porém, no fundo, têm um caracter mais politico e de raça, do

que theologico e de dogma; ainda que um fellah do Nilo desprezará sempre

um persa do Euphrates como \_heretico\_ e \_sujo\_. A discordancia resalta,

mais viva e teimosa, logo que Sieds ou Sunis necessitem pronunciar-se

perante uma nova interpretação de doutrina ou uma nova apparição de

propheta. Assim o Babismo entre os Sieds, topára com uma hostilidade que

se avivou até á perseguição:--a isto desde logo indicava que seria

acolhido pelos Sunis com deferencia e sympathia.

Partindo d'esta idéa, Fradique, que em Bagdad se ligára familiarmente

com um dos mais vigorosos e auctorisados apostolos do Babismo,

Said-El-Souriz (a quem salvára o filho d'uma febre paludosa com

applicações de \_Fruit-salt\_), suggerira-lhe um dia, conversando ambos no

eirado sobre estes altos interesses espirituaes, a idéa de apoiar o

Babismo nas raças agricolas do valle do Nilo e nas raças nómadas da

Libya. Entre homens de seita Suni, o Babismo encontraria um campo facil

ás conversões; e, pela tradicional marcha dos movimentos sectarios, que

no Oriente, como em toda a parte, sobem das massas sinceras do povo até

ás classes cultas, talvez essa nova onda de emoção religiosa, partindo

dos Fellahs e dos Beduinos, chegasse a penetrar no ensino de alguma das

mesquitas do Cairo, sobretudo na mesquita de El-Azhar, a grande

Universidade do Oriente, onde os ulemas mais moços formam uma cohorte de

enthusiastas sempre disposta ás innovações e aos apostolados

combattentes. Ganhando ahi auctoridade theologica, e litterariamente

polido, o Babismo poderia então atacar com vantagem as velhas fortalezas

do Musulmanismo dogmatico. Esta idéa penetrára profundamente em

Said-El-Souriz. Aquelle moço pallido, com quem elle trocára o \_salam\_,

fôra logo mandado como emissario babista a Medinet-Abou (a antiga

Thebas), para sondar o Sheik Ali-Hussein, homem de decisiva influencia

em todo o valle do Nilo pelo seu saber e pela sua virtude: e elle,

Fradique, não tendo agora no Occidente occupações attractivas, cheio de

curiosidade por este pittoresco Advento, partia tambem para Thebas,

devendo encontrar-se com o babista, á lua mingoante, em Beni-Soueff, no

Nilo...

Não recordo, depois de tantos annos, se estes eram os factos certos. Só

sei que as revelações de Fradique, lançadas assim através do Cairo em

festa, me impressionaram indizivelmente. Á medida que elle fallava do

Bab, d'essa missão apostolica ao velho Sheik de Thebas, de uma outra fé

surgindo no mundo musulmano com o seu cortejo de martyrios e d'extasis,

da possivel fundação de um imperio Babista--o homem tomava aos meus

olhos proporções grandiosas. Não conhecera jámais ninguem envolvido em

coisas tão altas: e sentia-me ao mesmo tempo orgulhoso e aterrado de

receber este segredo sublime. Outra não seria minha commoção, se, nas

vesperas de S. Paulo embarcar para a Grecia, a levar a Palavra aos

gentilicos, eu tivesse com elle passeado pelas ruas estreitas de

Seleucia, ouvindo-lhe as esperanças e os sonhos!

Assim conversando, penetrámos no adro da mesquita de El-Azhar onde mais

fulgurante e estridente tumultuava a festa do Beiram. Mas já não me

prendiam as surprezas d'aquelle arraial musulmano--nem \_almées\_ dançando

entre brilhos de vermelho e d'ouro; nem poetas do deserto recitando as

façanhas d'Antar; nem Derviches, sob as suas tendas de linho, uivando em

cadencia os louvores d'Allah... Calado, invadido pelo pensamento do Bab,

revolvia commigo o confuso desejo de me aventurar n'essa campanha

espiritual! Se eu partisse para Thebas com Fradique?... Porque não?

Tinha a mocidade, tinha o enthusiasmo. Mais viril e nobre seria encetar

no Oriente uma carreira de evangelista, que banalmente recolher á banal

Lisboa, a escrevinhar tiras de papel, sob um bico de gaz, na \_Gazeta de

Portugal\_! E pouco a pouco d'este desejo, como d'uma agua que ferve, ia

subindo o vapor lento d'uma visão. Via-me discipulo do Bab--recebendo

n'essa noite, do ulema de Bagdad, a iniciação da Verdade. E partia logo

a prégar, a espalhar o verbo babista. Onde iria? A Portugal certamente,

levando de preferencia a salvação ás almas que me eram mais caras. Como

S. Paulo, embarcava n'uma galera: as tormentas assaltavam a minha prôa

apostolica: a imagem do Bab apparecia-me sobre as aguas, e o seu sereno

olhar enchia minha alma de fortaleza indomavel. Um dia, por fim,

avistava terra, e na manhã clara sulcava o claro Tejo, onde ha tantos

seculos não entra um enviado de Deus. Logo de longe lançava uma injuria

ás igrejas de Lisboa, construcções d'uma Fé vetusta e menos pura.

Desembarcava. E, abandonando as minhas bagagens, n'um desprendimento já

divino de bens ainda terrestres, galgava aquella bemdita rua do Alecrim,

e em meio do Loreto, á hora em que os Directores Geraes sobem devagar da

Arcada, abria os braços e bradava:--«Eu sou a \_Porta\_!»

Não mergulhei no Apostolado babista--mas succedeu que, enlevado n'estas

phantasmagorias, me perdi de Fradique. E não sabia o caminho do Hotel

Sheperd,--nem, para d'elle me informar, outros termos uteis, em arabe,

além de \_agua\_ e \_amor\_! Foram angustiosos momentos em que farejei

estonteado pelo largo de El-Azhar, tropeçando nos fogareiros onde fervia

o café, esbarrando inconsideradamente contra rudes beduinos armados. Já

por sobre a turba atirava, aos brados, o nome de Fradique--quando topei

com elle olhando placidamente uma \_almée\_ que dançava...

Mas seguiu logo, encolhendo os hombros. Nem me permittiu adiante admirar

um poeta, que, em meio de fellahs pasmados e de Moghrebinos arrimados ás

lanças, lia, n'uma toada langorosa e triste, tiras de papel ensebado. A

Dança e a Poesia, affirmava Fradique, as duas grandes artes orientaes,

iam em miserrima decadencia. N'uma e outra se tinham perdido as

tradições do estylo puro. As \_almées\_, pervertidas pela influencia dos

casinos do Ezbequieh onde se perneia o can-can--já polluiam a graça das

velhas danças arabes, atirando a perna pelos ares á moda vil de

Marselha! E na Poesia triumphava a mesma banalidade, mesclada de

extravagancia. As fórmas delicadas do classicismo persa nem se

respeitavam, nem quasi se conheciam; a fonte da imaginação seccava entre

os musulmanos; e a pobre Poesia Oriental, tratando themas vetustos com

uma emphase preciosa, descambára, como a nossa, n'um \_Parnasianismo\_

barbaro...

--De sorte, murmurei, que o Oriente...

--Está tão mediocre como o Occidente.

E recolhemos ao hotel, devagar, emquanto Fradique, findando o charuto,

me contava que o espirito oriental, hoje, vive só da actividade

philosophica, agitado cada manhã por uma nova e complicada concepção da

Moral, que lhe offerecem os Logicos dos bazares e os Metaphysicos do

deserto...

Ao outro dia acompanhei Fradique a Boulak, onde elle ia embarcar para o

Alto Egypto. O seu \_debarieh\_ esperava, amarrado á estacaria, rente das

casas do Velho Cairo, entre barcas d'Assouan, carregadas de lentilha e

de cana dôce. O sol mergulhava nas areias libycas: e ao alto, o céo

adormecia, sem uma sombra, sem uma nuvem, puro em toda a sua

profundidade como a alma d'um justo. Uma fila de mulheres coptas, com o

cantaro amarello pousado no hombro, descia cantando para a agua do Nilo,

bemdita entre todas as aguas. E os ibis, antes de recolher aos ninhos,

vinham, como no tempo em que eram Deuses, lançar por sobre os eirados,

com um bater d'azas contentes, a benção crepuscular.

Baixei, atraz de Fradique, ao salão do \_debarieh\_, envidraçado,

estofado, com armas penduradas para as manhãs de caça, e rumas de livros

para as séstas de estudo e de calma quando lentamente se navega á sirga.

Depois, durante momentos, no convés, contemplámos silenciosamente

aquellas margens que, através das compridas idades, têm feito o enlevo

de todos os homens, por todos sentirem que n'ellas a vida é cheia de

bens maiores e de doçura suprema. Quantos, desde os rudes Pastores que

arrazaram Thanis, aqui pararam como nós, alongando para estas aguas,

para estes céos, olhos cobiçosos, extaticos ou saudosos: Reis de Judá,

Reis de Assyria, Reis da Persia; os Ptolomeus magnificos; Prefeitos de

Roma e Prefeitos de Byzancio; Amrou enviado de Mahomet, S. Luiz enviado

de Christo; Alexandre-o-Grande sonhando o imperio do Oriente, Bonaparte

retomando o immenso sonho; e ainda os que vieram só para contar da terra

adoravel, desde o loquaz Herodoto até ao primeiro Romantico, o homem

pallido de grande \_pose\_ que disse as dôres de «Réné»! Bem conhecida é

ella, a paizagem divina e sem igual. O Nilo corre, paternal e fecundo.

Para além verdejam, sob o vôo das pombas, os jardins e os pomares de

Rhodah. Mais longe as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze sobre o

ouro da tarde, abrigam aldeias que têm a simplicidade de ninhos. Á orla

do deserto, erguem-se, no orgulho da sua eternidade, as tres Pyramides.

Apenas isto--e para sempre a alma fica presa e lembrando, e para viver

n'esta suavidade e n'esta belleza os povos travam entre si longas

guerras.

Mas a hora chegára: abracei Fradique com singular emoção. A vela fôra

içada á briza suave que arripiava a folhagem das mimosas. Á prôa o

arraes, espalmando as mãos para o céo, clamou:--«Em nome de Allah que

nos leve, clemente e misericordioso!» Ao redor, d'outras barcas, vozes

lentas murmuraram:--«Em nome de Allah que vos leve!» Um dos remadores,

sentado á borda, feriu as cordas da \_dourbaka\_, outro tomou uma flauta

de barro. E entre bençãos e cantos a vasta barca fendeu as aguas

sagradas, levando para Thebas o meu incomparavel amigo.

III

Durante annos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrára as

suas jornadas dentro da Europa Occidental--emquanto eu errava pela

America, pelas Antilhas, pelas republicas do golfo do Mexico. E quando a

minha vida emfim se aquietou n'um velho condado rural de Inglaterra,

Fradique, retomado por essa «bisbilhotice ethnographica» a que elle

allude n'uma carta a Oliveira Martins, começava a sua longa viagem ao

Brazil, aos Pampas, ao Chili e á Patagonia.

Mas o fio de sympathia, que nos unira no Cairo, não se partiu; nem nós,

apesar de tão tenue, o deixámos perder por entre os interesses mais

fortes das nossas fortunas desencontradas. Quasi todos os tres mezes

trocavamos uma carta--cinco ou seis folhas de papel que eu

tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique

miudamente enchia de idéas e de factos. Além d'isto, eu sabia de

Fradique por alguns dos meus camaradas, com quem, durante uma residencia

mais intima em Lisboa, do outono de 1875 ao verão de 1876, elle creára

amizades onde todos encontraram proveito intellectual e encanto.

Todos, apesar das dissimilhanças de temperamentos ou das maneiras

differentes de conceber a vida--tinham como eu sentido a seducção

d'aquelle homem adoravel. D'elle me escrevia em novembro de 1877 o

auctor do \_Portugal Contemporaneo\_:--«Cá encontrei o teu Fradique, que

considero o portuguez mais interessante do seculo XIX. Tem curiosas

parecenças com Descartes! É a mesma paixão das viagens, que levava o

philosopho a fechar os livros «para estudar o grande livro do Mundo»; a

mesma attracção pelo luxo e pelo ruido, que em Descartes se traduzia

pelo gosto de frequentar as «côrtes e os exercitos»; o mesmo amor do

mystério, e das subitas desapparições; a mesma vaidade, nunca

confessada, mas intensa, do nascimento e da fidalguia; a mesma coragem

serena; a mesma singular mistura de instinctos romanescos e de razão

exacta, de phantasia e de geometria. Com tudo isto falta-lhe na vida um

fim sério e supremo, que estas qualidades, em si excellentes

concorressem a realisar. E receio que em logar do \_Discurso sobre o

Methodo\_ venha só a deixar um \_vaudeville\_». Ramalho Ortigão, pouco

tempo depois, dizia d'elle n'uma carta carinhosa:--«Fradique Mendes é o

mais completo, mais acabado producto da civilisação em que me tem sido

dado embeber os olhos. Ninguem está mais superiormente apetrechado para

triumphar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais

fresca, como a idéa do seu espirito é sempre a mais original. Marcha

cinco leguas sem parar, bate ao remo os melhores remadores de Oxford,

mette-se sósinho ao deserto a caçar o tigre, arremette com um chicote na

mão contra um troço de lanças abyssinias:--e á noite n'uma sala, com a

sua casaca do Cook, uma perola negra no esplendor do peitilho, sorri ás

mulheres com o encanto e o prestigio com que sorrira á fadiga, ao perigo

e á morte. Faz armas como o cavalleiro de Saint-Georges, e possue as

noções mais novas e as mais certas sobre Physica, sobre Astronomia,

sobre Philologia e sobre Metaphysica. É um ensino, uma lição de alto

gosto, vêl-o no seu quarto, na vida intima de \_gentleman\_ em viagem,

entre as suas malas de couro da Russia, as grandes escovas de prata

lavrada, as cabaias de sêda, as carabinas de Winchester, preparando-se,

escolhendo um perfume, bebendo golos de chá que lhe manda o Gran-Duque

Vladimir, e dictando a um creado de calção, mais veneravelmente correcto

que um mordomo de Luiz XIV, telegrammas que vão levar noticias suas aos

\_boudoirs\_ de Paris e de Londres. E depois de tudo isto fecha a sua

porta ao mundo--e lê Sophocles no original».

O poeta da \_Morte de D. João\_ e da \_Musa em Ferias\_ chamava-lhe «um

Sainte-Beuve encadernado em Alcides». E explicava assim, n'uma carta

d'esse tempo que conservo, a sua apparição no mundo: «Deus um dia

agarrou n'um bocado de Henri Heine, n'outro de Chateaubriand, n'outro de

Brummel, em pedaços ardentes d'aventureiros da Renascença, e em

fragmentos resequidos de sabios do Instituto de França, entornou-lhe por

cima \_champagne\_ e tinta de imprensa, amassou tudo nas suas mãos

omnipotentes, modelou á pressa Fradique, e arrojando-o á Terra disse:

Vai, e veste-te no Poole!» Emfim Carlos Mayer, lamentando como Oliveira

Martins que ás multiplas e fortes aptidões de Fradique faltasse

coordenação e convergencia para um fim superior, deu um dia sobre a

personalidade do meu amigo um resumo sagaz e profundo: «O cerebro de

Fradique está admiravelmente construido e mobilado. Só lhe falta uma

idéa que o alugue, para vivar e governar lá dentro. Fradique é um genio

com escriptos!»

Tambem Fradique, n'esse inverno, conheceu o pensador das \_Odes

Modernas\_, de quem, n'uma das suas cartas a Oliveira Martins, falla com

tanta elevação e carinho. E o ultimo companheiro da minha mocidade que

se relacionou com o antigo poeta das Lapidarias foi J. Teixeira

d'Azevedo, no verão de 1877, em Cintra, na quinta da \_Saragoça\_, onde

Fradique viera repousar da sua jornada ao Brazil e ás republicas do

Pacifico. Tinham ahi conversado muito, e divergido sempre. J. Teixeira

d'Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperavel

antipathia pelo que elle chamava o \_lymphatismo critico\_ de Fradique.

Homem todo de emoção não se podia fundir intellectualmenle com aquelle

homem todo de analyse. O extenso saber de Fradique tambem não o

impressionava. «As noções d'esse guapo erudito (escrevia elle em 1879)

são bocados do Larousse diluidos em agua de Colonia». E emfim certos

requintes de Fradique (escovas de prata e camisas de sêda), a sua voz

mordente recortando o verbo com perfeição e preciosidade, o seu habito

de beber champagne com \_soda-water\_, outros traços ainda, causavam uma

irritação quasi physica ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mór.

Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o portuguez

mais interessante e mais suggestivo do seculo XIX. E correspondia-se

regularmente com elle--mas para o contradizer com acrimonia.

Em 1880 (nove annos depois da minha peregrinação no Oriente), passei em

Paris a semana da Paschoa. Uma noite, depois da Opera, fui cear

solitariamente ao Bignon. Tinha encetado as ostras e uma chronica do

\_Temps\_, quando por traz do jornal que eu encostára á garrafa assomou

uma larga mancha clara, que era um collete, um peitilho, uma gravata,

uma face, tudo de incomparavel brancura. E uma voz muito serena

murmurou: «Separámo-nos ha annos no caes de Boulak...» Ergui-me com um

grito, Fradique com um sorriso;--e o \_maitre-d'hotel\_ recuou assombrado

diante da meridional e ruidosa effusão do meu abraço. D'essa noite em

Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intellectual--que em oito

annos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissão, nem uma

sombra que lhe toldasse a pureza.

Determinadamente lhe chamo \_intellectual\_, porque esta intimidade nunca

passou além das coisas do espirito. Nas alegres temporadas que com elle

convivi em Paris, em Londres e em Lisboa, de 1880 a 1887, na nossa

copiosa correspondencia d'esses annos privei sempre, sem reserva, com a

intelligencia de Fradique--e interrompidamente assisti e me misturei á

sua vida pensante: nunca porém penetrei na sua vida affectiva de

sentimento e de coração. Nem, na verdade, me atormentou a curiosidade de

a conhecer--talvez por sentir que a rara originalidade de Fradiqoe se

concentrava toda no sêr pensante, e que o outro, o sêr sensivel, feito

da banal argilla humana, repetia sem especial relevo as costumadas

fragilidades da argilla. De resto, desde essa noite de Paschoa em Paris

que iniciou as nossas relações, nós conservámos sempre o habito

especial, um pouco altivo, talvez estreito, de nos considerarmos dois

puros espiritos. Se eu então concebesse uma Philosophia original, ou

preparasse os mandamentos d'uma nova Religião, ou surripiasse á Natureza

distrahida uma das suas secretas Leis--de preferencia escolheria

Fradique como confidente d'esta actividade espiritual; mas nunca, na

ordem do Sentimento, iria a elle com a confidencia d'uma esperança ou

d'uma desillusão. E Fradique igualmente manteve commigo esta attitude de

inaccessivel recato--não se manifestando nunca aos meus olhos senão na

sua funcção intellectual.

Muito bem me lembro eu d'uma resplandecente manhã de maio em que

atravessavamos, conversando por sob os castanheiros em flôr, o jardim

das Tulherias. Fradique, que se encostára ao meu braço, vinha

vagarosamente desenvolvendo a idéa de que a extrema democratisação da

Sciencia, o seu universal e illimitado derramamento através das plebes,

era o grande erro da nossa civilisação, que com elle preparava para bem

cedo a sua catastrophe moral... De repente, ao transpôrmos a grade para

a praça da Concordia, o Philosopho que assim lançava, por entre as

tenras verduras de maio, estas predicções de desastre e de fim--estaca,

emmudece! Diante de nós, ao trote fino d'uma egoa de luxo, passára

vivamente, para os lados da rua Royale, um coupé onde entrevi, na

penumbra dos setins que o forravam, uns cabellos côr de mel. Vivamente

tambem, Fradique sacode o meu braço, balbucia um «adeus!», acena a um

fiacre, e desapparece ao galope arquejante da pileca para os lados do

cães d'Orsay. «Mulher!», pensei eu. Era, com effeito, a mulher e o seu

tormento; e como se deprehende d'uma carta a Madame de Jouarre (datada

de «Maio, sabbado», e começando: «Hontem philosophava com um amigo no

jardim das Tulherias...») Fradique corria n'esse fiacre a uma desillusão

bem rude e mortificante. Ora n'essa tarde, ao crepusculo, fui (como

combinára) buscar Fradique á rua de Varennes, ao velho palacio dos

Tredennes, onde elle installára desde o Natal os seus aposentos com um

luxo tão nobre e tão sobrio. Apenas entrei na sala que denominavamos a

«Heroica», porque a revestiam quatro tapeçarias de Luca Cornelio

contando os \_Trabalhos de Hercules\_, Fradique deixa a janella d'onde

olhava o jardim já esbatido em sombra, vem para mim serenamente, com as

mãos enterradas nos bolsos d'uma quinzena de sêda. E, como se desde essa

manhã \_nenhum outro\_ cuidado o absorvesse senão o seu thema do jardim

das Tulherias:

--Não lhe acabei de dizer ha pouco... A Sciencia, meu caro, tem de ser

recolhida como outr'ora aos Santuarios. Não ha outro meio de nos salvar

da anarchia moral. Tem de ser recolhida aos Santuarios, e entregue a um

sacro collegio intellectual que a guarde, que a defenda contra as

curiosidades das plebes... Ha a fazer com esta idéa um programma para as

gerações novas!

Talvez na face, se eu tivesse reparado, encontrasse restos de pallidez e

de emoção: mas o tom era simples, firme, d'um critico genuinamente

occupado na deducção do seu conceito. Outro homem que, como aquelle,

tivesse soffrido horas antes uma desillusão tão mortificante e rude,

murmuraria ao menos, n'um desafogo generico e impessoal:--«Ah, amigo,

que estupida é a vida!» Elle fallou da Sciencia e das

Plebes,--desenrolando determinadamente diante de mim, ou impondo talvez

a si mesmo, os raciocinios do seu cerebro, para que os meus olhos não

penetrassem de leve, ou os seus não se detivessem demais, nas amarguras

do seu coração.

N'uma carta a Oliveira Martins, de 1883, Fradique diz:--«O homem, como

os antigos reis do Oriente, não se deve mostrar aos seus semelhantes

senão unica e serenamente \_occupado no officio de reinar--isto é, de

pensar\_». Esta regra, d'um orgulho apenas permissivel a um Spinosa ou a

um Kant, dirigia severamente a sua conducta. Pelo menos commigo assim se

comportou immutavelmente, através da nossa activa convivencia, não se

abrindo, não se offerecendo todo, senão nas funcções da Intelligencia.

Por isso talvez, mais que nenhum outro homem, elle exerceu sobre mim

imperio e seducção.

IV

O que impressionava logo na Intelligencia de Fradique, ou antes na sua

maneira de se exercer, era a suprema liberdade junta á suprema audacia.

Não conheci jámais espirito tão impermeavel á tyrannia ou á insinuação

das «idéas feitas»: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar

original e proprio com mais calmo e soberbo desassombro. «Apesar de

trinta seculos de geometria me affirmarem (diz elle n'uma carta a J.

Teixeira d'Azevedo) que \_a linha recta é a mais curta distancia entre

dois pontos\_, se eu achasse que, para subir da porta do Hotel Universal

á porta da Casa Havaneza, me sahia mais directo e breve rodear pelo

bairro de S. Martinho e pelos altos da Graça, declararia logo á secular

geometria--que a distancia mais curta entre dois pontos é uma \_curva\_

vadia e delirante!». Esta independencia da Razão, que Fradique assim

apregôa com desordenada Phantasia, constitue uma qualidade rara:--mas o

animo de a affirmar intemeratamente diante da magestosa Tradição, da

Regra, e das conclusões oraculares dos Mestres, é já uma virtude, e

rarissima, de radiosa excepção!

Fradique (n'outra carta a J. Teixeira d'Azevedo) falla d'um polaco, G.

Cornuski, professor e critico, que escrevia na \_Revista Suissa\_, e que

(diz Fradique) «constantemente sentia o seu gosto, muito pessoal e muito

decidido, rebellar-se contra obras de Litteratura e de Arte que a

unanimidade critica, desde seculos, tem consagrado como magistraes--a

\_Gerusalemme Liberata\_ do Tasso, as telas do Ticiano, as tragedias de

Racine, as orações de Bossuet, os nossos \_Lusiadas\_, e outros monumentos

canonizados. Mas, sempre que a sua probidade de Professor e de Critico

lhe impunha a proclamação da verdade, este homem robusto, sanguineo, que

heroicamente se batera em duas insurreições, tremia, pensava:--«Não!

Porque será o meu criterio mais seguro que o de tão finos entendimentos

através dos tempos? Quem sabe? Talvez n'essas obras exista a

sublimidade--e só no meu espirito a impotencia de a comprehender». E o

desgraçado Cornuski, com a alma mais triste que um crepusculo d'outono,

continuava, diante dos córos da \_Athalie\_ e das nudezes do Ticiano, a

murmurar desconsoladamente:--«Como é bello!»

Raros soffrem estas angustias criticas do desditoso Cornuski. Todos

porém, com risonha inconsciencia, praticam o seu servilismo

intellectual. Já, com effeito, porque o nosso espirito não possua a

viril coragem de affrontar a auctoridade d'aquelles a quem

tradicionalmente attribue um criterio mais firme e um saber mais alto;

já porque as idéas estabelecidas, fluctuando diffusamente na nossa

memoria, depois de leituras e conversas, nos pareçam ser as nossas

proprias; já porque a suggestão d'esses conceitos se imponha e nos leve

subtilmente a concluir em concordancia com elles--a lamentavel verdade é

que hoje todos nós servilmente tendemos a pensar e sentir como antes de

nós e em torno de nós já se sentiu ou pensou.

«O homem do seculo XIX, o Europeu, porque só elle é essencialmente do

seculo XIX (diz Fradique n'uma carta a Carlos Mayer), vive dentro d'uma

pallida e morna \_infecção de banalidade\_, causada pelos quarenta mil

volumes que todos os annos, suando e gemendo, a Inglaterra, a França e a

Allemanha depositam ás esquinas, e em que interminavelmente e

monotonamente reproduzem, com um ou outro arrebique sobreposto, as

quatro idéas e as quatro impressões legadas pela Antiguidade e pela

Renascença. O Estado por meio das suas escólas canalisa esta infecção. A

isto, oh Carolus, se chama \_educar\_! A creança, desde a sua primeira

«Selecta de Leitura» ainda mal soletrada, começa a absorver esta camada

do Logar-Commum--camada que depois todos os dias, através da vida, o

Jornal, a Revista, o Folheto, o Livro lhe vão atochando no espirito até

lh'o empastarem todo em banalidade, e lh'o tornarem tão inutil para a

producção como um sólo cuja fertilidade nativa morreu sob a areia e

pedregulho de que foi barbaramente alastrado. Para que um Europeu

lograsse ainda hoje ter algumas idéas novas, de viçosa originalidade,

seria necessario que se internasse no Deserto ou nos Pampas; e ahi

esperasse pacientemente que os sopros vivos da Natureza, batendo-lhe a

Intelligencia e d'ella pouco a pouco varrendo os detritos de vinte

seculos de Litteratura, lhe refizessem uma virgindade. Por isso eu te

affirmo, oh Carolus Mayerensis, que a Intelligencia, que altivamente

pretenda readquirir a divina potencia de gerar, deve ir curar-se da

Civilisacão litteraria por meio d'uma residencia tonica, durante dois

annos, entre os Hottentotes e os Patagonios. A Patagonia opéra sobre o

Intellecto como Vichy sobre o figado--desobstruindo-o, e permittindo-lhe

o são exercicio da funcção natural. Depois de dois annos de vida

selvagem, entre o Hottentote nú movendo-se na plenitude logica do

Instincto,--que restará ao civilisado de todas as suas idéas sobre o

Progresso, a Moral, a Religião, a Industria, a Economia Politica, a

Sociedade e a Arte? Farrapos. Os pendentes farrapos que lhe restarão das

pantalonas e da quinzena que trouxe da Europa, depois de vinte mezes de

matagal e de brejo. E não possuindo em torno de si Livros e Revistas que

lhe renovem uma provisão de «idéas feitas», nem um benefico Nunes

Algibebe que lhe forneça uma outra andaina de «fato feito»--o Europeu

irá insensivelmente regressando á nobreza do estado primitivo, nudez do

corpo e originalidade da alma. Quando de lá voltar é um Adão forte e

puro, virgem de litteratura, com o craneo limpo de todos os conceitos e

todas as noções amontoadas desde Aristoteles podendo proceder

soberbamente a um exame inedito das coisas humanas. Carlos, espirito que

distillas \_espiritos\_, queres remergulhar nas Origens e vir commigo á

inspiradora Hottentocia? Lá, livres e nús, estirados ao sol entre a

palmeira e o regato que tutelarmente nos darão o sustento do corpo, com

a nossa lança forte cravada na relva, e mulheres ao lado vertendo-nos

n'um canto dôce a porção de poesia e de sonho que a alma

precisa--deixaremos livremente as ilhargas crestadas estalarem-nos de

riso á idéa das grandes Philosophias, e das grandes Moraes, e das

grandes Economias, e das grandes Criticas, e das grandes Pilherias que

vão por essa Europa, onde densos formigueiros de chapéos altos se

atropellam, estonteados pelas superstições da civilisação, pela illusão

do ouro, pelo pedantismo das sciencias, pelas mistificações dos

reformadores pela escravidão da rotina, e pela estupida admiração de si

mesmos!...»

Assim diz Fradique. Ora este «exame inedito das coisas humanas», só

possivel, segundo o poeta das Lapidarias, ao Adão renovado que

regressasse da Patagonia com o espirito escarolado do pó e do lixo de

longos annos de Litteratura--tentou-o elle, sem deixar os muros

classicos da rua de Varennes, com incomparavel vigor e sinceridade. E

n'isto mostrava intrepidez moral. No mundo a que irresistivelmente o

prendiam os seus gostos e os seus habitos--mundo mediano e regrado, sem

invenção e sem iniciativa intellectual, onde as Idéas, para agradar,

devem ser como as Maneiras, «geralmente adoptadas» e não individualmente

creadas--Fradique, com a sua indocil e brusca liberdade de Juizos,

affrontava o perigo de passar por um petulante rebuscador de

originalidade, avido de gloriola e de excessivo destaque. Um espirito

inventivo e novo, com uma força de pensar muito propria, deixando

transbordar a vida abundante e multipla que o anima e enche--é mais

desagradavel a esse mundo do que o homem rudemente natural que não regre

e limite dentro das «Conveniencias» a espessura da cabelleira, o

estridor das risadas, e o franco mover dos membros grossos. D'esse

espirito indisciplinado e creador, logo se murmura com desconfiança:

«Pretencioso! busca o effeito e o destaque!» Ora Fradique nada detestava

mais intensamente do que o \_effeito\_ e o \_destaque excessivo\_. Nunca lhe

conheci senão gravatas escuras. E tudo preferiria a ser apontado como um

d'esses homens, que, sem odio sincero a Diana e ao seu culto e só para

que d'elles se falle com espanto nas praças, vão, em plena festa,

agitando um grande facho, incendiar-lhe o templo em Epheso. Tudo

preferiria--menos (como elle diz n'uma carta a Madame de Jouarre) «ter

de vestir a Verdade nos armazens do Louvre para poder entrar com ella em

casa de Anna de Varle, duqueza de Varle e d'Orgemont. A entrar hei de

levar a minha amiga núa, toda núa, pisando os tapetes com os seus pés

nús, enristando para os homens as pontas fecundas dos seus nobres seios

nús. \_Amicus Mundus, sed magis amica Veritas!\_ Este bello latim

significa, minha madrinha, que eu, no fundo, julgo que a originalidade é

agradavel ás mulheres e só desagradavel aos homens--o que duplamente me

leva a amal-a com pertinacia».

Esta independencia, esta livre elasticidade de espirito e intensa

sinceridade--impedindo que por seducção elle se désse todo a um Systema,

onde para sempre permanecesse por inercia--eram de resto as qualidades

que melhor convinham á funcção intellectual que para Fradique se tornára

a mais continua e preferida. «Não ha em mim infelizmente (escrevia elle

a Oliveira Martins, em 1882) nem um sabio, nem um philosopho. Quero

dizer, não sou um d'esses homens seguros e uteis, destinados por

temperamento ás analyses secundarias que se chamam Sciencias, e que

consistem em reduzir uma multidão de factos esparsos a Typos e Leis

particulares por onde se explicam modalidades do Universo; nem sou

tambem um d'esses homens, fascinantes e pouco seguros, destinados por

genio ás analyses superiores que se chamam Philosophias, e que consistem

em reduzir essas Leis e esses Typos a uma formula geral por onde se

explica a essencia mesma do inteiro Universo. Não sendo pois um sabio,

nem um philosopho, não posso concorrer para o melhoramento dos meus

semelhantes--nem accrescendo-lhes o bem-estar por meio da Sciencia que é

uma productora de riqueza, nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da

Metaphysica que é uma inspiradora de poesia. A entrada na Historia

tambem se me conserva vedada:--porque, se, para se produzir Litteratura

basta possuir talentos, para tentar a Historia convém possuir virtudes.

E eu!... Só portanto me resta ser, através das idéas e dos factos, um

homem que passa, infinitamente curioso e attento. A egoista occupação do

meu espirito hoje, caro historiador, consiste em me acercar d'uma idéa

ou d'um facto, deslizar suavemente para dentro, percorrel-o miudamente,

explorar-lhe o inedito, gozar todas as surprezas e emoções intellectuaes

que elle possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcella de

verdade que exista nos seus refolhos--e sahir, passar a outro facto ou a

outra idéa, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as

cidades d'um paiz d'arte e luxo. Assim visitei outr'ora a Italia,

enlevado no esplendor das côres e das fórmas. Temporal e espiritualmente

fiquei simplesmente um \_touriste\_».

Estes \_touristes\_ da intelligencia abundam em França e em Inglaterra.

Sómente Fradique não se limitava, como esses, a exames exteriores e

impessoaes, á maneira de quem n'uma cidade d'Oriente, retendo as noções

e os gostos de Europeu, estuda apenas o aéreo relevo dos monumentos e a

roupagem das multidões. Fradique (para continuar a sua imagem)

transformava-se em «cidadão das cidades que visitava». Mantinha por

principio que se devia momentaneamente \_crêr\_ para bem comprehender uma

crença. Assim se fizera babista, para penetrar e desvendar o Babismo.

Assim se afiliára em Paris a um club revolucionario, \_As Pantheras de

Batignolles\_, e frequentára as suas sessões, encolhido n'uma quinzena

sordida pregada com alfinetes, com a esperança de lá colher «a flôr de

alguma extravagancia instructiva». Assim se incorporava em Londres aos

Positivistas rituaes, que, nos dias festivos do Calendario Comtista, vão

queimar o incenso e a myrrha na ara da Humanidade e enfeitar de rosas a

Imagem de Augusto Comte. Assim se ligára com os \_Theosophistas\_,

concorrera prodigamente para a fundação da \_Revista Espiritista\_, e

presidia as Evocações da rua Cardinet, envolto na tunica de linho, entre

os dois \_mediums\_ supremos, Patoff e Lady Thorgan. Assim habitára

durante um longo verão Seo-d'Urgel, a catholica cidadella do Carlismo,

«para destrinçar bem (diz elle) quaes são os motivos e as formulas que

fazem um \_Carlista\_--porque todo o sectario obedece á realidade d'um

motivo e á illusão d'uma formula». Assim se tornára o confidente do

veneravel Principe Koblaskini, para «poder desmontar e estudar peça a

peça o mecanismo d'um cerebro de Nihilista». Assim se preparava (quando

a morte o surprehendeu) a voltar á India, para se tornar budhista

praticante, e penetrar cabalmente o Budhismo, em que fixára a

curiosidade e actividade critica dos seus derradeiros annos. De sorte

que d'elle bem se póde dizer que foi o devoto de todas as Religiões, o

partidario de todos os Partidos, o discipulo de todas as

Philosophias--cometa errando através das idéas, embebendo-se

convictamente n'ellas, de cada uma recebendo um accrescimo de

substancia, mas em cada uma deixando alguma coisa do calor e da energia

do seu movimento pensante. Aquelles que imperfeitamente o conheciam

classificavam Fradique como um \_dilettante\_. Não! essa séria convicção

(a que os inglezes chamam \_earnestness\_), com que Fradique se

arremessava ao fundo real das coisas, communicava á sua vida uma valia e

efficacia muito superiores ás que o \_dilettantismo\_, a diversão sceptica

que tantas injurias arrancou a Carlyle, communica ás naturezas que a

elle deliciosamente se abandonam. O \_dilettante\_, com effeito, corre

entre as idéas e os factos como as borboletas (a quem é desde seculos

comparado) correm entre as flôres, para pousar, retomar logo o vôo

estouvado, encontrando n'essa fugidia mutabilidade o deleite supremo.

Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente

extrahindo o seu mel:--quero dizer, de cada opinião recolhendo essa

«parcella de verdade» que cada uma invariavelmente contém, desde que

homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou

paixão.

Assim se exercia esta diligente e alta Intelligencia. Qual era porém a

sua qualidade essencial e intrinseca? Tanto quanto pude discernir, a

suprema qualidade intellectual de Fradique pareceu-me sempre ser--uma

percepção extraordinaria da Realidade. «Todo o phenomeno (diz elle n'uma

carta a Anthero de Quental, suggestiva através de certa obscuridade que

a envolve) tem uma Realidade. A expressão de \_Realidade\_ não é

philosophica; mas eu emprego-a, lanço-a ao acaso e tenteando, para

apanhar dentro d'ella o mais possivel d'um conceito pouco coercivel,

quasi irreductivel ao verbo. Todo o phenomeno, pois, tem relativamente

ao nosso entendimento e á sua potencia de discriminar, uma

Realidade--quero dizer certos caracteres, ou (para me exprimir por uma

imagem, como recommenda Buffon) certos \_contornos\_ que o limitam, o

definem, lhe dão feição propria no esparso e universal conjunto, e

constituem o seu \_exacto\_, \_real\_ e \_unico\_ modo de ser. Sómente o erro,

a ignorancia, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a

ILLUSÃO, formam em torno de cada phenomeno uma nevoa que esbate e

deforma os seus contornos, e impede que a visão intellectual o divise no

seu \_exacto\_, \_real\_ e \_unico\_ modo de ser. É justamente o que succede

aos monumentos de Londres mergulhados no nevoeiro... Tudo isto vai

expresso d'um modo bem hesitante e incompleto! Lá fóra o sol está

cahindo d'um céo fino e nitido sobre o meu quintal de convento coberto

de neve dura: n'este ar tão puro e claro, em que as coisas tomam um

relevo rigido, perdi toda a flexibilidade e fluidez da technologia

philosophica: só me poderia exprimir por imagens recortadas á tesoura.

Mas vossê decerto comprehenderá, Anthero excellente e subtil! Já esteve

em Londres, no outono, em novembro? Nas manhãs de nevoeiro, n'uma rua de

Londres, ha difficuldade em distinguir se a sombra densa que ao longe se

empasta é a estatua d'um heroe ou o fragmento d'um tapume. Uma

pardacenta illusão submerge toda a cidade--e com espanto se encontra

n'uma taverna quem julgára penetrar n'um templo. Ora para a maioria dos

espiritos uma nevoa igual fluctua sobre as realidades da vida e do

mundo. D'ahi vem que quasi todos os seus passos são transvios, quasi

todos os seus juizos são enganos; e estes constantemente estão trocando

o Templo e a Taberna. Raras são as visões intellectuaes bastante agudas

e poderosas para romper através da neblina e surprehender as linhas

exactas, o verdadeiro contorno da Realidade. Eis o que eu queria

tartamudear».

Pois bem! Fradique dispunha de uma d'essas visões privilegiadas. O

proprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e \_detalhar em

silencio\_--como dizia Oliveira Martins--revelava logo o seu processo

interior de concentrar e applicar a Razão, á maneira de um longo e

pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as nevoas, a Realidade pouco a

pouco lhe surgisse na sua rigorosa e \_unica\_ fórma.

A manifestação d'esta magnifica força que mais impressionava--era o seu

poder de \_definir\_. Possuindo um espirito que \_via\_ com a maxima

exactidão; possuindo um verbo que \_traduzia\_ com a maxima concisão--elle

podia assim dar resumos absolutamente profundos e perfeitos. Lembro que

uma noite, na sua casa da rua de Varennes, em Paris, se discutia com

ardor a natureza da Arte. Repetiram-se todas as definições de Arte,

enunciadas desde Platão: inventaram-se outras, que eram, como sempre, o

phenomeno visto limitadamente através d'um temperamento. Fradique

conservou-se algum tempo mudo, dardejando os olhos para o vago. Por fim,

com essa maneira lenta (que para os que incompletamente o conheciam

parecia professoral) murmurou, no silencio deferente que se

alargára:--«A Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação».

Certamente, não conheço mais completa definição d'Arte! E com razão

affirmava um amigo nosso, homem de excellente phantasia, que «se o bom

Deus, um dia, compadecido das nossas hesitações, nos atirasse lá de

cima, do seu divino ermo, a final explicação da Arte, nós ouviriamos

resoar entre as nuvens, soberba como o rolar de cem carros de guerra, a

definição de Fradique!»

A superior intelligencia de Fradique tinha o apoio de uma cultura forte

e rica. Já os seus instrumentos de saber eram consideraveis. Além d'um

solido conhecimento das linguas classicas (que, na sua idade de Poesia e

de Litteratura decorativa, o habilitára a crear em latim barbaro

poemetos tão bellos como o \_Laus Veneris tenebrosae\_)--possuia

profundamente os idiomas das tres grandes nações pensantes, a França, a

Inglaterra e a Allemanha. Conhecia tambem o arabe, que (segundo me

affirmou Riaz-Effendi, chronista do sultão Abdul-Aziz) fallava com

abundancia e gosto.

As sciencias naturaes eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciavel e

religiosa curiosidade do Universo impellira-o a estudar tudo o que

divinamente o compõe, desde os insectos até aos astros. Estudos

carinhosamente feitos com o coração--porque Fradique sentia pela

Natureza, sobretudo pelo animal e pela planta, uma ternura e uma

veneração genuinamente budhistas. «Amo a Natureza (escrevia-me elle em

1882) por si mesma, toda e individualmente, na graça e na fealdade de

cada uma das fórmas innumeraveis que a enchem: e amo-a ainda como

manifestação tangivel e multipla da suprema Unidade, da Realidade

intangivel, a que cada Religião e cada Philosophia deram um nome diverso

e a que eu presto culto sob o nome de Vida. Em resumo adoro a Vida--de

que são igualmente expressões uma rosa e uma chaga, uma constellação e

(com horror o confesso) o conselheiro Acacio. Adoro a Vida e portanto

tudo adoro--porque tudo é viver, mesmo morrer. Um cadaver rigido no seu

esquife vive tanto como uma aguia batendo furiosamente o vôo. E a minha

religião está toda no credo de Athanasio, com uma pequena

variante:--«Creio na \_Vida\_ toda-poderosa, creadora do céo e da

terra...»

Quando começou porém a nossa intimidade, em 1880, o seu inquieto

espirito mergulhava de preferencia nas sciencias sociaes, aquellas

sobretudo que pertencem á Pre-historia--a Anthropologia, a Linguistica,

o estudo das Raças, dos Mythos e das Instituições Primitivas. Quasi

todos os tres mezes, altas rumas de livros enviadas da casa Hachette,

densas camadas de Revistas especiaes, alastrando o tapete de Caramania,

indicavam-me que uma nova curiosidade se apoderára d'elle com

intensidade e paixão. Conheci-o assim successiva e ardentemente occupado

com os monumentos megalithicos da Andaluzia; com as habitações

lacustres; com a mythologia dos povos Aryanos; com a magia Chaldaica;

com as raças Polynesias; com o direito costumario dos Cafres; com a

christianisação dos Deuses Pagãos... Estas aferradas investigações

duravam emquanto podia extrahir d'ellas «alguma emoção ou surpreza

intellectual». Depois, um dia, Revistas e volumes desappareciam, e

Fradique annunciava triumphalmente alargando os passos alegres por sobre

o tapete livre:--«Sorvi todo o Sabeismo!», ou «Esgotei os Polynesios!»

O estudo porém a que se prendeu ininterrompidamente, com especial

constancia, foi o da Historia. «Desde pequeno (escrevia elle a Oliveira

Martins, n'uma das suas ultimas cartas, em 1886) tive a paixão da

Historia. E adivinha vossê porquê, Historiador? Pelo confortavel e

conchegado sentimento que ella me dava da solidariedade humana. Quando

fiz onze annos, minha avó, de repente, \_para me habituar ás coisas duras

da vida\_ (como ella dizia), arrancou-me ao pachorrento ensino do padre

Nunes, e mandou-me a uma escóla chamada \_Terceirense\_. O jardineiro

levava-me pela mão: e todos os dias a avó me dava com solemnidade um

pataco para eu comprar na tia Martha, confeiteira da esquina, bolos para

a minha merenda. Este creado, este pataco, estes bolos, eram costumes

novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho--por me descerem

ao nivel humilde dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém,

folheando uma \_Encyclopedia de Antiguidades Romanas\_, que tinha

estampas, li, com surpreza, que os rapazes em Roma (na grande Roma!) iam

tambem de manhã para a escóla, como eu, pela mão d'um servo--denominado

o \_Capsarius\_; e compravam tambem, como eu, um bolo n'uma tia Martha do

Velabro ou das Carinas, para comerem á merenda--que chamavam o

\_Ientaculum\_. Pois, meu caro, no mesmo instante a veneravel antiguidade

d'esses habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que n'elles me humilhava

tanto! Depois de os ter detestado por serem communs aos filhos do Silva

procurador--respeitei-os por terem sido habituaes nos filhos de Scipião.

A compra do bolo tornou-se como um rito que desde a Antiguidade todos os

rapazes de escóla cumpriam, e que me era dado por meu turno celebrar

n'uma honrosa solidariedade com a grande gente togada. Tudo isto,

evidentemente, não o sentia com esta clara consciencia. Mas nunca entrei

d'ahi por diante na tia Martha, sem erguer a cabeça, pensando com uma

vangloria heroica:--«Assim faziam tambem os romanos!» Era por esse tempo

pouco mais alto que uma espada gôda, e amava uma mulher obesa que morava

ao fim da rua...»

N'essa mesma carta, adiante, Fradique accrescenta:--«Levou-me pois

effectivamente á Historia o meu amor da Unidade--amor que envolve o

horror ás interrupções, ás lacunas, aos espaços escuros onde se não sabe

o que ha. Viajei por toda a parte viajavel, li todos os livros de

explorações e de travessias--porque me repugnava não conhecer o globo em

que habito até aos seus extremos limites, e não sentir a contínua

solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés com toda a outra

terra que se arqueia para além. Por isso, incansavelmente exploro a

Historia, para perceber até aos seus derradeiros limites a Humanidade a

que pertenço, e sentir a compacta solidariedade do meu sêr com a de

todos os que me precederam na vida. Talvez vossê murmure com

desdem--«mera bisbilhotice!» Amigo meu, não despreze a bisbilhotice!

Ella é um impulso humano, de latitude infinita, que, como todos, vai do

reles ao sublime. Por um lado leva a escutar ás portas--e pelo outro a

descobrir a America!»

O saber historico de Fradique surprehendia realmente pela amplexidade e

pelo detalhe. Um amigo nosso exclamava um dia, com essa ironia affavel

que nos homens de raça celtica sublinha e corrige a admiração:--«Aquelle

Fradique! Tira a charuteira, e dá uma synthese profunda, d'uma

transparencia de crystal, sobre a guerra do Peloponeso;--depois accende

o charuto, e explica o feitio e o metal da fivela do cinturão de

Leonidas!» Com effeito, a sua forte capacidade de comprehender

philosophicamente os movimentos collectivos, o seu fino poder de evocar

psychologicamente os caracteres individuaes--alliava-se n'elle a um

minucioso saber archeologico da vida, das maneiras, dos trajes, das

armas, das festas, dos ritos de todas as idades, desde a India Vedica

até á França Imperial. As suas cartas a Oliveira Martins (sobre o

Sebastianismo, o nosso Imperio no Oriente, o Marquez de Pombal)[1] são

verdadeiras maravilhas pela sagaz intuição, a alta potencia synthetica,

a certeza do saber, a força e a abundancia das idéas novas. E, por outro

lado, a sua erudição archeologica repetidamente esclareceu e auxiliou,

na sabia composição das suas telas, o paciente e fino reconstructor dos

Costumes e das Maneiras da Antiguidade Classica, o velho Suma-Rabêma.

Assim m'o confessou uma tarde Suma-Rabêma, regando as roseiras, no seu

jardim de Chelsea.

Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memoria que tudo

recolhia e tudo retinha--vasto e claro armazem de factos, de noções, de

fórmas, todos bem arrumados, bem classificados, promptos sempre a

servir. O nosso amigo Chambray affirmava que, comparavel á memoria de

Fradique, como «installação, ordem e excellencia do \_stock\_», só

conhecia a adega do café Inglez.

A cultura de Fradique recebia um constante alimento e accrescimo das

viagens que sem cessar emprehendia, sob o impulso de admirações ou de

curiosidades intellectuaes. Só a Archeologia o levou quatro vezes ao

Oriente:--ainda que a sua derradeira residencia em Jerusalem, durante

dezoito mezes, foi motivada (segundo me affirmou o consul Raccolini) por

poeticos amores com uma das mais esplendidas mulheres da Syria, uma

filha de Abraham Côppo, o faustoso banqueiro de Aleppo, tão

lamentavelmente morta depois, sobre as tristes costas de Chypre, no

naufragio do \_Magnolia\_. A sua aventurosa e aspera peregrinação pela

China, desde o Thibet (onde quasi deixou a vida, tentando temerariamente

penetrar na cidade sagrada de Lahsá) até á alta Manchuria, constitue o

mais completo estudo até hoje realisado por um homem da Europa sobre os

Costumes, o Governo, a Ethica e a Litteratura d'esse povo «profundo

entre todos, que (como diz Fradique) conseguiu descobrir os tres ou

quatro unicos principios de moral capazes, pela sua absoluta força, de

eternisar uma civilisação».

O exame da Russia e dos seus movimentos sociaes e religiosos

trouxeram-no prolongados mezes pelas provincias ruraes d'entre o Dnieper

e o Volga. A necessidade d'uma certeza sobre os Presidios Penaes da

Siberia impelliu-o a affrontar centenas de milhas de steppes e de neves,

n'uma rude telega, até ás minas de prata de Nerchinski. E proseguiria

n'este activo interesse, se não recebesse subitamente, ao chegar á

costa, a Archangel, este aviso do general Armankoff, chefe da IV secção

da policia imperial:--\_Monsieur, vous nous observez de trop près, pour

que votre jugement n'en soit faussé; je vous invite donc, sur votre

intérêt, et pour avoir de la Russie une vue d'ensemble plus exacte,

d'aller la regarder de plus loin, dans votre belle maison de

Paris!\_--Fradique abalou para Vasa, sobre o golfo de Bothnia. Passou

logo á Suecia, e mandou de lá, sem data, este bilhete ao general

Armankoff:--\_Monsieur, j'ai reçu votre invitation où il y a beaucoup

d'intolerance et trois fautes de français.\_

Os mesmos interesses de espirito e «necessidades de certeza» o levaram

na America do Sul desde o Amazonas até ás areias da Patagonia, o levaram

na Africa Austral desde o Cabo até aos Montes de Zokunga... «Tenho

folheado e lido attentamente o mundo como um livro cheio de idéas. Para

vêr \_por fóra\_, por mera festa dos olhos, nunca fui senão a Marrocos».

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino era a sua rapida e

carinhosa sympathia por todos os povos. Nunca visitou paizes á maneira

do detestavel \_touriste\_ francez, para notar de alto e pêcamente «os

defeitos»--isto é, as divergencias d'esse typo de civilisação mediano e

generico d'onde sahia e que preferia. Fradique amava logo os costumes,

as idéas, os preconceitos dos homens que o cercavam: e, fundindo-se com

elles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição directa e

viva de cada sociedade em que mergulhava. Este efficaz preceito--«\_em

Roma sê romano\_»--tão facil e dôce de cumprir em Roma, entre as vinhas

da collina Celia e as aguas susurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o elle

gostosamente trilhando com as alpercatas rotas os desfiladeiros do

Himalaya. E estava tão homogeneamente n'uma cervejaria philosophica da

Allemanha, aprofundando o Absoluto entre professores de Tubingen--como

n'uma aringa africana da terra dos Matabeles, comparando os meritos da

carabina «Express» e da carabina Winchester, entre caçadores de

elephantes.

Desde 1880 os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris

e Londres--com excepção das «visitas filiaes» a Portugal: porque, apesar

da sua dispersão pelo mundo, da sua facilidade em se nacionalisar nas

terras alheias, e da sua impersonalidade critica, Fradique foi sempre um

genuino Portuguez com irradicaveis traços de fidalgo ilhéo.

O mais puro e intimo do seu interesse deu-o sempre aos homens e ás

coisas de Portugal. A compra da quinta do \_Saragoça\_, em Cintra,

realisára-a (como diz n'uma carta a F. G., com desacostumada emoção)

«para \_ter terra em Portugal\_, e para se prender pelo forte vinculo da

propriedade ao sólo augusto d'onde um dia tinham partido, levados por um

ingenuo tumulto de idéas grandes, os seus avós, buscadores de mundos, de

quem elle herdára o sangue e a curiosidade do \_além\_!»

Sempre que vinha a Portugal ia «retemperar a fibra» percorrendo uma

provincia, lentamente, a cavallo--com demoras em villas decrepitas que o

encantavam, infindaveis cavaqueiras á lareira dos campos, fraternisações

ruidosas nos adros e nas tavernas, idas festivas a romarias no carro de

bois, no vetusto e veneravel carro sabino, toldado de chita, enfeitado

de louro. A sua região preferida era o Ribatejo, a terra chã da leziria

e do boi. «Ahi (diz elle), de jaleca e cinta, montado n'um potro, com a

vara de campino erguida, correndo entre as manadas de gado, nos finos e

lavados ares da manhã, sinto, mais que em nenhuma outra parte, a delicia

de viver».

Lisboa só lhe agradava--como paizagem. «Com tres fortes retoques

(escrevia-me elle em 1881, do Hotel Braganza), com arvoredo e pinheiros

mansos plantados nas collinas calvas da Outra-Banda; com azulejos

lustrosos e alegres revestindo as fachadas sujas do casario; com uma

varredella definitiva por essas bemditas ruas--Lisboa seria uma d'essas

bellezas da Natureza creadas pelo Homem, que se tornam um motivo de

sonho, de arte e de peregrinação. Mas uma existencia enraizada em Lisboa

não me parece toleravel. Falta aqui uma atmosphera intellectual onde a

alma respire. Depois certas feições, singularmente repugnantes, dominam.

Lisboa é uma cidade \_alitteratada\_, \_afadistada\_, \_catita\_ e

\_conselheiral\_. Ha \_litteratice\_ na simples maneira com que um caixeiro

vende um metro de fita; e, nas proprias graças com que uma senhora

recebe, transparece \_fadistice\_: mesmo na Arte ha \_conselheirismo\_; e ha

\_catitismo\_ mesmo nos cemiterios. Mas a nausea suprema, meu amigo, vem

da politiquice e dos politiquetes».

Fradique nutria pelos politicos todos os horrores, os mais

injustificados: horror intellectual, julgando-os incultos, broncos,

inaptos absolutamente para crear ou comprehender idéas; horror mundano,

presuppondo-os reles, de maneiras crassas, improprios para se misturar a

naturezas de gosto; horror physico, imaginando que nunca se lavavam,

rarissimamente mudavam de meias, e que d'elles provinha esse cheiro

morno e molle que tanto surprehende e enoja em S. Bento aos que d'elle

não têm o habito profissional.

Havia n'estas ferozes opiniões, certamente, laivos de perfeita verdade.

Mas em geral, os juizos de Fradique sobre a Politica offereciam o cunho

d'um preconceito que dogmatisa--e não d'uma observação que discrimina.

Assim lh'o affirmava eu uma manhã, no Braganza, mostrando que todas

essas deficiencias de espirito, de cultura, de maneiras, de gosto, de

finura, tão acerbamente notadas por elle nos Politicos--se explicam

sufficientemente pela precipitada democratisação da nossa sociedade;

pela rasteira vulgaridade da vida provincial; pelas influencias

abominaveis da Universidade; e ainda por intimas razões que são no fundo

honrosas para esses desgraçados Politicos, votados por um fado vingador

á destruição da nossa terra.

Fradique replicou simplesmente:

--Se um rato morto me disser,--«eu cheiro mal por isto e por aquillo e

sobretudo porque apodreci»,--eu nem por isso deixo de o mandar varrer do

meu quarto.

Havia aqui uma antipathia de instincto, toda physiologica, cuja

intransigencia e obstinação nem factos nem raciocinios podiam vencer.

Bem mais justo era o horror que lhe inspirava, na vida social de Lisboa,

a inhabil, descomedida e papalva imitacão de Paris. Essa «saloia

macaqueação», superiormente denunciada por elle n'uma carta que me

escreveu em 1885, e onde assenta, n'um luminoso resumo, que «\_Lisboa é

uma cidade traduzida do francez em calão\_»--tornava-se para Fradique,

apenas transpunha Santa Apolonia, um tormento sincero. E a sua anciedade

perpetua era então descobrir, através da frandulagem do Francezismo,

algum resto do genuino Portugal.

Logo a comida constituia para elle um real desgosto. A cada instante em

cartas, em conversas, se lastíma de não poder conseguir «um cozido

vernaculo!»--«Onde estão (exclama elle, algures) os pratos veneraveis do

Portugal portuguez, o pato com macarrão do seculo XVIII, a almondega

indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa

cabidella de frango, petisco dilecto de D. João IV, de que os fidalgos

inglezes que vieram ao reino buscar a noiva de Carlos II levaram para

Londres a surprehendente noticia? Tudo estragado! O mesmo provincianismo

reles põe em calão as comedias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E

estamo-nos nutrindo miseravelmente dos sobejos democraticos do

\_boulevard\_, requentados, e servidos em chalaça e galantine! Desastre

estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a

vitella de Lafões, os legumes, os dôces, os vinhos, degeneraram,

\_insipidaram\_... Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram

desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Depois d'esses enxertos

funestos no velho tronco lusitano, os fructos têm perdido o sabor, como

os homens têm perdido o caracter...»

Só uma occasião, n'esta especialidade consideravel, o vi plenamente

satisfeito. Foi n'uma taverna da Mouraria (onde eu o levára), diante

d'um prato complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão de bico.

Para o gozar com coherencia Fradique despiu a sobrecasaca. E como um de

nós lançára casualmente o nome de Renan, ao atacarmos o piteu sem igual,

Fradique protestou com paixão:

--Nada de idéas! Deixem-me saborear esta bacalhoada, em perfeita

innocencia de espirito, como no tempo do Senhor D. João V, antes da

Democracia e da Critica!

A saudade do velho Portugal era n'elle constante: e considerava que, por

ter perdido esse typo de civilisação intensamente original, o mundo

ficára diminuido. Este amor do passado revivia n'elle, bem curiosamente,

quando via realisados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o

«modernismo» intelligente das civilisações mais saturadas de cultura e

perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa foi no

Rato--n'uma festa de raro e delicado brilho. Fradique parecia desolado:

--Em Paris, affirmava elle, a duqueza de La Rochefoucauld-Bisaccia póde

dar uma festa igual: e para isto não me valia a pena ter feito a

quarentena em Marvão! Supponha porém vossê que eu vinha achar aqui um

sarau do tempo da Senhora D. Maria I, em casa dos Marialvas, com

fidalgas sentadas em esteiras, frades tocando o lundum no bandolim,

desembargadores pedindo mote, e os lacaios no pateo, entre os mendigos,

rezando em côro a ladainha!... Ahi estava uma coisa unica, deliciosa,

pela qual se podia fazer a viagem de Paris a Lisboa em liteira!

Um dia que jantavamos em casa de Carlos Mayer, e que Fradique lamentava,

com melancolica sinceridade, o velho Portugal fidalgo e fradesco do

tempo do snr. D. João V--Ramalho Ortigão não se conteve:

--Vossê é um monstro, Fradique! O que vossê queria era habitar o

confortavel Paris do meado do seculo XIX, e ter aqui, a dois dias de

viagem, o Portugal do seculo XVIII, onde podesse vir, como a um museu,

regalar-se de pittoresco e de archaismo... Vossê, lá na rua de Varennes,

consolado de decencia e de ordem. E nós aqui, em viellas fedorentas,

inundados á noite pelos despejos d'aguas sujas, aturdidos pelas arruaças

do marquez de Cascaes ou do conde d'Aveiras, levados aos empurrões para

a enxovia pelos malsins da Intendencia, etc. etc... Confesse que é o que

vossê queria!

Fradique volveu serenamente:

--Era bem mais digno e bem mais patriotico que em logar de vos vêr aqui,

a vós, homens de letras, esticados nas gravatas e nas idéas que toda a

Europa usa, vos encontrasse de cabelleira e rabicho, com as velhas

algibeiras da casaca de sêda cheias d'odes shaphicas, encolhidinhos no

salutar terror d'El-Rei e do Diabo, rondando os pateos da casa de

Marialva ou d'Aveiro, á espera que os senhores, de cima, depois de dadas

as graças, vos mandassem por um pretinho, os restos do perú e o mote.

Tudo isso seria dignamente portuguez, e sincero; vós não merecieis

melhor; e a vida não é possivel sem um bocado de pittoresco depois do

almoço.

Com effeito, n'esta saudade de Fradique pelo Portugal antigo, havia amor

do «pittoresco», estranho n'um homem tão subjectivo e intellectual: mas

sobretudo havia o odio a esta universal modernisação que reduz todos os

costumes, crenças, idéas, gostos, modos, os mais ingenitos e mais

originalmente proprios, a um typo uniforme (representado pelo \_sujeito

utilitario e sério\_ de sobrecasaca preta)--com a monotonia com que o

chinez apara todas as arvores d'um jardim, até lhes dar a fórma unica e

dogmatica de pyramide ou de vaso funerario.

Por isso Fradique em Portugal amava sobretudo o povo--o povo que não

mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe communica os seus

caracteres graves e dôces. Amava-o pelas suas qualidades, e tambem pelos

seus defeitos:--pela sua morosa paciencia de boi manso; pela alegria

idyllica que lhe poetisa o trabalho; pela calma acquiescencia á

vassallagem com que depois do \_Senhor Rei\_ venera o \_Senhor Governo\_;

pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu catholicismo pagão, e

carinho fiel aos Deuses latinos, tornados santos calendares; pelos seus

trajes, pelos seus cantos... «Amava-o ainda (diz elle) pela sua

linguagem tão bronca e pobre, mas a unica em Portugal onde se não sente

odiosamente a influencia do Lamartinismo ou das \_Sebentas\_ de Direito

Publico».

V

A ultima vez que Fradique visitou Lisboa foi essa em que o encontrei no

Rato, lamentando os saraus beatos e secios do seculo XVIII. O antigo

poeta das Lapidarias tinha então cincoenta annos; e cada dia se prendia

mais á quieta doçura dos seus habitos de Paris.

Fradique habitava, na rua de Varennes, desde 1880, uma ala do antigo

palacio dos Duques de Tredennes que elle mobilára com um luxo sobrio e

grave--tendo sempre detestado esse atulhamento de alfaias e estofos,

onde inextricavelmente se embaralham e se contradizem as Artes e os

Seculos, e que, sob o barbaro e justo nome de \_bric-à-brac\_, tanto seduz

os financeiros e as \_cocottes\_. Nobres e ricas tapeçarias de Paizagem e

de Historia; amplos divans d'Aubusson; alguns moveis d'arte da

Renascença Franceza; porcelanas raras de Deft e da China; espaço,

claridade, uma harmonia de tons castos--eis o que se encontrava nas

cinco salas que constituiam o «covil» de Fradique. Todas as varandas, de

ferro rendilhado, datando de Luiz XIV, abriam sobre um d'esses jardins

de arvores antigas, que, n'aquelle bairro fidalgo e ecclesiastico,

formam retiros de silencio e paz silvana, onde por vezes nas noites de

maio se arrisca a cantar um rouxinol.

A vida de Fradique era medida por um relogio secular, que precedia o

toque lento e quasi austero das horas com uma toada argentina de antiga

dança de côrte: e era mantida n'uma immutavel regularidade pelo seu

creado Smith, velho escossez da \_clan\_ dos Macduffs, já todo branco de

pello e ainda todo rosado de pelle, que havia trinta annos o

acompanhava, com severo zêlo, através da vida e do mundo.

De manhã, ás nove horas, mal se espalhavam no ar os compassos gentis e

melancolicos d'aquelle esquecido minuete de Cimarosa ou de Haydin, Smith

rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janellas á luz,

gritava:--\_Morning, Sir!\_ Immediatamente Fradique, dando de entre a

roupa um salto brusco que considerava «de hygiene transcendente», corria

ao immenso laboratorio de marmore, a esponjar a face e a cabeça em agua

fria, com um resfolgar de Trytão ditoso. Depois, enfiando uma das

cabaias de sêda que tanto me maravilhavam, abandonava-se, estirado n'uma

poltrona, aos cuidados de Smith que, como barbeiro (affirmava Fradique)

reunia a ligeireza macia de Figaro á sapiencia confidencial do velho

Oliveiro de Luiz XI. E, com effeito, emquanto o ensaboava e escanhoava,

Smith ia dando a Fradique um resumo nitido, solido, todo em factos, dos

telegrammas politicos do \_Times\_, do \_Standard\_ e da \_Gazeta de

Colonia\_!

Era para mim uma surpreza, sempre renovada e saborosa, vêr Smith, com a

sua alta gravata branca á Palmerston, a rabona curta, as calças de

xadrez verde e preto (côres da sua \_clan\_), os sapatos de verniz

decotados, passando o pincel na barba do amo, e murmurando, em perfeita

sciencia e perfeita consciencia:--«Não se realisa a conferencia do

principe de Bismarck com o conde Kalnocky... Os conservadores perderam a

eleição supplementar de York... Fallava-se hontem em Vienna d'um novo

emprestimo russo...» Os amigos em Lisboa riam d'esta «caturreira»; mas

Fradique sustentava que havia aqui um proveitoso regresso á tradição

classica, que em todo o mundo latino, desde Scipião o Africano,

instituira os barbeiros como «informadores universaes da coisa publica».

Estes curtos resumos de Smith formavam a carcassa das suas noções

politicas: e Fradique nunca dizia--«Li no \_Times\_»--mas «Li no Smith».

Bem barbeado, bem informado, Fradique mergulhava n'um banho ligeiramente

tepido, d'onde voltava para as mãos vigorosas de Smith, que, com um jogo

de luvas de lã, de flanella, d'estopa, de clina e de pelle de tigre, o

friccionava até que o corpo todo se lhe tornasse, como o de Apollo,

«roseo e reluzente». Tomava então o seu chocolate; e recolhia á

bibliotheca, sala séria e simples, onde uma imagem da Verdade,

radiosamente branca na sua nudez de marmore, pousava o dedo subtil sobre

os labios puros, symbolisando, em frente á vasta mesa de ébano, um

trabalho todo intimo á busca de verdades que não são para o ruido e para

o mundo.

Á uma hora almoçava, com a sobriedade d'um grego, ovos e legumes:--e

depois, estendido n'um divan, tomando goles lentos de chá russo,

percorria nos Jornaes e nas Revistas as chronicas d'arte, de

litteratura, de theatro ou de sociedade, que não eram da competencia

politica de Smith. Lia então tambem com cuidado os jornaes portuguezes

(que chama algures «phenomenos picarescos de decomposição social»),

sempre caracteristicos, mas superiormente interessantes para quem como

elle se comprazia em analysar «a obra genuina e sincera da

mediocridade», e considerava Calino tão digno d'estudo como Voltaire. O

resto do dia dava-o aos amigos, ás visitas, aos \_ateliers\_, ás salas

d'armas, ás exposições, aos clubs--aos cuidados diversos que se cria um

homem d'alto gosto vivendo n'uma cidade d'alta civilisacão.

De tarde subia ao \_Bois\_ conduzindo o seu phaeton, ou montando a \_Sabá\_,

uma maravilhosa egoa das caudelarias de Aïn-Weibah que lhe cedera o Emir

de Mossul. E a sua noite (quando não tinha cadeira na Opera ou na

\_Comédie\_) era passada n'algum salão--precisando sempre findar o seu dia

entre «o ephemero feminino». (Assim dizia Fradique).

A influencia d'este «feminino» foi suprema na sua existencia. Fradique

amou mulheres; mas fóra d'essas, e sobre todas as coisas, amava a

Mulher.

A sua conducta para com as mulheres era governada conjuntamente por

devoções de espiritualista, por curiosidades de critico, e por

exigencias de sanguineo. Á maneira dos sentimentaes da Restauração,

Fradique considerava-as como «organismos» superiores, divinamente

complicados, differentes e mais proprios de adoração do que tudo o que

offerece a Natureza: ao mesmo tempo, através d'este culto, ia dissecando

e estudando esses «organismos divinos», fibra a fibra, sem respeito, por

paixão de analysta; e frequentemente o critico e o enthusiasta

desappareciam para só restar n'elle um homem amando a mulher, na simples

e boa lei natural, como os Faunos amavam as Nymphas.

As mulheres, além d'isso, estavam para elle (pelo menos nas suas

theorias de conversação) classificadas em especies. Havia a «mulher

d'exterior», flôr de luxo e de mundanismo culto: e havia a «mulher

d'interior», a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fosse o

seu brilho, Fradique conservava um tom penetrado de respeito, excluindo

toda a investigação experimental. «Estou em presença d'estas (escreve

elle a Madame de Jouarre), como em face d'uma carta alheia fechada com

sinete e lacre». Na presença, porém, d'aquellas que se «exteriorisam» e

vivem todas no ruido e na phantasia, Fradique achava-se tão livre e tão

irresponsavel como perante um volume impresso. «Folhear o livro (diz

elle ainda a Madame de Jouarre), annotal-o nas margens assetinadas,

critical-o em voz alta com independencia e veia, leval-o no coupé para

lêr á noite em casa, aconselhal-o a um amigo, atiral-o para um canto

percorridas as melhores paginas--é bem permittido, creio eu, segundo a

Cartilha e o Codigo».

Seriam estas subtilezas (como suggeria um cruel amigo nosso) as d'um

homem que theorisa e idealisa o seu temperamento de carrejão para o

tornar litterariamente interessante? Não sei. O commentario mais

instructivo das suas theorias dava-o elle, visto n'uma sala, entre «o

ephemero feminino». Certas mulheres muito voluptuosas, quando escutam um

homem que as perturba, abrem insensivelmente os labios. Em Fradique eram

os olhos que se alargavam. Tinha-os pequenos e côr de tabaco: mas junto

d'uma d'essas mulheres de exterior, «estrellas de mundanismo»,

tornavam-se-lhe immensos, cheios de luz negra, avelludados, quasi

humidos. A velha lady Mongrave comparava-os «ás guelas abertas de duas

serpentes». Havia alli com effeito um acto de alliciação e de

absorpção--mas havia sobretudo a evidencia da perturbação e do encanto

que o inundavam. N'essa attenção de beato diante da Virgem, no murmurio

quente da voz mais amollecedora que um ar de estufa, no humedecimento

enleado dos seus olhos finos,--as mulheres viam apenas a influencia

omnipotentemente vencedora das suas graças de Fórma e d'Alma sobre um

homem esplendidamente viril. Ora nenhum homem mais perigoso do que

aquelle que dá sempre ás mulheres a impressão clara, quasi tangivel--de

que ellas são irresistiveis, e subjugam o coração mais rebelde só com

mover os hombros lentos ou murmurar «que linda tarde!» Quem se mostra

facilmente seduzido--facilmente se torna seductor. É a lenda india, tão

sagaz e real, do espelho encantado em que a velha Maharina se via

radiosamente bella. Para obter e reter esse espelho, em que com tanto

esplendor se reflecte a sua pelle engilhada--que peccados e que traições

não commetterá a Maharina?...

Creio, pois, que Fradique foi profundamente amado, e que magnificamente

o mereceu. As mulheres encontravam n'elle esse sêr, raro entre os

homens--um Homem. E para ellas Fradique possuia esta superioridade

inestimavel, quasi unica na nossa geração--uma alma extremamente

sensivel, servida por um corpo extremamente forte.

De maior duração e intensidade que os seus amores foram todavia as

amizades que Fradique a si attrahiu pela sua excellencia moral. Quando

eu conheci Fradique em Lisboa, no remoto anno de 1867, julguei sentir na

sua natureza (como no seu verso) uma impassibilidade brilhante e

metallica: e através da admiração que me deixára a sua arte, a sua

personalidade, o seu viço, a sua cabaia de sêda--confessei um dia a J.

Teixeira d'Azevedo que não encontrára no poeta das Lapidarias aquelle

\_tepido leite da bondade humana\_, sem o qual o velho Shakspeare (nem eu,

depois d'elle) comprehendia que um homem fosse digno da humanidade. A

sua mesma polidez, tão risonha e perfeita, me parecera mais composta por

um systema do que genuinamente ingenita. Decerto, porém, concorreu para

a formação d'este juizo uma carta (já velha, de 1855) que alguem me

confiou, e em que Fradique, com toda a leviana altivez da mocidade,

lançava este rude programma de conducta:--«Os homens nasceram para

trabalhar, as mulheres para chorar, e nós, os fortes, para passar

friamente através!...»

Mas em 1880, quando a nossa intimidade uma noite se fixou a uma mesa do

Bignon, Fradique tinha cincoenta annos: e, ou porque eu então o

observasse com uma assiduidade mais penetrante, ou porque n'elle se

tivesse já operado com a idade esse phenomeno que Fustan de Carmanges

chamou depois \_le degel de Fradique\_, bem cedo senti, através da

impassibilidade marmorea do cinzelador das Lapidarias, brotar, tepida e

generosamente, o \_leite da bondade humana\_.

A forte expressão de virtude que n'elle logo me impressionou foi a sua

incondicional e irrestricta indulgencia. Ou por uma conclusão da sua

philosophia, ou por uma inspiração da sua natureza--Fradique, perante o

peccado e o delicto, tendia áquella velha misericordia evangelica que,

consciente da universal fragilidade, pergunta d'onde se erguerá a mão

bastante pura para arremessar a primeira pedra ao erro. Em toda a culpa

elle via (talvez contra a razão, mas em obediencia áquella \_voz\_ que

fallava baixo a S. Francisco d'Assis e que ainda se não calou) a

irremediavel fraqueza humana: e o seu perdão subia logo do fundo d'essa

Piedade que jazia na sua alma, como manancial d'agua pura em terra rica,

sempre prompto a brotar.

A sua bondade, porém, não se limitava a esta expressão passiva. Toda a

desgraça, desde a amargura limitada e tangivel que passa na rua, até á

vasta e esparsa miseria que com a força d'um elemento devasta classes e

raças, teve n'elle um consolador diligente e real. São d'elle, e

escriptas nos derradeiros annos (n'uma carta a G. F.) estas nobres

palavras:--«Todos nós que vivemos n'este globo formamos uma immensa

caravana que marcha confusamente para o Nada. Cerca-nos uma natureza

inconsciente, impassivel, mortal como nós, que não nos entende, nem

sequer nos vê, e d'onde não podemos esperar nem soccorro nem consolação.

Só nos resta para nos dirigir, na rajada que nos leva, esse secular

preceito, summa divina de toda a experiencia humana--«ajudai-vos uns aos

outros!» Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta

se misturam--cada um ceda metade do seu pão áquelle que tem fome;

estenda metade do seu manto áquelle que tem frio; acuda com o braço

áquelle que vai tropeçar; poupe o corpo d'aquelle que já tombou; e se

algum mais bem provido e seguro para o caminho necessitar apenas

sympathia d'almas, que as almas se abram para elle transbordando d'essa

sympathia... Só assim conseguiremos dar alguma belleza e alguma

dignidade a esta escura debandada para a Morte».

Decerto Fradique não era um santo militante, rebuscando pelas viellas

miserias a resgatar: mas nunca houve mal, por elle conhecido, que d'elle

não recebesse allivio. Sempre que lia por acaso, n'um jornal, uma

calamidade ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis,

lançando ao lado um algarismo--que indicava ao velho Smith o numero de

libras que devia remetter, sem publicidade, pudicamente. A sua maxima

para com os pobres (a quem os Economistas affirmam que se não deve

Caridade mas Justiça)--era «que á hora das comidas mais vale um pataco

na mão que duas Philosophias a voar». As creanças, sobretudo quando

necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito; e era d'estes,

singularmente raros, que encontrando, n'um agreste dia de inverno, um

pequenino que pede, tranzido de frio--param sob a chuva e sob o vento,

desapertam pacientemente o paletot, descalçam pacientemente a luva, para

vasculhar no fundo da algibeira, á procura da moeda de prata que vai ser

o calor e o pão d'um dia.

Esta caridade estendia-se budhistamente a tudo que vive. Não conheci

homem mais respeitador do animal e dos seus direitos. Uma occasião em

Paris, correndo ambos a uma estação de \_fiacres\_ para nos salvarmos d'um

chuveiro que desabava, e seguir, na pressa que nos leváva, a uma venda

de tapeçarias (onde Fradique cubiçava umas \_Nove Musas dançando entre

loureiraes\_), encontrámos apenas um \_coupé\_, cuja pileca, com o sacco

pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou

em esperar que o cavallo almoçasse com socego--e perdeu as \_Nove Musas\_.

Nos ultimos tempos, preoccupava-o sobretudo a miseria das classes--por

sentir que n'estas Democracias industriaes e materialistas, furiosamente

empenhadas na lucta pelo pão egoista, as almas cada dia se tornam mais

sêccas e menos capazes de piedade. «A fraternidade (dizia elle n'uma

carta de 1886 que conservo) vai-se sumindo, principalmente n'estas

vastas colmeias de cal e pedra onde os homens teimam em se amontoar e

luctar; e, através do constante deperecimento dos costumes e das

simplicidades ruraes, o mundo vai rolando a um egoismo feroz. A primeira

evidencia d'este egoismo é o desenvolvimento ruidoso da philantropia.

Desde que a caridade se organisa e se consolida em instituição, com

regulamentos, relatorios, comités, sessões, um presidente e uma

campainha, e de sentimento natural passa a funcção official--é porque o

homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita

obrigar-se publicamente ao bem pelas prescripções d'um estatuto. Com os

corações assim duros e os invernos tão longos, que vai ser dos

pobres?...»

Quantas vezes, diante de mim, nos crepusculos de novembro, na sua

bibliotheca apenas alumiada pela chamma incerta e dôce da lenha no

fogão, Fradique emergiu d'um silencio em que os olhares se lhe perdiam

ao longe, como afundados em horisontes de tristeza--para assim lamentar,

com enternecida elevação, todas as miserias humanas! E voltava então a

amarga affirmação da crescente aspereza dos homens, forçados pela

violencia do conflicto e da concorrencia a um egoismo rude, em que cada

um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante, \_homo homini lupus\_.

--Era necessario que viesse outro Christo! murmurei eu um dia.

Fradique encolheu os hombros:

--Ha de vir; ha de talvez libertar os escravos; ha de ter por isso a sua

igreja e a sua liturgia; e depois ha de ser negado; e mais tarde ha de

ser esquecido; e por fim hão de surgir novas turbas de escravos. Não ha

nada a fazer. O que resta a cada um por prudencia é reunir um peculio e

adquirir um revolwer; e aos seus semelhantes que lhe baterem á porta,

dar, segundo as circumstancias, ou pão ou bala.

Assim, cheios de idéas, de delicadas occupações e d'obras amaveis,

decorreram os derradeiros annos de Fradique Mendes em Paris, até que no

inverno de 1888 a morte o colheu sob aquella fórma que elle, como Cesar,

sempre appetecera--\_inopinatam atque repentinam\_.

Uma noite, sahindo d'uma festa da condessa de La Ferté (velha amiga de

Fradique, com quem fizera n'um \_yacht\_ uma viagem á Islandia) achou no

\_vestiario\_ a sua pelissa russa trocada por outra, confortavel e rica

tambem, que tinha no bolso uma carteira com o monogramma e os bilhetes

do general Terran-d'Azy. Fradique, que soffria de repugnancias

intolerantes, não se quiz cobrir com o agasalho d'aquelle official

rabugento e catarrhoso, e atravessou a praça da Concordia a pé, de

casaca, até ao club da \_Rue Royale\_. A noite estava sêcca e clara, mas

cortada por uma d'essas brizas subtis, mais tenues que um halito, que

durante leguas se afiam sobre planicies nevadas do norte, e já eram

comparadas pelo velho André Vasali a «um punhal traiçoeiro». Ao outro

dia acordou com uma tosse leve. Indifferente porém aos resguardos,

seguro d'uma robustez que affrontára tantos ares inclementes, foi a

Fontainebleau com amigos no alto d'um \_mail-coach\_. Logo n'essa noite,

ao recolher, teve um longo e intenso arripio; e trinta horas depois, sem

soffrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou

adormecido, Fradique, como diziam os antigos, «tinha vivido». Não acaba

mais dôcemente um bello dia de verão.

O dr. Labert declarou que fôra uma fórma rarissima de pleuriz. E

accrescentou, com um exacto sentimento das felicidades

humanas:--«\_Toujours de la chance, ce Fradique!\_»

Acompanharam a sua passagem derradeira pelas ruas de Paris, sob um céo

cinzento de neve, alguns dos mais gloriosos homens de França nas coisas

do saber e da arte. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na

saudade das emoções passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem

lume, foi decerto tambem lamentado este sceptico de finas letras, que

cuidava dos males humanos envolto em cabaias de sêda.

Jaz no \_Père-Lachaise\_, não longe da sepultura de Balzac, onde no dia

dos Mortos elle mandava sempre collocar um ramo d'essas violetas de

Parma que tanto amára em vida o creador da \_Comedia Humana\_. Mãos fieis,

por seu turno, conservam sempre perfumado de rosas frescas o marmore

simples que o cobre na terra.

VI

O erudito moralista que assigna \_Alceste\_ na \_Gazette de Paris\_ dedicou

a Fradique Mendes uma Chronica em que resume assim o seu espirito e a

sua acção:--«Pensador verdadeiramente pessoal e forte, Fradique Mendes

não deixa uma obra. Por indifferença, por indolencia, este homem foi o

dissipador d'uma enorme riqueza intellectual. Do bloco d'ouro em que

poderia ter talhado um monumento imperecivel--tirou elle durante annos

curtas lascas, migalhas, que espalhou ás mãos cheias, conversando, pelos

salões e pelos clubs de Paris. Todo esse pó d'ouro se perdeu no pó

commum. E sobre a sepultura de Fradique, como sobre a do grego

desconhecido de que canta a Anthologia, se poderia escrever:--«Aqui jaz

o ruido do vento que passou derramando perfume, calor e sementes em

vão...»

Toda esta chronica vem lançada com a usual superficialidade e

inconsideração dos francezes. Nada menos reflectido que as designações

de \_indolencia\_, \_indifferença\_, que voltam repetidamente, n'essa pagina

bem ornada e sonora, como para marcar com precisão a natureza de

Fradique. Elle foi ao contrario um homem todo de paixão, de acção, de

tenaz labor. E escassamente póde ser accusado de \_indolencia\_, de

\_indifferença\_, quem, como elle, fez duas campanhas, apostolou uma

religião, trilhou os cinco continentes, absorveu tantas civilisações,

percorreu todo o saber do seu tempo.

O chronista da \_Gazette de Paris\_ acerta porém, singularmente,

affirmando que d'esse duro obreiro não resta uma obra. Impressas e dadas

ao mundo só d'elle conhecemos com effeito as poesias das Lapidarias,

publicadas na \_Revolução de Setembro\_--e esse curioso poemeto em latim

barbaro, \_Laus Veneris Tennebrosae\_, que appareceu na \_Revue de Poésie

et d'Art\_, fundada em fins de 69 em Paris por um grupo de poetas

symbolistas. Fradique porém deixou manuscriptos. Muitas vezes, na rua de

Varennes, os entrevi eu dentro d'um cofre hespanhol do seculo XIV, de

ferro lavrado, que Fradique denominava a \_valla commum\_. Todos esses

papeis (e a plena disposição d'elles) foram legados por Fradique áquella

\_Libuska\_ de quem elle largamente falla nas suas cartas a Madame de

Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real «com os seus velludos

brancos de Veneziana e os seus largos olhos de Juno».

Esta senhora, que se chamava Varia Lobrinska, era da velha familia russa

dos Principes de Palidoff. Em 1874 seu marido Paulo Lobrinski, diplomata

silencioso e vago, que pertencera ao regimento das Guardas Imperiaes, e

escrevia \_capitaine\_ com \_t\_, \_e\_, (\_capiténe\_) morrera em Paris, por

fins d'outono, ainda moço, de uma languida e longa anemia.

Immediatamente Madame Lobrinska, com solemne magoa, cercada d'aias e de

crépes, recolheu ás suas vastas propriedades russas perto de Starobelsk,

no governo de Karkoff. Na primavera, porém, voltou com as flôres dos

castanheiros,--e desde então habitava Paris em luxuosa e risonha viuvez.

Um dia, em casa de Madame de Jouarre, encontrou Fradique, que, enlevado

então no culto das Litteraturas slavas, se occupava com paixão do mais

antigo e nobre dos seus poemas, o \_Julgamento de Libuska\_, casualmente

encontrado em 1818 nos archivos do castello de Zelene-Hora. Madame

Lobrinska era parenta dos senhores de Zelene-Hora, condes de

Colloredo--e possuia justamente uma reproducção das duas folhas de

pergaminho que contêm a velha epopeia barbara.

Ambos leram esse texto heroico--até que o dôce instante veio em que,

como os dois amorosos de Dante, «não leram mais no dia todo». Fradique

dera a Madame Lobrinska o nome de \_Libuska\_, a rainha que no

\_Julgamento\_ apparece «vestida de branco e resplandecente de sapiencia».

Ella chamava a Fradique \_Lucifer\_. O poeta das Lapidarias morreu em

novembro:--e dias depois Madame Lobrinska recolhia de novo á melancolia

das suas terras, junto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Os seus

amigos sorriram, murmuraram com sympathia que Madame Lobrinska fugira,

para chorar entre os seus moujiks a sua segunda viuvez--até que

reflorecesse os lilazes. Mas d'esta vez \_Libuska\_ não voltou, nem com as

flôres dos castanheiros.

O marido de Madame Lobrinska era um Diplomata que estudava e praticava

sobretudo os \_menus\_ e os \_cotillons\_. A sua carreira foi portanto

irremediavelmente subalterna e lenta. Durante seis annos jazeu no Rio de

Janeiro, entre os arvoredos de Petropolis, como Secretario, esperando

aquella legação na Europa que o Principe Gortchakoff, então Chanceller

Imperial, affirmava pertencer a Madame Lobrinska \_par droit de beauté et

de sagesse\_. A legação na Europa, n'uma capital mundana, culta, sem

bananeiras, nunca veio compensar aquelles exilados que soffriam das

saudades da neve:--e Madame Lobrinska, no seu exilio, chegou a aprender

tão completamente a nossa dôce lingua de Portugal, que Fradique me

mostrou uma traducção da elegia de Lavoski, \_A Collina do Adeus\_,

trabalhada por ella com superior pureza e relevo. Só ella pois,

realmente, d'entre todas as amigas de Fradique, podia apreciar como

paginas vivas, onde o pensador depozera a confidencia do seu pensamento,

esses manuscriptos que para as outras seriam apenas sêccas e mortas

folhas de papel, cobertas de linhas incomprehendidas.

Logo que comecei a colleccionar as cartas dispersas de Fradique Mendes,

escrevi a Madame Lobrinska contando o meu empenho em fixar n'um estudo

carinhoso as feições d'esse transcendente espirito--e implorando, se não

alguns extractos dos seus manuscriptos, ao menos algumas revelações

\_sobre a sua natureza\_. A resposta de Madame Lobrinska foi uma recusa,

bem determinada, bem deduzida,--mostrando que decerto sob «os claros

olhos de Juno» estava uma clara razão de Minerva. «Os papeis de Carlos

Fradique (dizia em summa) tinham-lhe sido confiados, a ella que vivia

longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na

publicidade, com o intuito de que para sempre conservassem o caracter

intimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera: e n'estas

condições o \_revelar a sua natureza\_ seria manifestamente contrariar o

recatado e altivo sentimento que dictára esse legado...» Isto vinha

escripto, com uma letra grossa e redonda, n'uma larga folha de papel

aspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma corôa d'ouro, esta

divisa--Per terram ad coelum.

D'este modo se estabeleceu a obscuridade em torno dos manuscriptos de

Fradique. Que continha realmente esse cofre de ferro, que Fradique com

desconsolado orgulho denominava a \_valla commum\_, por julgar pobres e

sem brilho no mundo os pensamentos que para lá arrojava?

Alguns amigos pensam que ahi se devem encontrar, se não completas, ao

menos esboçadas, ou já coordenadas nos seus materiaes, as duas obras a

que Fradique alludia como sendo as mais captivantes para um pensador e

um artista d'este seculo--uma \_Psychologia das Religiões\_ e uma \_Theoria

da Vontade\_.

Outros (como J. Teixeira d'Azevedo) julgam que n'esses papeis existe um

romance de realismo epico, reconstruindo uma civilisação extincta, como

a \_Salammbô\_. E deduzem essa supposição (desamoravel) d'uma carta a

Oliveira Martins, de 1880, em que Fradique exclamava, com uma ironia

mysteriosa:--«Sinto-me resvalar, caro historiador, a praticas culpadas e

vãs! Ai de mim, ai de mim, que me foge a penna para o mal! Que demonio

malfazejo, coberto do pó das Idades, e sobraçando in-folios

archeologicos, me veio murmurar uma d'estas noites, noite de duro

inverno e de erudição decorativa:--«Trabalha um romance! E no teu

romance resuscita a antiguidade asiatica!»? E as suas suggestões

pareceram-me dôces, amigo, d'uma doçura lethal!... Que dirá vossê,

dilecto Oliveira Martins, se um dia desprecavidamente no seu lar receber

um tomo meu, impresso com solemnidade, e começando por estas

linhas:--«\_Era em Babylonia, no mez de Sivanù, depois da colheita do

balsamo?...\_» Decerto, vossê (d'aqui o sinto) deixára pender a face

aterrada entre as mãos tremulas, murmurando:--«Justos céos! Ahi vem

sobre nós a descripção do templo das Sete-Espheras, com todos os seus

terraços! a descripção da batalha de Halub, com todas as suas armas! a

descripção do banquete de Sennacherib, com todas as suas iguarias!...

Nem os bordados d'uma só tunica, nem os relevos d'um só vaso nos serão

perdoados! E é isto um amigo intimo!»

Ramalho Ortigão, ao contrario, inclina a crêr que os papeis de Fradique

contêm \_Memorias\_--porque só a \_Memorias\_ se póde coherentemente impôr a

condição de permanecerem secretas.

Eu por mim, d'um melhor e mais contínuo conhecimento de Fradique,

concluo que elle não deixou um livro de Psychologia, nem uma Epopeia

archeologica (que certamente pareceria a Fradique uma culpada e vã

ostentação de saber pittoresco e facil), nem \_Memorias\_--inexplicaveis

n'um homem todo de idéa e de abstracção, que escondia a sua vida com tão

altivo recato. E affirmo afoutamente que n'esse cofre de ferro, perdido

n'um velho solar russo, não existe uma \_obra\_--porque Fradique nunca foi

verdadeiramente um \_auctor\_.

Para o ser não lhe faltaram decerto as idéas--mas faltou-lhe a certeza

de que ellas, pelo seu valor \_definitivo\_, merecessem ser registradas e

perpetuadas: e faltou-lhe ainda a arte paciente, ou o querer forte, para

produzir aquella fórma que elle concebera em abstracto como a unica

digna, por bellezas especiaes e raras, de encarnar as suas idéas.

Desconfiança de si como pensador, cujas conclusões, renovando a

philosophia e a sciencia, podessem imprimir ao espirito humano um

movimento inesperado; desconfiança de si como escriptor e creador d'uma

Prosa, que só por si propria, e separada do valor do pensamento,

exercesse sobre as almas a acção ineffavel do absolutamente bello--eis

as duas influencias negativas que retiveram Fradique para sempre inedito

e mudo. Tudo o que da sua intelligencia emanasse queria elle que

perpetuamente ficasse actuando sobre as intelligencias pela definitiva

verdade ou pela incomparavel belleza. Mas a critica inclemente e sagaz

que praticava sobre os outros, praticava-a sobre si, cada dia, com

redobrada sagacidade e inclemencia. O sentimento, tão vivo n'elle, da

Realidade fazia-lhe distinguir o seu proprio espirito tal como era, na

sua real potencia e nos seus reaes limites, sem que lh'o mostrassem mais

potente ou mais largo esses «fumos da illusão litteraria»--que levam

todo o homem de letras, mal corre a penna sobre o papel, a tomar por

faiscantes raios de luz alguns sujos riscos de tinta. E concluindo que,

nem pela idéa, nem pela fórma, poderia levar ás intelligencias persuasão

ou encanto que definitivamente marcassem na evolução da razão ou do

gosto--preferiu altivamente permanecer silencioso. Por motivos

nobremente diferentes dos de Descartes, elle seguiu assim a maxima que

tanto seduzia Descartes--\_bene vixit qui bene latuit\_.

Nenhum d'estes sentimentos elle me confessou; mas todos lh'os

surprehendi, transparentemente, n'um dos derradeiros Nataes que vim

passar á rua de Varennes, onde Fradique pelas festas do anno me

hospedava com immerecido esplendor. Era uma noite de grande e ruidoso

inverno: e desde o café, com os pés estendidos á alta chamma dos

madeiros de faia que estalavam na chaminé, conversavamos sobre a Africa

e sobre religiões Africanas. Fradique recolhera na região do Zambeze

notas muito flagrantes, muito vivas, sobre os cultos nativos--que são

divinisações dos chefes mortos, tornados pela morte \_Mulungus\_,

Espiritos dispensadores das coisas boas e más, com residencia divina nas

cubatas e nas collinas onde tiveram a sua residencia carnal; e,

comparando os ceremoniaes e os fins d'estes cultos selvagens da Africa

com os primitivos ceremoniaes liturgicos dos Aryas em Septa-Sandou,

Fradique concluia (como mostra n'uma carta d'esse tempo a Guerra

Junqueiro) que na religião o que ha de real, essencial, necessario e

eterno é o Ceremonial e a Liturgia--e o que ha de artificial, de

supplementar, de dispensavel, de transitorio é a Theologia e a Moral.

Todas estas coisas me prendiam irresistivelmente, sobretudo pelos traços

de vida e de natureza africana com que vinham illuminadas. E sorrindo,

seduzido:

--Fradique! porque não escreve vossê toda essa sua viagem á Africa?

Era a vez primeira que eu suggeria ao meu amigo a idéa de compôr um

livro. Elle ergueu a face para mim com tanto espanto como se eu lhe

propozesse marchar descalço, através da noite tormentosa, até aos

bosques de Marly. Depois, atirando a cigarette para o lume, murmurou com

lentidão e melancolia:

--Para que?... Não vi nada na Africa, que os outros não tivessem já

visto.

E como eu lhe observasse que vira talvez d'um modo differente e

superior; que nem todos os dias um homem educado pela philosophia, e

saturado de erudição, faz a travessia da Africa; e que em sciencia uma

só verdade necessita mil experimentadores--Fradique quasi se

impacientou:

--Não! Não tenho sobre a Africa, nem sobre coisa alguma n'este mundo,

conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporaneo valesse a

pena registrar... Só podia apresentar uma série de impressões, de

paizagens. E então peor! Porque o verbo humano, tal como o fallamos, é

ainda impotente para encarnar a menor impressão intellectual ou

reproduzir a simples fórma d'um arbusto... Eu não sei escrever! Ninguem

sabe escrever!

Protestei, rindo, contra aquella generalisação tão inteiriça, que tudo

varria, desapiedadamente. E lembrei que a bem curtas jardas da chaminé

que nos aquecia, n'aquelle velho bairro de Paris onde se erguia a

Sorbonna, o Instituto de França e a Escóla Normal, muitos homens

houvera, havia ainda, que possuiam do modo mais perfeito a «bella arte

de dizer».

--Quem? exclamou Fradique.

Comecei por Bossuet. Fradique encolheu os hombros, com uma irreverencia

violenta que me emmudeceu. E declarou logo, n'um resumo cortante, que

nos dois melhores seculos da litteratura franceza, desde o \_meu\_ Bossuet

até Beaumarchais, nenhum prosador para elle tinha relevo, côr,

intensidade, vida... E nos modernos nenhum tambem o contentava. A

distenção retumbante de Hugo era tão intoleravel como a flaccidez oleosa

de Lamartine. A Michelet faltava gravidade e equilibrio; a Renan solidez

e nervo; a Taine fluidez e transparencia; a Flaubert vibração e calor. O

pobre Balzac, esse, era d'uma exuberancia desordenada e barbarica. E o

preciosismo dos Goncourt e do seu mundo parecia-lhe perfeitamente

indecente...

Aturdido, rindo, perguntei áquelle «feroz insatisfeito» que prosa pois

concebia elle, ideal e miraculosa, que merecesse ser escripta. E

Fradique, emocionado (porque estas questões de fórma desmanchavam a sua

serenidade) balbuciou que queria em prosa «alguma coisa de crystallino,

de avelludado, de ondeante, de marmoreo, que só por si, plasticamente,

realisasse uma absoluta belleza--e que expressionalmente, como verbo,

tudo podesse traduzir desde os mais fugidios tons de luz até os mais

subtis estados d'alma...»

--Emfim, exclamei, uma prosa como não póde haver!

--Não! gritou Fradique, uma \_prosa como ainda não ha!\_

Depois, ajuntou, concluindo:

--E como ainda a não ha, é uma inutilidade escrever. Só se podem

produzir fórmas sem belleza: e dentro d'essas mesmas só cabe metade do

que se queria exprimir, porque a outra metade não é reductivel ao verbo.

Tudo isto era talvez especioso e pueril, mas revelava o sentimento que

mantivera mudo aquelle superior espirito--possuido da sublime ambição de

só produzir verdades absolutamente definitivas por meio de fórmas

absolutamente bellas.

Por isso, e não por indolencia de meridional como insinua

\_Alceste\_,--Fradique passou no mundo, sem deixar outros vestigios da

formidavel actividade do seu sêr pensante além d'aquelles que por longos

annos espalhou, á maneira do sabio antigo, «em conversas com que se

deleitava, á tarde, sob os platanos do seu jardim, ou em cartas, que

eram ainda conversas naturaes com os amigos de que as ondas o

separavam...» As suas conversas, o vento as levou--não tendo, como o

velho dr. Johnson, um Boswell, enthusiasta e paciente, que o seguisse

pela cidade e pelo campo, com as largas orelhas attentas, e o lapis

prompto a tudo notar e tudo eternizar. D'elle pois só restam as suas

cartas--leves migalhas d'esse ouro de que falla \_Alceste\_, e onde se

sente o brilho, o valor intrinseco, e a preciosidade do bloco rico a que

pertenceram.

VII

Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro

proposito de abstenção e silencio--eu, publicando as suas Cartas, pareço

lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte,

n'esse ruido e publicidade a que elle sempre se recusou por uma rigida

probidade de espirito. E assim seria--se eu não possuisse a evidencia de

que Fradique incondicionalmente approvaria uma publicação da sua

Correspondencia, organisada com discernimento e carinho. Em 1888, n'uma

carta em que lhe contava uma romantica jornada na Bretanha, alludia eu a

um livro que me acompanhára e me encantára, a \_Correspondencia de Xavier

Doudan\_--um d'esses espiritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar

na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só

deixou vestigios da sua intensa vida intellectual na sua

Correspondencia, colligida depois com reverencia pelos confidentes do

seu pensamento.

Fradique, na carta que me volveu, toda occupada dos Pyrenéos onde

gastára o verão, accrescentava n'um \_post-scriptum\_:--«A Correspondencia

de Doudan é realmente muito legivel; ainda que através d'ella apenas se

sente um espirito naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no

doutrinarismo da escola de Genebra, e que depois, cahido em solidão e

doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e o mundo. Li em todo

o caso essas cartas--como leio todas as collecções de Correspondencias,

que, não sendo didacticamente preparadas para o publico (como as de

Plinio), constituem um estudo excellente de psychologia e de historia.

Eis-ahi uma maneira de perpetuar as idéas d'um homem que eu afoutamente

approvo--publicar-lhe a corresponcia! Ha desde logo esta immensa

vantagem:--que o valor das idéas (e portanto a escolha das que devem

ficar) não é decidido por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de

amigos e de criticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu

julgamento quanto estão julgando um morto que só desejam mostrar ao

mundo pelos seus lados superiores e luminosos. Além d'isso uma

Correspondencia revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e

isto é inestimavel para aquelles que na terra valeram mais pelo caracter

do que pelo talento. Accresce ainda que, se uma obra nem sempre augmenta

o peculio do saber humano, uma Correspondencia, reproduzindo

necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar

contemporaneo e ambiente, enriquece sempre o thesouro da documentação

historica. Temos depois que as cartas d'um homem, sendo o producto

quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua

philosophia--que é apenas a creação impessoal do seu espirito. Uma

Philosophia offerece meramente uma conjectura mais que se vai juntar ao

immenso montão das conjecturas: uma Vida que se confessa constitue o

estudo d'uma realidade humana, que, posta ao lado de outros estudos,

alarga o nosso conhecimento do Homem, unico objectivo \_accessivel\_ ao

esforço intellectual. E finalmente como \_cartas são palestras escriptas\_

(assim affirma não sei que classico), ellas dispensam o revestimento

sacramental da \_tal prosa como não ha\_... Mas este ponto precisava ser

mais desembrulhado--e eu sinto parar á porta o cavallo em que vou trepar

ao pico de Bigorre».

Foi a lembrança d'esta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada,

que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade d'aquelle

camarada adoravel, a reunir as suas cartas para que os homens alguma

coisa podessem aprender e amar n'aquella intelligencia que eu tão

estreitamente amára e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei um

anno--porque a correspondencia de Fradique, que, desde os quietos

habitos a que se acolhera depois de 1880 aquelle «andador de

continentes», era a mais preferida das suas occupacões, apresenta a

vastidão e a copiosidade da correspondencia de Cicero, de Voltaire, de

Proudhon, e d'outros poderosos remexedores de idéas.

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas na fórma do

papel--esplendidas folhas de Whatman, eburneas bastante para que a penna

corresse n'ellas com o desembaraço com que a voz corta o ar; vastas

bastante para que n'ellas coubesse o desenrolamento da mais complexa

idéa; fortes bastante, na sua consistencia de pergaminho, para que não

prevalecesse contra ellas o carcomer do tempo. «Calculei já, ajudado

pelo Smith (affirma elle a Carlos Mayer), que cada uma das minhas

cartas, n'este papel, com enveloppe e estampilha, me custa 250 reis. Ora

suppondo vaidosamente que cada quinhentas cartas minhas contêm uma

idéa--resulta que cada idéa me fica por \_cento e vinte e cinco mil

reis\_. Este méro calculo bastará para que o Estado, e a economica

Classe-Média que o dirige, empeçam com ardor a educação--provando, como

inilludivelmente prova, que fumar é mais barato que pensar...

Contrabalanço \_pensar\_ e \_fumar\_, porque são, ó Carlos, duas operações

identicas que consistem em atirar pequenas nuvens ao vento».

Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto as iniciaes de

Fradique--F. M.--minusculas e simples, em esmalte escarlate. A letra que

as enche, singularmente desigual, offerece a maior similitude com a

conversação de Fradique: ora cerrada e fina, parecendo morder o papel

como um buril para contornar bem rigorosamente a idéa; ora hesitante e

demorada, com riscos, separações, como n'aquelle esforço tão seu de

tentear, espiar, cercar a real realidade das coisas: ora mais fluida e

rapida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de

abundancia e de veia que Fontan de Carmanges denominava \_le dégel de

Fradique\_, e em que o gesto estreito e sobrio se lhe desmanchava n'um

esvoaçar de flammula ao vento.

Fradique nunca datava as suas cartas: e, se ellas vinham de moradas

familiares aos seus amigos, notava méramente o nome do mez. Existem

assim cartas innumeraveis com esta resumida indicação--\_Paris, Julho\_;

\_Lisboa, Fevereiro\_... Frequentemente, tambem, restituia aos mezes as

alcunhas naturalistas do kalendario republicano--\_Paris, Floreal\_;

\_Londres, Nivoze\_. Quando se dirigia a mulheres substituia ainda o nome

do mez pelo da flôr que melhor o symbolisa; e possuo assim cartas com

esta bucolica data--\_Florença, primeiras violetas\_ (o que indica fins de

fevereiro); \_Londres, chegada dos Chrysanthemos\_ (o que indica começos

de setembro). Uma carta de Lisboa offerece mesmo esta data

atroz--Lisboa, \_primeiros fluxos da verborreia parlamentar!\_ (Isto

denuncia um janeiro triste, com lama, tipoias no largo de S. Bento, e

bachareis em cima bolsando, por entre injurias, fézes de velhos

compendios).

Não é portanto possivel dispôr a Correspondencia de Fradique por uma

ordem chronologica: nem de resto essa ordem importa desde que eu não

edito a sua Correspondencia completa e integral, formando uma historia

continua e intima das suas idéas. Em cartas que não são d'um \_auctor\_ e

que não constituem, como as de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e

constante commentario que acompanha e illumina a obra, cumpria sobretudo

destacar as paginas que com mais saliencia revelassem a

\_personalidade\_--o conjunto de idéas, gostos, modos, em que

tangivelmente se sente e se palpa o homem. E por isso, n'estes pesados

maços das cartas de Fradique, escolho apenas algumas, soltas, d'entre as

que mostram traços de caracter e relances da existencia activa; d'entre

as que deixam entrevêr algum instructivo episodio da sua vida de

coração; d'entre as que, revolvendo noções geraes sobre a litteratura, a

arte, a sociedade e os costumes, caracterisam o feitio do seu

pensamento; e ainda, pelo interesse especial que as realça, d'entre as

que se referem a coisas de Portugal, como as suas «impressões de

Lisboa», transcriptas com tão maliciosa realidade para regalo de Madame

de Jouarre.

Inutil seria decerto, n'estas laudas fragmentaes, procurar a summa do

alto e livre Pensar de Fradique ou do seu Saber tão fundo e tão certo. A

correspondencia de Fradique Mendes, como diz finamente Alceste--\_c'est

son genie qui mousse\_. N'ella, com effeito, vemos apenas a espuma

radiante e ephemera que fervia e transbordava, emquanto em baixo jazia o

vinho rico e substancial que não foi nunca distribuido nem serviu ás

almas sedentas. Mas, assim ligeira e dispersa, ella mostra todavia, em

excellente relevo, a imagem d'este homem tão superiormente interessante

em todas as suas manifestações de pensamento, de paixão, de

sociabilidade e de acção.

Além do meu desejo que os contemporaneos venham a amar este espirito que

tanto amei--eu obedeço, publicando as cartas de Fradique Mendes, a um

intuito de puro e seguro patriotismo.

Uma nação só vive porque pensa. \_Cogitat ergo est.\_ A Força e a Riqueza

não bastam para provar que uma nação vive d'uma vida que mereça ser

glorificada na Historia--como rijos musculos n'um corpo e ouro farto

n'uma bolsa não bastam para que um homem honre em si a Humanidade. Um

reino d'Africa, com guerreiros incontaveis nas suas aringas e

incontaveis diamantes nas suas collinas, será sempre uma terra bravia e

morta, que, para lucro da Civilisação, os Civilisados pisam e retalham

tão desassombradamente como se sangra e se corta a rez bruta para nutrir

o animal pensante. E por outro lado se o Egypto ou Tunis formassem

resplandecentes centros de Sciencias, de Litteraturas e de Artes, e,

através de uma serena legião de homens geniaes, incessantemente

educassem o mundo--nenhuma nação, mesmo n'esta idade de ferro e de

força, ousaria occupar como um campo maninho e sem dono esses sólos

augustos d'onde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame

sublime das Idéas e das Fórmas.

Só na verdade o Pensamento e a sua creação suprema, a Sciencia, a

Litteratura, as Artes, dão grandeza aos Povos, attrahem para elles

universal reverencia e carinho, e, formando dentro d'elles o thesouro de

verdades e de bellezas que o mundo precisa, os tornam perante o mundo

sacrosantos. Que differença ha, realmente, entre Paris e Chicago? São

duas palpitantes e productivas cidades--onde os palacios, as

instituições, os parques, as riquezas, se equivalem soberbamente. Porque

fórma pois Paris um fóco crepitante de Civilisação que irresistivelmente

fascina a humanidade--e porque tem Chicago apenas sobre a terra o valor

de um rude e formidavel celleiro onde se procura a farinha e o grão?

Porque Paris, além dos palacios, das instituições e das riquezas de que

Chicago tambem justamente se gloría, possue a mais um grupo especial de

homens--Renan, Pasteur, Taine, Berthelot, Coppée, Bonnat, Falguieres,

Gounod, Massenet--que pela incessante produccão do seu cerebro convertem

a banal cidade que habitam n'um centro de soberano ensino. Se as

\_Origens do Christianismo\_, o \_Fausto\_, as telas de Bonnat, os marmores

de Falguieres, nos viessem d'além dos mares, da nova e monumental

Chicago--para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas

para o sol, os espiritos e os corações da Terra.

Se uma nação, portanto, só tem superioridade porque tem pensamento, todo

aquelle que venha revelar na nossa patria um novo homem de original

pensar concorre patrioticamente para lhe augmentar a unica grandeza que

a tornará respeitada, a unica belleza que a tornará amada;--e é como

quem aos seus templos juntasse mais um sacrario ou sobre as suas

muralhas erguesse mais um castello.

Michelet escrevia um dia, n'uma carta, alludindo a Anthero de

Quental:--«Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o auctor

das \_Odes Modernas\_, Portugal continúa a ser um grande paiz vivo...» O

mestre da \_Historia de França\_ com isto significava--que emquanto viver

pelo lado da Intelligencia, mesmo que jaza morta pelo lado da Acção, a

nossa patria não é inteiramente um cadaver que sem escrupulo se pise e

se retalhe. Ora no Pensamento ha manifestações diversas: e se nem todas

irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de

versos póde sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo

Genio Poetico: um conjunto de leis salvadoras, emanando de um espirito

positivo, póde solidamente comprovar que um povo vive ainda pelo Genio

Politico:--mas a revelação de um espirito como o de Fradique assegura

que um paiz vive tambem pelos lados menos grandiosos, mas valiosos

ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da

phantasia, do humorismo e do gosto...

Nos tempos incertos e amargos que vão, Portuguezes d'estes não podem

ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um marmore. Por isso

eu o revelo aos meus concidadãos--como uma consolação e uma esperança.

AS CARTAS

I

AO VISCONDE DE A.-T.

Londres, maio.

\_Meu caro patricio.\_--Só hontem á noite, tarde, ao recolher do campo,

encontrei o bilhete com que consideravelmente me honrou, perguntando á

minha experiencia--«qual é o melhor alfaiate de Londres». Depende isso

inteiramente do fim para que V. necessita esse Artista. Se pretende

meramente um homem que lhe cubra a nudez com economia e conforto, então

recommendo-lhe aquelle que tiver taboleta mais perto do seu Hotel. São

tantos passos que forra--e, como diz o \_Ecclesiastes\_, cada passo

encurta a distancia da sepultura.

Se porém V., caro patricio, deseja um alfaiate que lhe dê consideração e

valor no seu mundo; que V. possa citar com orgulho, á porta da Havaneza,

rodando lentamente para mostrar o córte ondeado e fino da cinta; que o

habilite a mencionar os Lords que lá encontrou, escolhendo d'alto, com

ponta da bengala, cheviotes para blusas de caça; e que lhe sirva mais

tarde, na velhice, á hora gêba do rheumatismo, como recordação

consoladora de elegancias moças--então com ardente instancia lhe

aconselho o Cook (o Thomaz Cook) que é da mais extremada moda,

absolutamente ruinoso, e falha tudo.

Para subsequentes conselhos de «fornecedores», em Londres ou outros

pontos do Universo, permanece sempre ao seu grato serviço--Fradique

Mendes.

II

A MADAME DE JOUARRE

(\_Trad.\_)[2]

Paris, dezembro.

\_Minha querida madrinha.\_--Hontem, em casa de Madame de Tressan, quando

passei, levando para a ceia Libuska, estava sentada, conversando

comsigo, por debaixo do atroz retrato da Marechala de Mouy, uma mulher

loura, de testa alta e clara, que me seduziu logo, talvez por lhe

presentir, apesar de tão indolentemente enterrada n'um divan, uma rara

graça no andar, graça altiva e ligeira de Deusa e de ave. Bem differente

da nossa sapiente Libuska, que se move com o esplendido peso de uma

estatua! E do interesse por esse outro passo, possivelmente alado e

\_dianico\_ (de Diana), provém estas garatujas.

Quem era? Supponho que nos chegou do fundo da provincia, d'algum velho

castello do Anjou com herva nos fossos, porque me não lembro de ter

encontrado em Paris aquelles cabellos fabulosamente louros como o sol de

Londres em dezembro--nem aquelles hombros descahidos, dolentes,

\_angelicos\_, imitados de uma madona de Montegna, e inteiramente

desusados em França desde o reinado de Carlos X, do \_Lyrio no Valle\_, e

dos corações incomprehendidos. Não admirei com igual fervor o vestido

preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarellas. Mas os braços

eram perfeitos; e nas pestanas, quando as baixava, parecia pender um

romance triste. Deu-me assim a impressão, ao começo, de ser uma elegiaca

do tempo de Chateaubriand. Nos olhos porém surprehendi-lhe depois uma

faisca de vivacidade sensivel--que a datava do seculo XVIII. Dirá a

minha madrinha:--«como pude eu abranger tanto, ao passar, com Libuska ao

lado fiscalisando?» É que voltei. Voltei, e da hombreira da porta

readmirei os hombros dolentes de virgem do seculo XIII; a massa de

cabellos que o mólho de velas por traz, entre as orchideas, nimbava

d'ouro; e sobretudo o subtil encanto dos olhos--dos olhos finos e

languidos... Olhos \_finos e languidos\_. É a primeira expressão em que

hoje apanho decentemente a realidade.

Porque é que não me adiantei, e não pedi uma «apresentação?» Nem sei.

Talvez o requinte em \_retardar\_, que fazia com que La-Fontaine,

dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais

longo. Sabe o que dava tanta seducção ao palacio das Fadas, nos tempos

do rei Arthur? Não sabe. Resultados de não lêr Tennyson... Pois era a

immensidade d'annos que levava a chegar lá, através de jardins

encantados, onde cada recanto de bosque offerecia a emoção inesperada

d'um \_flirt\_, d'uma batalha, ou d'um banquete... (Com que morbida

propensão acordei hoje para o estylo asiatico!) O facto é que, depois da

contemplação junto á hombreira, voltei a cear ao pé da minha radiante

tyranna. Mas por entre o banal sandwich de \_foie-gras\_, e um copo de

Tokay em nada parecido com aquelle Tokay que Voltaire, já velho, se

recordava de ter bebido em casa de Madame d'Etioles (os vinhos dos

Tressans descendem em linha varonil dos venenos da Brinvilliers), vi,

constantemente \_vi\_, os \_olhos finos e languidos\_. Não ha senão o homem,

entre os animaes, para misturar a languidez d'um olhar fino a fatias de

\_foie-gras\_. Não o faria decerto um cão de boa raça. Mas seriamos nós

desejados pelo «ephemero feminino» se não fosse esta providencial

brutalidade? Só a porção de Materia que ha no homem faz com que as

mulheres se resignem á incorrigivel porção d'Ideal que n'elle ha

tambem--para eterna perturbação do mundo. O que mais prejudicou

Petrarcha aos olhos de Laura--foram os \_Sonetos\_. E quando Romeu, já com

um pé na escada de sêda, se demorava, exhalando o seu extasi em

invocações á Noite e á Lua--Julietta batia os dedos impacientes no

rebordo do balcão, e pensava: «Ai, que palrador que és, filho dos

Montaigus!» Este detalhe não vem em Shakspeare--mas é comprovado por

toda a Renascença. Não me amaldiçôe por esta sinceridade de meridional

sceptico, e mande-me dizer que nome tem, na sua parochia, a loura

castellã do Anjou. A proposito de castellos: cartas de Portugal

annunciam-me que o kiosque por mim mandado erguer em Cintra, na minha

quintarola, e que lhe destinava como «seu pensadoiro e retiro nas horas

de sésta»--abateu. Tres mil e oitocentos francos achatados em entulho.

Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é

deputado, e escreve no \_Jornal da Tarde\_ estudos melancolicos sobre as

Finanças! O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o

kiosque, um estimavel rapaz, de boa familia, que entende de construcções

e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa! Talvez se eu

necessitasse um Jurisconsulto me propozessem um trolha. É com estes

elementos alegres que nós procuramos restaurar o nosso imperio d'Africa!

Servo humilde e devoto--Fradique.

III

A OLIVEIRA MARTINS

Paris, maio.

\_Querido amigo.\_--Cumpro emfim a promessa feita na sua erudita ermida

das Aguas-Ferreas, n'aquella manhã de Março em que conversavamos ao sol

sobre o caracter dos Antigos,--e remetto, como documento, a photographia

da mumia de Ramèzes II (que o francez banal, continuador do grego banal,

teima em chamar Sezostris), recentemente descoberta nos sarcophagos

reaes de Medinet-Abou pelo professor Maspero.

Caro Oliveira Martins, não acha V. picarescamente suggestivo este

facto--\_Ramèzes photographado\_?... Mas ahi está justificada a

mumificação dos cadaveres, feita pelos bons Egypcios com tanta fadiga e

tanta despeza, para que os homens gozassem na sua fórma terrena, segundo

diz o Escriba, «as vantagens da Eternidade!» Ramèzes, como elle

acreditava e lhe affirmavam os metaphysicos de Thebas, resurge

effectivamente «com todos os seus ossos e a pelle que era sua» n'este

anno da Graça de 1886. Ora 1886, para um Pharaoh da decima-nona

dynastia, mil e quatrocentos annos anterior a Christo, representa muito

decentemente a \_Eternidade\_ e a \_Vida-Futura\_. E eis-nos agora podendo

contemplar as «proprias feições» do maior dos Ramezidas, tão realmente

como Hokem seu Eunuco-Mór, ou Pentaour seu Chronista-Mór, ou aquelles

que outr'ora em dias de triumphos corriam a juncar-lhe o caminho de

flôres, trazendo «os seus chinós de festa e a cutis envernizada com

oleos de Segabai». Ahi o tem V. agora diante de si, em photographia, com

as palpebras baixas e sorrindo. E que me diz a essa face real? Que

humilhantes reflexões não provoca ella sobre a irremediavel degeneração

do homem! Onde ha ahi hoje um, entre os que governam povos, que tenha

essa soberana fronte de calmo e incommensuravel orgulho; esse superior

sorriso de omnipotente benevolencia, d'uma ineffavel benevolencia que

cobre o mundo; esse ar de imperturbada e indomavel força; todo esse

esplendor viril que a treva de um hypogeo, durante tres mil annos, não

conseguiu apagar? Eis-ahi verdadeiramente um \_Dono de homens\_! Compare

esse semblante augusto com o perfil sôrno, obliquo e bigodoso d'um

Napoleão III; com o focinho de \_bull-dog\_ acorrentado d'um Bismarck; ou

com o carão do Czar russo, um carão parado e affavel que podia ser o do

seu Copeiro-Mór. Que chateza, que fealdade tacanha d'estes rostos de

poderosos!

D'onde provém isto? De que a alma modela a face como o sopro do antigo

oleiro modelava o vaso fino:--e hoje, nas nossas civilisações, não ha

logar para que uma alma se affirme e se produza na absoluta expansão da

sua força. Outr'ora um simples homem, um feixe de musculos sobre um

feixe d'ossos, podia erguer-se e operar como um elemento da Natureza.

Bastava ter o illimitado querer--para d'elle tirar o illimitado poder.

Eis-ahi em Ramèzes um sêr que tudo quer e tudo póde, e a quem Phtah, o

Deus sagaz, diz com espanto: «a tua vontade dá a vida e a tua vontade dá

a morte!» Elle impelle a seu bel-prazer as raças para norte, para sul ou

para leste; elle altera e arraza, como muros n'um campo, as fronteiras

dos reinos; as cidades novas surgem das suas pegadas; para elle nascem

todos os fructos da terra, e para elle se volta toda a esperança dos

homens; o logar para onde volve os seus olhos é bemdito e prospéra, e o

logar que não recebe essa luz benefica jaz como «o torrão que o Nilo não

beijou»; os deuses dependem d'elle, e Amnon estremece inquieto quando,

diante dos pylones do seu templo, Ramèzes faz estalar as tres cordas

entrançadas do seu latego de guerra! Eis um \_homem\_--e que seguramente

póde affirmar no seu canto triumphal:--«Tudo vergou sob a minha força:

eu vou e venho com as passadas largas d'um leão; o rei dos deuses está á

minha direita e tambem á minha esquerda; quando eu fallo o céo escuta;

as coisas da terra estendem-se a meus pés, para eu as colher com mão

livre; e para sempre estou erguido sobre o throno do mundo!»

«O mundo», está claro, era aquella região, pela maior parte arenosa, que

vai da cordilheira Libyca á Mesopotamia: e nunca houve mais petulante

emphase do que nas Panegyrias dos Escribas. Mas o homem é, ou suppõe

ser, inigualavelmente grande. E esta consciencia da grandeza, do

incircumscripto poder vem necessariamente resplandecer na physionomia e

dar essa altiva magestade, repassada de risonha serenidade, que Ramèzes

conserva mesmo além da vida, resequido, mumificado, recheado de betume

da Judêa.

Veja V. por outro lado as condições que cercam hoje um poderoso do typo

Bismarck. Um desgraçado d'esses não está acima de nada e depende de

tudo. Cada impulso da sua vontade esbarra com a resistencia d'um

obstaculo. A sua acção no mundo é um perpetuo bater de craneo contra

espessuras de portas bem defendidas. Toda a sorte de convenções, de

tradições, de direitos, de preceitos, de interesses, de principios, se

lhe levanta a cada instante diante dos passos como marcos sagrados. Um

artigo de jornal fal-o estacar, hesitante. A rabulice d'um legista

obriga-o a encolher precipitadamente a garra que já ia estendendo. Dez

burguezes nedios e dez professores guedelhudos, votando dentro d'uma

sala, estatelam por terra o alto andaime dos seus planos. Alguns florins

dentro d'um sacco tornam-se o tormento das suas noites. É-lhe tão

impossivel dispôr d'um cidadão como d'um astro. Nunca póde avançar d'uma

arrancada, erecto e seguro: tem de ser ondeante e rastejante. A

vigilancia ambiente impõe-lhe a necessidade vil de fallar baixo e aos

cantos. Em vez de «recolher as coisas da terra, com mão

livre»--surripia-as ás migalhas, depois de escuras intrigas. As

irresistiveis correntes de idéas, de sentimentos, de interesses,

trabalham por baixo d'elle, em torno d'elle: e parecendo dirigil-as,

pelo muito que braceja e ronca d'alto, é na realidade por ellas

arrastado. Assim um omnipotente do typo Bismarck vai por vezes em

apparencia no cimo das grandes coisas;--mas como a boia solta vai no

cimo da torrente.

Miseravel omnipotencia! E o sentimento d'esta miseria não póde deixar de

influenciar a physionomia dos nossos poderosos dando-lhe esse feitio

contrafeito, crispado, torturado, azedado e sobretudo \_amolgado\_ que se

nota na cara de Napoleão, do czar, de Bismarck, de todos os que reunem a

maior somma de poder contemporaneo--o feitio \_amolgado\_ d'uma coisa que

rola aos encontrões, batendo contra muralhas.

Em conclusão:--a mumia de Ramèzes II (unica face authentica do homem

antigo que conhecemos) prova que, tendo-se tornado impossivel uma vida

humana vivida na sua maxima liberdade e na sua maxima força, sem outros

limites que os do proprio querer--resultou perder-se para sempre, no

typo physico do homem, a summa e perfeita expressão da grandeza. Já não

ha uma face sublime: ha carantonhas mesquinhas onde a bilis cava rugas

por entre os recortes do pêllo. As unicas physionomias nobres são as das

feras, genuinos Ramèzes no seu deserto, que nada perderam da sua força,

nem da sua liberdade. O homem moderno, esse, mesmo nas alturas sociaes,

é um pobre Adão achatado entre as duas paginas d'um codigo.

Se V. acha todo isto excessivo e phantasista, attribua-o a que jantei

hontem, e conversei inevitavelmente, com o seu correligionario P.,

conselheiro d'estado, \_e muchas cosas más\_. \_Más\_ em hespanhol; e \_más\_

também em portuguez no sentido de pessimas. Esta carta é a reacção

violenta da conversa conselheiral e conselheirifera. Ah, meu amigo,

desditoso amigo, que faz V. depois de receber o fluxo labial d'um

conselheiro? Eu tomo um banho por dentro--um banho lustral, immenso

banho de phantasia, onde despejo como perfume idoneo um frasco de

Shelley ou de Masset. Amigo certo \_et nunc et semper\_--Fradique Mendes.

IV

A MADAME S.

Paris, fevereiro.

\_Minha cara amiga.\_--O hespanhol chama-se D. Ramon Covarubia, mora na

Passage Saulnier, 12, e como é aragonez, e portanto sobrio, creio que

com dez francos por lição se contentará amplamente. Mas se seu filho já

sabe o castelhano necessario para entender os \_Romanceros\_, o \_D.

Quichote\_, alguns dos «Piccarescos», vinte paginas de Quevedo, duas

comedias de Lope de Vega, um ou outro romance de Galdós, que é tudo

quanto basta lêr na litteratura de Hespanha,--para que deseja a minha

sensata amiga que elle pronuncie esse castelhano que sabe com o accento,

o sabor, e o sal d'um madrileno nascido nas veras pedras da Calle-Mayor?

Vai assim o dôce Raul desperdiçar o tempo que a Sociedade lhe marcou

para adquirir idéas e noções (e a Sociedade a um rapaz da sua fortuna,

do seu nome e da sua belleza, apenas concede, para esse abastecimento

intellectual, sete annos, dos onze aos dezoito)--em quê? No luxo de

apurar até a um requinte superfino, e superfluo, o mero instrumento de

adquirir noções e idéas. Porque as linguas, minha boa amiga, são apenas

instrumentos do saber--como instrumentos de lavoura. Consumir energia e

vida na aprendizagem de as pronunciar tão genuina e puramente que pareça

que se nasceu dentro de cada uma d'ellas, e que por meio de cada uma se

pediu o primeiro pão e agua da vida--é fazer como o lavrador, que em vez

de se contentar, para cavar a terra, com um ferro simples encabado n'um

pau simples, se applicasse, durante os mezes em que a horta tem de ser

trabalhada, a embutir emblemas no ferro e esculpir flôres e folhagens ao

comprido do pau. Com um hortelão assim, tão miudamente occupado em

alindar e requintar a enxada, como estariam agora, minha senhora, os

seus pomares Touraine?

Um homem só deve fallar, com impeccavel segurança e pureza, a lingua da

sua terra:--todas as outras as deve fallar mal, orgulhosamente mal, com

aquelle accento chato e falso que denuncía logo o estrangeiro. Na lingua

verdadeiramente reside a nacionalidade;--e quem fôr possuindo com

crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente soffrendo uma

desnacionalisação. Não ha já para elle o especial e exclusivo encanto da

\_falla materna\_ com as suas influencias affectivas, que o envolvem, o

isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente

lhe dá o cosmopolitismo do caracter. Por isso o polyglota nunca é

patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no

organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu

patriotismo desapparece, diluido em estrangeirismo. \_Rue de Rivoli\_,

\_Calle d'Alcalá\_, \_Regent Street\_, \_Wilhem Strasse\_--que lhe importa?

Todas são ruas, de pedra ou de macadam. Em todas a falla ambiente lhe

offerece um elemento natural e congenere onde o seu espirito se move

livremente, espontaneamente, sem hesitações, sem attritos. E como pelo

Verbo, que é o instrumento essencial da fusão humana, se póde fundir com

todas--em todas sente e aceita uma Patria.

Por outro lado, o esforço contínuo de um homem para se exprimir, com

genuina e exacta propriedade de construcção e de accento, em idiomas

estranhos--isto é, o esforço para se confundir com gentes estranhas no

que ellas têm de essencialmente caracteristico, o Verbo--apaga n'elle

toda a individualidade nativa. Ao fim de annos esse habilidoso, que

chegou a fallar absolutamente bem outras linguas além da sua, perdeu

toda a originalidade de espirito--porque as suas idéas forçosamente

devem ter a natureza incaracteristica e neutra que lhes permitta serem

indifferentemente adaptadas ás linguas mais oppostas em caracter e

genio. Devem, de facto, ser como aquelles «corpos de pobre» de que tão

tristemente falla o povo--«que cabem bem na roupa de toda a gente».

Além d'isso, o proposito de pronunciar com perfeição linguas

estrangeiras constitue uma lamentavel sabujice para com o estrangeiro.

Ha ahi, diante d'elle, como o desejo servil de \_não sermos nós mesmos\_,

de nos fundirmos n'elle, no que elle tem de mais seu, de mais proprio, o

Vocabulo. Ora isto é uma abdicação de dignidade nacional. Não, minha

senhora! Fallemos nobremente mal, patrioticamente mal, as linguas dos

outros! Mesmo porque aos estrangeiros o polyglota só inspira

desconfiança, como sêr que não tem raizes, nem lar estavel--sêr que rola

através das nacionalidades alheias, successivamente se disfarça n'ellas,

e tenta uma installação de vida em todas porque não é tolerado por

nenhuma. Com effeito, se a minha amiga percorrer a Gazeta dos Tribunaes

verá que o perfeito polyglotismo é um instrumento da alta \_escroquerie\_.

E aqui está como, levado pelo dilettantismo das idéas, em vez d'um

endereço eu lhe forneço um tratado!... Que a minha garrulice ao menos a

faça sorrir, pensar, e poupar ao nosso Raul o trabalho medonho de

pronunciar \_Viva la Gracia!\_ e \_Benditos sean tus ojos!\_

exactissimamente como se vivesse a uma esquina da \_Puerta del Sol\_, com

uma capa de bandas de velludo, chupando o cigarro de Lazarillo. Isto

todavia não impede que se utilisem os serviços de D. Ramon. Elle, além

de Zorrillista, é guitarrista; e póde substituir as lições na lingua de

Quevedo por lições na guitarra de Almaviva. O seu lindo Raul ganhará

ainda assim uma nova faculdade de exprimir--a faculdade de exprimir

emoções por meio de cordas de arame. E este dom é excellente! Convem

mais na mocidade, e mesmo na velhice, saber, por meio das quatro cordas

d'uma viola, desafogar a alma das coisas confusas e sem nome que n'ella

tumultuam, do que poder, através das estalagens do mundo, reclamar com

perfeição o pão e o queijo--em sueco, hollandez, grego, bulgaro e

polaco.

E será realmente indispensavel mesmo para prover, através do mundo,

estas necessidades vitaes d'estomago e alma--o trilhar, durante annos,

pela mão dura dos mestres, «os descampados e atoleiros das grammaticas e

pronuncias», como dizia o velho Milton? Eu tive uma admiravel tia que

fallava unicamente o portuguez (ou antes o minhoto) e que percorreu toda

a Europa com desafôgo e conforto. Esta senhora, risonha mas dyspeptica,

comia simplesmente ovos--que só conhecia e só comprehendia sob o seu

nome nacional vernaculo de \_ovos\_. Para ella \_huevos\_, \_oeufs\_, \_eggs\_,

\_das ei\_, eram sons da Natureza bruta, pouco differençaveis do coaxar

das rãs, ou d'um estalar de madeira. Pois quando em Londres, em Berlim,

em Paris, em Moscow, desejava os seus ovos--esta expedita senhora

reclamava o famulo do Hotel, cravava n'elle os olhos agudos e bem

explicados, agachava-se gravemente sobre o tapete, imitava com o rebolar

lento das saias tufadas uma gallinha no chôco, e gritava \_ki-ki-ri-ki!\_

\_kó-kó-ri-ki!\_ \_kó-ró-kó-kó!\_ Nunca, em cidade ou região intelligente do

Universo, minha tia deixou de comer os seus ovos--e superiormente

frescos!

Beijo as suas mãos, benevola amiga--Fradique.

V

A GUERRA JUNQUEIRO

Paris, maio.

\_Meu caro amigo.\_--A sua carta transborda de illusão poetica. Suppôr,

como V. candidamente suppõe, que trespassando com versos (ainda mesmo

seus, e mais rutilantes que as flechas de Apollo) a Igreja, o Padre, a

Liturgia, as Sacristias, o jejum da sexta-feira e os ossos dos Martyres,

se póde «desentulhar Deus da alluvião sacerdotal», e elevar o Povo (no

Povo V. decerto inclue os conselheiros de Estado) a uma comprehensão

toda pura e abstracta da Religião--a uma religião que consista apenas

n'uma Moral apoiada n'uma Fé--é ter da Religião, da sua essencia e do

seu objecto, uma sonhadora idéa de sonhador teimoso em sonhos!

Meu bom amigo, uma Religião a que se elimine o Ritual

desapparece--porque as Religiões para os homens (com excepção dos raros

Metaphysicos, Moralistas e Mysticos) não passa d'um conjunto de Ritos

através dos quaes cada povo procura estabelecer uma communicação intima

com o seu Deus e obter d'elle favores. Este, só este, tem sido o fim de

todos os cultos, desde o mais primitivo, do culto de Indra, até ao culto

recente do coração de Maria, que tanto o escandalisa na sua parochia--oh

incorrigivel beato do idealismo!

Se V. o quer verificar historicamente, deixe Vianna do Castello, tome um

bordão, e suba commigo por essa antiguidade fóra até um sitio bem

cultivado e bem regado que fica entre o rio Indo, as escarpas do

Hymalaia, e as arêas d'um grande deserto. Estamos aqui em Septa-Sindhou,

no paiz das Sete-Aguas, no Valle Feliz, na terra dos Aryas. No primeiro

povoado em que pararmos V. vê, sobre um outeiro, um altar de pedra

coberto de musgo fresco: em cima brilha pallidamente um fogo lento: e em

torno perpassam homens, vestidos de linho, com os longos cabellos presos

por um aro d'ouro fino. São padres, meu amigo! São os primeiros

capellães da humanidade,--e cada um d'elles está, por esta quente

alvorada de maio, celebrando um rito da missa Aryana. Um limpa e

desbasta a lenha que ha de nutrir o lume sagrado; outro pisa dentro d'um

almofariz, com pancadas que devem resoar «como tambor de victoria», as

hervas aromaticas que dão o \_Sômma\_; este, como um semeador, espalha

grãos de aveia em volta da Ara; aquelle, ao lado, espalmando as mãos ao

céo, entoa um cantico austero. Estes homens, meu amigo, estão executando

um Rito que encerra em si toda a Religião dos Aryas, e que tem por

objecto propiciar Indra--Indra, o sol, o fogo, a potencia divina que

póde encher de ruina e dôr o coração do Arya, sorvendo a agua das regas,

queimando os pastos, desprendendo a pestilencia das lagôas, tornando

Septa-Sindhou mais esteril que o «coração do mau»; ou póde, derretendo

as neves do Hymalaia, e soltando com um golpe de fogo «a chuva que jaz

no ventre das nuvens», restituir a agua aos rios, a verdura aos prados,

a salubridade ás lagôas, a alegria e abundancia á morada do Arya.

Trata-se pois simplesmente de convencer Indra a que, sempre propicio,

derrame sobre Septa-Sindhou todos os favores que póde appetecer um povo

rural e pastoral.

Não ha aqui Metaphysica, nem Ethica--nem explicações sobre a natureza

dos deuses, nem regras para a conducta dos homens. Ha meramente uma

Liturgia, uma totalidade de Ritos, que o Arya necessita observar para

que Indra o attenda--uma vez que, pela experiencia de gerações, se

comprovou que Indra só o escutará, só concederá os beneficios rogados,

quando em torno ao seu altar certos velhos, de certa casta, vestidos de

linho candido, lhe erguerem canticos dôces, lhe offertarem libações, lhe

amontoarem dons de fructa, mel e carne d'anho. Sem dons, sem libações,

sem canticos, sem anho, Indra, amuado e sumido no fundo do Invisivel e

do Intangivel, não descerá á terra a derramar-se na sua bondade. E se

vier de Vianna do Castello um Poeta tirar ao Arya o seu altar de musgo,

o seu pau sacrosanto, o almofariz, o crivo e o vaso do \_Sômma\_, o Arya

ficará sem meios de propiciar o seu Deus, desattendido do seu Deus--e

será na terra como a creancinha que ninguem nutre e a que ninguem ampara

os passos.

Esta Religião primordial é o typo absoluto e inalteravel das Religiões,

que todas por instincto repetem--e em que todas (apesar dos elementos

estranhos de Theologia, de Metaphysica, de Ethica que lhe introduzem os

espiritos superiores) terminam por se resumir, com reverencia. Em todos

os climas, em todas as raças, ou divinisando as forças da Natureza, ou

divinisando a Alma dos mortos, as Religiões, amigo meu, consistiram

sempre praticamente n'um conjunto de praticas, pelas quaes o homem

simples procura alcançar da amizade de Deus os bens supremos da saude,

da forca, da paz, da riqueza. E mesmo quando, já mais crente no esforço

proprio, pede esses bens á hygiene, á ordem, á lei e ao trabalho, ainda

persiste nos ritos propiciadores para que Deus \_ajude\_ o seu esforço.

O que V. observou em Septa-Sindhou poderá verificar igualmente, parando

(antes de recolhermos a Vianna, a beber esse vinho verde de Monção, que

V. dithyrambisa) na Antiguidade classica, em Athenas ou Roma, onde

quizer, no momento de maior esplendor e cultura das civilisações

greco-latinas. Se V. ahi perguntar a um antigo, seja um oleiro de

Suburra, seja o proprio \_Flamen Dialis\_, qual é o corpo de doutrinas e

de conceitos moraes que compõe a Religião,--elle sorrirá, sem o

comprehender. E responderá que a Religião consiste em \_paces deorum

quaerere\_, em apaziguar os Deuses, em segurar a benevolencia dos Deuses.

Na idéa do antigo isso significa cumprir os ritos, as praticas, as

formulas, que uma longa tradição demonstrou serem as unicas que

conseguem fixar a attencão dos Deuses e exercer sobre elles persuasão ou

seducção. E n'esse ceremonial era indispensavel não alterar nem o valor

d'uma syllaba na Prece, nem o valor d'um gesto no sacrificio, porque

d'outro modo o Deus, não reconhecendo o Sacrificio da sua dilecção e a

Prece do seu agrado, permanecia desattento e alheio; e a Religião

falseava o seu fim supremo--influenciar o Deus. Peor ainda! Passava a

ser a irreligião: e o Deus, vendo n'essa omissão de liturgia uma falta

de reverencia, despedia logo das Alturas os dardos da sua colera. A

obliquidade das pregas na tunica do Sacrificador, um passo lançado á

direita ou movido á esquerda, o cahir lento das gottas da libação, o

tamanho das achas do lume votivo, todos esses detalhes estavam

prescriptos immutavelmente pelos Rituaes, e a sua exclusão ou a sua

alteração constituiam impiedades. Constituiam verdadeiros crimes contra

a patria--porque attrahiam sobre ella a indignação dos deuses. Quantas

Legiões vencidas, quantas cidadellas derrubadas, porque o Pontifice

deixára perder um grão de cinza da ara--ou porque Auruspice não arrancou

lã bastante da cabeça do anho! Por isso Athenas castigava o Sacerdote

que alterasse o ceremonial; e o senado depunha os Consules que

commettiam um erro no sacrificio--fosse elle tão ligeiro como reter a

ponta da toga sobre a cabeça, quando ella devia escorregar sobre o

hombro. De sorte que V., em Roma, lançando ironias d'ouro á Divindade,

era talvez um grande e admirado Poeta Comico: mas satyrisando, como na

\_Velhice do Padre Eterno\_, a Liturgia e o Ceremonial, era um inimigo

publico, um traidor ao Estado, votado ás masmorras do \_Tuliano\_.

E se, já farto d'estes tempos antigos, V. quizer volver aos nossos

philosophicos dias, encontrará nas duas grandes Religiões do occidente e

do oriente, no Catholicismo e no Budhismo, uma comprovação ainda mais

saliente e mais viva de que a Religião consiste intrinsecamente de

praticas, sobre as quaes a Theologia e a Moral se sobrepozeram, sem as

penetrarem, como um luxo intellectual, accessorio e transitorio--flôres

pregadas no altar pela imaginação ou pela virtude idealista. O

Catholicismo (ninguem mais furiosamente o sabe do que V.) está hoje

resumido a uma curta série de observancias materiaes:--e todavia nunca

houve Religião dentro da qual a Intelligencia erguesse mais vasta e alta

estructura de conceitos theologicos e moraes. Esses conceitos, porém,

obra de doutores e de mysticos, nunca propriamente sahiram das escólas e

dos mosteiros--onde eram preciosa materia de dialectica ou de poesia;

nunca penetraram nas multidões para methodicamente governar os juizos ou

conscientemente governar as acções. Reduzido a catechismos, a cartilhas,

esse corpo de conceitos foi decorado pelo povo:--mas nunca o povo se

persuadiu que tinha Religião, e que portanto \_agradava a Deus\_, \_servia

a Deus\_, só por cumprir os dez mandamentos, fóra de toda a pratica e de

toda a observancia ritual. E só decorou mesmo esses \_Dez Mandamentos\_, e

as \_Obras de Misericordia\_, e os outros preceitos moraes do Catechismo,

pela idéa de que esses versiculos, \_recitados com os labios\_, tinham,

por uma virtude maravilhosa, o poder de attrahir a attenção, a

bemquerença e os favores do Senhor. Para \_servir a Deus\_, que é o meio

\_de agradar a Deus\_, o essencial foi sempre ouvir missa, esfiar o

rosario, jejuar, commungar, fazer promessas, dar tunicas aos santos,

etc. Só por estes ritos, e não pelo cumprimento moral da lei moral, se

propicia a Deus,--isto é, se alcançam d'elle os dons inestimaveis da

saude, da felicidade, da riqueza, da paz. O mesmo Céo e Inferno, sancção

extra-terrestre da lei, nunca, na idéa do povo, se ganhava ou se evitava

pela pontual obediencia á lei. E talvez com razão, por isso mesmo que no

Catholicismo o premio e o castigo não são manifestações da \_justiça\_ de

Deus, mas da \_graça\_ de Deus. Ora a graça, no pensar dos simples, só se

obtem pela constante e incansavel pratica dos preceitos--a missa, o

jejum, a penitencia, a communhão, o rosario, a novena, a offerta, a

promessa. De sorte que no catholicismo do Minhoto como na religião do

Arya, em Septa-Sindhou como em Carrazeda d'Anciães, tudo se resume em

propiciar Deus por meio de praticas que o captivem. Não ha aqui

Theologia, nem Moral. Ha o acto do infinitamente fraco querendo agradar

ao infinitamente forte. E se V., para purificar este Catholicismo,

eliminar o Padre, a estola, as galhetas e a agua-benta, todo o Rito e

toda a Liturgia--o catholico immediatamente abandonará uma Religião que

não tem Egreja visivel, e que não lhe offerece os meios simples e

tangiveis de communicar com Deus, de obter d'elle os bens transcendentes

para a alma e os bens sensiveis para o corpo. O Catholicismo n'esse

instante terá acabado, milhões de sêres terão perdido o seu Deus. A

Egreja é o vaso de que Deus é o perfume. Egreja partida--Deus

volatilisado.

Se tivessemos tempo de ir á China ou a Ceylão, V. toparia com o mesmo

phenomeno no Budhismo. Dentro d'essa Religião foi elaborada a mais alta

das Metaphysicas, a mais nobre das Moraes: mas em todas as raças em que

elle penetrou, nas barbaras ou nas cultas, nas hordas do Nepal ou no

mandarinato chinez, elle consistiu sempre para as multidões em ritos,

ceremonias, praticas--a mais conhecida das quaes é o \_moinho de rezar\_.

V. nunca lidou com este moinho? É lamentavelmente parecido com o \_moinho

de café\_: em todos os paizes budhistas V. o verá collocado nas ruas das

cidades, nas encruzilhadas do campo, para que o devoto ao passar, dando

duas voltas á manivella, possa fazer chocalhar dentro as orações

escriptas e communica com o Budha, que por esse acto de cortezia

transcendente «lhe ficará grato e lhe augmentará os seus bens».

Nem o Catholicismo, nem o Budhismo vão por este facto em decadencia. Ao

contrario! Estão no seu estado natural e normal de Religião. Uma

Religião, quanto mais se materialisa, mais se popularisa--e portanto

mais se divinisa. Não se espante! Quero dizer, que quanto mais se

desembaraça dos seus elementos intellectuaes de Theologia, de Moral, de

Humanitarismo, etc., repellindo-os para as suas regiões naturaes que são

a Philosophia, a Ethica e a Poesia, tanto mais colloca o povo face a

face com o seu Deus, n'uma união directa e simples, tão facil de

realisar que, por um mero dobrar de joelhos, um mero balbuciar de

Padre-Nossos, o homem absoluto que está no céo vem ao encontro do homem

transitorio que está na terra. Ora este encontro é o facto

essencialmente divino da Religião. E quanto mais elle se

materialisa--mais ella na realidade se divinisa.

V. porém dirá (e de facto o diz): «Tornemos essa communicação puramente

espiritual, e que, despida de toda a exterioridade liturgica, ella seja

apenas como o espirito humano fallando ao espirito divino». Mas para

isso é necessario que venha o Millenio--em que cada cavador de enxada

seja um philosopho, um pensador. E quando esse Millenio detestavel

chegar, e cada tipoia de praça fôr governada por um Mallebranche, terá

V. ainda de ajuntar a esta perfeita humanidade masculina uma nova

humanidade feminina, physiologicamente differente da que hoje embelleza

a terra. Porque emquanto houver uma mulher constituida physica,

intellectual e moralmente como a que Jehovah com uma tão grande

inspiração d'artista fez da costella de Adão,--haverá sempre ao lado

d'ella, para uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre.

Essa communhão mystica do Homem e de Deus, que V. quer, nunca poderá ser

senão o privilegio d'uma \_élite\_ espiritual, deploravelmente limitada.

Para a vasta massa humana, em todos os tempos, pagã, budhista, christã,

mahometana, selvagem ou culta, a Religião terá sempre por fim, na sua

essencia, a supplica dos favores divinos e o afastamento da cólera

divina; e, como instrumentação material para realisar estes objectos, o

templo, o padre, o altar, os officios, a vestimenta, a imagem. Pergunte

a qualquer mediano homem sahido da turba, que não seja um philosopho, ou

um moralista, ou um mystico, o que é Religião. O inglez dirá:--«É ir ao

serviço ao domingo, bem vestido, cantar hymnos». O hindú dirá:--«É fazer

\_poojah\_ todos os dias e dar o tributo ao \_Mahadeo\_». O africano

dirá:--«É offerecer ao \_Mulungú\_ a sua ração de farinha e oleo». O

Minhoto dirá:--«É ouvir missa, rezar as contas, jejuar á sexta-feira,

commungar pela Paschoa». E todos terão razão, grandemente! Porque o seu

objecto, como sêres religiosos, está todo em communicar com Deus; e

esses são os meios de communicação que os seus respectivos estados de

civilisação e as respectivas liturgias que d'elles sahiram, lhes

fornecem. \_Voilà!\_ Para V. está claro, e para outros espiritos de

eleição, a Religião é outra coisa--como já era outra coisa em Athenas

para Socrates e em Roma para Seneca. Mas as multidões humanas não são

compostas de Socrates e de Senecas--bem felizmente para ellas, e para os

que as governam, incluindo V. que as pretende governar!

De resto, não se desconsole, amigo! Mesmo entre os simples ha modos de

ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades

rituaes. Um presenciei eu, deliciosamente puro e intimo. Foi nas margens

do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria, nas vesperas de

entrar em guerra com um chefe visinho, communicar com o seu Deus, com o

seu Mulungú (que era, como sempre, um seu avô divinisado). O recado ou

pedido, porém, que desejava mandar á sua Divindade, não se podia

transmittir através dos Feiticeiros e do seu ceremonial, tão graves e

confidenciaes matérias continha... Que faz Lubenga? Grita por um

escravo: dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica

bem que o escravo tudo comprehendera, tudo retivera: e immediatamente

arrebata um machado, decepa a cabeça do escravo, e brada

tranquillamente--«parte!» A alma do escravo lá foi, como uma carta

lacrada e sellada, direita para o céo, ao Mulungú. Mas d'ahi a instantes

o chefe bate uma palmada afflicta na testa, chama á pressa outro

escravo, diz-lhe ao ouvido rapidas palavras, agarra o machado,

separa-lhe a cabeça, e berra:--«Vai!»

Esquecera-lhe algum detalhe no seu pedido ao Mulungú... O segundo

escravo era um \_post-scriptum\_.

Esta maneira simples de communicar com Deus deve regosijar o seu

coração. Amigo do dito--Fradique.

VI

A RAMALHO ORTIGÃO

Paris, abril.

\_Querido Ramalho.\_--No sabbado á tarde, na rue Cambon, avisto dentro

d'um fiacre o nosso Eduardo, que se arremessa pela portinhola para me

gritar: «Ramalho, esta noite! de passagem para a Hollanda! ás dez! no

café da Paz!»

Fico dôcemente alvoroçado; e ás nove e meia, apesar da minha justa

repugnancia pela esquina do café da Paz, Centro catita do \_Snobismo\_

internacional, lá me installo, com um bock, esperando a cada instante

que surja, por entre a turba baça e molle do boulevard, o esplendor da

Ramalhal figura. Ás dez salta d'um fiacre com anciedade o vivaz

Carmonde, que abandonára á pressa uma sobremesa alegre \_pour voir ce

grand Ortigan\_! Começa uma espera a dois, com bock a dois. Nada de

Ramalho, nem do seu viço. Ás onze apparece Eduardo, esbaforido. E

Ramalho? Inedito ainda! Espera a tres, impaciencia a tres, bock a tres.

E assim até que o bronze nos soou o fim do dia.

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorviamos as

derradeiras fezes do bock, já desilludidos de Ramalho e das suas pompas,

quando roça pela nossa mesa um sujeito escurinho, chupadinho,

esticadinho, que traz na mão com respeito, quasi com religião, um

soberbo ramo de cravos amarellos. É um homem d'além dos mares, da

Republica Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo--que o retem e

apresenta «o snr. Mendibal». Mendibal aceita um bock: e eu começo a

contemplar mudamente aquella facesinha toda em perfil, como recortada

n'uma lamina de machado, d'uma côr acobreada de chapéo côco inglez, onde

a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece

cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escanteada

recua, foge toda para traz, assustada. O caroço da garganta esganiçada,

ao contrario, avança como o esporão d'uma galera por entre as pontas

quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na

gravata, grossa perola.

Eu contemplo, e Mendibal falla. Falla arrastadamente, quasi

dolentemente, com finaes que desfallecem, se esvaem em gemido. A voz é

toda de desconsolo:--mas, no que diz, revela a mais forte, segura e

insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: immensas propriedades

além do mar, a consideração dos seus fornecedores, uma casa no

Parc-Monceau, e «uma esposa adoravel». Como deslizou elle a mencionar

essa dama que lhe embelleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me

ergui, chamado por um velho Inglez meu amigo, que passava, recolhendo da

Opera, e que me queria simplesmente segredar, com uma convicção forte,

que «a noute estava esplendida!» Quando voltei á mesa e ao bock, o

Argentino encetára em monologo a glorificação da «sua senhora». Carmonde

devorava o homemzinho com olhos que riam e que saboreavam,

deliciosamente divertido. Eduardo, esse, escutava com a compostura

pesada de um portuguez antigo. E Mendibal, tendo posto ao lado sobre uma

cadeira, com cuidados devotos, o ramo de cravos, desfiava as virtudes e

os encantos de Madame. Sentia-se alli uma d'essas admirações

effervescentes, borbulhantes, que se não podem retrahir, que transbordam

por toda a parte, mesmo por sobre as mesas dos cafés: onde quer que

passasse, aquelle homem iria deixando escorrer a sua adoração pela

mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua.

Comprehendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para

fóra o caroço da garganta, revelou que madame Mendibal era franceza.

Tinhamos alli portanto um fanatismo de preto pela graça loira d'uma

parisiensesinha, picante em seducção e finura. Desde que comprehendi,

sympathisei. E o Argentino farejou em mim esta benevolencia

critica--porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço,

o mais decisivo, sobre as excellencias de Madame: «Sim, positivamente,

não havia outra em Paris! Por exemplo, o carinho com que ella cuidava da

mamã (da mamã d'elle), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois

era uma paciencia, uma delicadeza, uma sujeição... De cahir de joelhos!

Então nos ultimos dias a mamã andára tão rabugenta!... Madame Mendibal

até emmagrecera. De sorte que elle proprio, n'esse domingo, lhe pedira

que se fosse distrahir, passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella,

madame Jouffroy, habitava por economia. E agora viera de a esperar na

\_gare\_ Saint-Lazare. Pois, senhores, todo o dia em Versalhes, a santa

creatura estivera com cuidado na sogra, cheia de saudades da casa, n'uma

ancia de recolher. Nem lhe soubera bem a visita á mamã! A maior parte da

tarde, e uma tarde tão linda, gastára-a a reunir aquelle esplendido ramo

de cravos amarellos para lhe trazer, a elle!»

--É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que

para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma

franceza. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos,

um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo principe de Galles. Eu

não sei se o senhor é casado. Perdôe a confiança. Mas se não é, sempre

lhe direi, como digo a todo o mundo:--Case com uma franceza, case com

uma franceza!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e tocante. Como V. não

vinha, fugidio Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com

o seu amoroso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite,

até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece--o «formoso

Chambray». Encontro Chambray no fundo d'uma poltrona, derreado e

radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem

n'esse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E,

immediatamente, sem se conter, faz a confidencia que lhe bailava

impacientemente no sorriso e no olho humedecido.

Fôra a Versalhes, com tenção de visitar os Fouquiers. No mesmo

compartimento com elle ia uma mulher, \_une grande et belle femme\_. Corpo

soberbo de Diana n'um vestido collante do Redfern. Cabellos apartados ao

meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves.

Dois solitarios nas orelhas. Sêr substancial, solido, sem chumaços e sem

blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente

installado na vida.

E, no meio d'esta respeitabilidade physica e social, um geito guloso de

molhar os beiços a cada instante, vivamente, com a ponta da lingua...

Chambray pensa comsigo:--«burgueza, trinta annos, sessenta mil francos

de renda, temperamento forte, desapontamentos d'alcova». E apenas o

comboyo larga, toma o seu «grande ar Chambray», e dardeja á dama um

d'esses olhares que eram outr'ora symbolisados pelas flechas de Cupido.

Madame impassivel. Mas, momentos, depois, vem d'entre as palpebras um

pouco pesadas, direito a Chambray (que vigiava de lado, por traz do

\_Figaro\_ aberto), um d'esses raios de luz indagadora que, como os da

lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a

Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray

arrisca uma palavra, atrevidamente timida, sobre o calor de Paris. Ella

concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está

travada a Ecloga. Em Suresnes, Chambray já se senta na banqueta ao lado

d'ella, fumando. Em Sevres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão

de Chambray repellida por Madame:--e ambas insensivelmente se

entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um

passeio por um sitio de Viroflay que só elle conhece, recanto bucolico,

de incomparavel doçura, inaccessivel ao burguez. Depois, ás duas horas

tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar--arrebata-a

moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz

quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e mascula.

Eil-os no campo, com um aroma da seiva em redor, e a primavera e Satanaz

conspirando e soprando sobre Madame os seus bafos quentes. Chambray

conhece á orla do bosque, junto d'agua, uma tavernola que tem as

janellas encaixilhadas em madresilva. Porque não irão lá almoçar uma

caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente

uma fomesinha alegre de ave solta no prado: e Satanaz, dando ao rabo,

corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Acham lá, com

effeito, uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, mesa

posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. «Em

todo o caso que o almoço suba depressa, porque elles têm de partir pelo

trem das duas horas»--tal é o brado sincero de Chambray!

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspiração genial--despe o

casaco, abanca em mangas de camisa. É um rasgo de bohemia e de

liberdade, que a encanta, a excita, faz surgir a \_garota\_ que ha quasi

sempre no fundo da \_matrona\_. Atira tambem o chapéo, um chapéo de

duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, e tem este

grito d'alma:

--\_Ah oui, que c'est bon, de se desembêter!\_

E depois, como dizem os hespanhoes--\_la mar\_. O sol, ao despedir-se da

terra por esse dia, deixou-os ainda em Viroflay; ainda na tavernola;

ainda no quarto;--e outra vez á mesa, diante d'um \_beefsteak\_

reconfortante, como os acontecimentos pediam com urgencia e logica.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar á estação para tomar o trem

de Paris. Ella aperta devagar as fitas do chapéo, apanha uma das flôres

da janella que mette no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo

quarto e pela alcova, para todo decorar e retêr--e partem. Na estação,

ao saltar para um compartimento differente (por causa da chegada a

Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplica-lhe

que ao menos lhe diga como se chama. Ella murmura--\_Lucie\_.

--E é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray accendendo o charuto. E

sei tambem que é casada porque na \_gare\_ Saint-Lazare, á espera d'ella,

e acompanhado por um trintanario serio, de casa burgueza, estava o

marido... É um \_rastacuero\_ côr de chocolate, com uma barbita rala,

enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando ella lhe deu

um grande ramo de cravos amarellos que eu lhe mandára arranjar em

Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha senão as francezas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que,

em resumo, este nosso Mundo é perfeito e não ha nos espaços outro mais

bem organisado. Porque note V. como, ao fim d'este domingo de maio,

todas estas tres excellentes creaturas, com uma simples jornada a

Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um

immenso prazer e uma immensa vaidade--os dois unicos resultados que elle

conta na existencia como proventos solidos, e valendo o trabalho de

existir. Madame experimentou uma sensação nova ou differente, que a

desenervou, a desafogou, lhe permittiu reentrar mais acalmada na

monotonia do seu lar, e ser util aos seus com rediviva applicação. E o

Argentino adquiriu outra inesperada e triumphal certeza de quanto era

amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, ao fim d'esse dia de

primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o

Argentino appetece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente

gaulezas de Chambray, accresce, ao contentamento individual dos tres, um

lucro effectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente

organisado.

Amigo fiel, que fielmente o espera á volta da Hollanda--Fradique.

VII

A MADAME DE JOUJARRE

(Trad.)

Lisboa, março.

\_Minha querida madrinha.\_--Foi hontem, por noite morta, no comboio, ao

chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudia á

memoria estremunhada o juramento que lhe fiz no sabbado de Paschoa em

Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição

dos \_Deveres\_ de Cicero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar

todas as semanas, pelo correio, Portugal em «descripções, notas,

reflexões e panoramas», como se lê no sub-titulo da \_Viagem á Suissa\_ do

seu amigo o Barão de Fernay, commendador de Carlos III e membro da

Academia de Toulouse. Pois com tanta fidelidade cumpro eu os meus

juramentos (quando feitos sobre a Moral de Cicero, e para regalo de quem

reina na minha Vontade) que, apenas o recordei, abri logo

escancaradamente ambos os olhos para recolher «descripções, notas,

reflexões e panoramas» d'esta terra que é minha e que \_está a la

disposicion de ustêd\_... Chegáramos a uma estação que chamam de

Sacavem--e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu paiz,

através dos vidros humidos do wagon, foi uma densa treva, d'onde

mortiçamente surgiam aqui e além luzinhas remotas e vagas. Eram

lanternas de faluas dormindo no rio:--e symbolisavam d'um modo bem

humilhante essas escassas e desmaiadas parcellas de verdade positiva que

ao homem é dado descobrir no universal mysterio do Sêr. De sorte que

tornei a cerrar resignadamente os olhos--até que, á portinhola, um homem

de bonet de galão, com o casaco encharcado d'agua, reclamou o meu

bilhete, dizendo \_Vossa Excellencia\_! Em Portugal, boa madrinha, todos

somos nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por

\_Excellencia\_.

Era Lisboa e chovia. Vinhamos poucos no comboio, uns trinta

talvez--gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, que bem

depressa atravessou a busca paternal e somnolenta da Alfandega, e logo

se sumia para a cidade sob a molhada noite de março.

No casarão soturno, á espera das bagagens sérias, fiquei eu, o Smith[3]

e uma senhora esgrouviada, de oculos no bico, envolta n'uma velha capa

de pelles. Deviam ser duas horas da madrugada. O asphalto sujo do

casarão regelava os pés.

Não sei quantos seculos assim esperamos, Smith immovel, a dama e eu

marchando desencontradamente e rapidamente para aquecer ao comprido do

balcão de madeira, onde dois guardas d'Alfandega, escuros como

azeitonas, bocejavam com dignidade. Da porta do fundo, uma carreta, em

que oscillava o montão da nossa bagagem, veio por fim rolando com

pachorra. A dama de nariz de cegonha reconheceu logo a sua caixa de

folha de Flandres, cuja tampa, cahindo para traz, revelou aos meus olhos

que observavam (em seu serviço, exigente madrinha!) um penteador sujo,

uma boceta de dôce, um livro de missa e dois ferros de frisar. O guarda

enterrou o braço através d'estas coisas intimas, e com um gesto clemente

declarou a Alfandega satisfeita. A dama abalou.

Ficamos sós, Smith e eu. Smith já arrebanhára a custo a minha bagagem.

Mas faltava inexplicavelmente um saco de couro; e em silencio, com a

guia na mão, um carregador dava uma busca vagarosa através dos fardos,

barricas, pacotes, velhos bahus, armazenados ao fundo, contra a parede

enxovalhada. Vi este digno homem hesitando pensativamente diante d'um

embrulho de lona, diante d'uma arca de pinho. Seria qualquer d'esses o

saco de couro? Depois, descorçoado, declarou que positivamente nas

nossas bagagens não havia nem couro nem saco. Smith protestava, já

irritado. Então o capataz arrancou a guia das mãos inhabeis do

carregador, e recomeçou elle, com a sua intelligencia superior de chefe,

uma rebusca através das «arrumações», esquadrinhando zelosamente

caixotes, vasilhas, pipos, chapeleiras, canastras, latas e garrafões...

Por fim sacudiu os hombros, com indizivel tedio, e desappareceu para

dentro, para a escuridão das plataformas interiores. Passados instantes

voltou, coçando a cabeça por baixo do bonet, cravando os olhos em roda,

pelo chão vasio, á espera que o saco rompesse das entranhas d'este globo

desconsolador. Nada! Impaciente, encetei eu proprio uma pesquiza sofrega

através do casarão. O guarda da Alfandega, de cigarro collado ao beiço

(bondoso homem!), deitava tambem aqui e além um olhar auxiliador e

magistral. Nada! Repentinamente porém uma mulher de lenço vermelho na

cabeça, que alli vadiava, n'aquella madrugada agreste, apontou para a

porta da estação:

--Será aquillo, meu senhor?

Era! Era o meu saco, fóra, no passeio, sob a chuvinha miuda. Não

indaguei como elle se encontrava alli, sósinho, separado da bagagem a

que estrictamente o prendia o numero d'ordem estampado na guia em letras

grossas--e reclamei uma tipoia. O carregador atirou a jaleca para cima

da cabeça, sahiu ao largo, e recolheu logo annunciando com melancolia

que não havia tipoias.

--Não ha! Essa é curiosa! Então como sahem d'aqui os passageiros?

O homem encolheu os hombros. «Ás vezes havia, outras vezes não havia,

era conforme calhava a sorte...» Fiz reluzir uma placa de cinco tostões,

e suppliquei áquelle benemerito que corresse as visinhanças da estação,

á cata d'um vehiculo qualquer com rodas, coche ou carroça, que me

levasse ao conchego d'um caldo e d'um lar. O homem largou, resmungando.

E eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e

para o homem da Alfandega) a irregularidade d'aquelle serviço. Em todas

as estações do Mundo, mesmo em Tunis, mesmo na Romelia, havia, á chegada

dos comboios, omnibus, carros, carretas, para transportar gente e

bagagem... Porque não as havia em Lisboa? Eis ahi um abominavel serviço

que deshonrava a Nação!

O aduaneiro esboçou um movimento de desalento, como na plena consciencia

de que todos os serviços eram abominaveis, e a Patria toda uma

irreparavel desordem. Depois para se consolar puxou com delicia o lume

ao cigarro. Assim se arrastou um d'estes quartos d'hora que fazem rugas

na face humana.

Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, affirmando que não

havia uma tipoia em todo o bairro de Santa Apolonia.

--Mas que hei de eu fazer? Hei de ficar aqui?

O capataz aconselhou-me que deixasse a bagagem, e na manhã seguinte, com

uma carruagem certa (contratada talvez por escriptura), a viesse

recolher «muito a meu contento». Essa separação porém não convinha ao

meu conforto. Pois n'esse caso elle não via solução, a não ser que por

acaso alguma caleche, tresnoitada e trasmalhada, viesse a cruzar por

aquellas paragens.

Então, á maneira de naufragos n'uma ilha deserta do Pacifico, todos nos

apinhamos á porta da estação, esperando através da treva a vela--quero

dizer a sege salvadora. Espera amarga, espera esteril! Nenhuma luz de

lanterna, nenhum rumor de rodas, cortaram a mudez d'aquelles ermos.

Farto, inteiramente farto, o capataz declarou que «iam dar tres horas, e

elle queria fechar a estação!» E eu? Ia eu ficar alli na rua, amarrado,

sob a noite agreste, a um montão de bagagens intransportavel? Não! nas

entranhas do digno capataz decerto havia melhor misericordia. Commovido,

o homem lembrou outra solução. E era que nós, eu e o Smith, ajudados por

um carregador--atirassemos a bagagem para as costas, e marchassemos com

ella para o Hotel. Com effeito este parecia ser o unico recurso aos

nossos males. Todavia (tanto costas amollecidas por longos e deleitosos

annos de civilisação repugnam a carregar fardos, e tão tenaz é a

esperança n'aquelles a quem a sorte se tem mostrado amoravel) eu e o

Smith ainda uma vez sahimos ao largo, mudos, sondando a escuridão, com o

ouvido inclinado ao lagedo, a escutar anciosamente se ao longe, muito ao

longe, não sentiriamos rolar para nós o calhambeque da Providencia.

Nada, desoladamente nada, na sombra avara!... A minha querida madrinha,

seguindo estes lances, deve ter já lagrimas a bailar nas suas

compassivas pestanas. Eu não chorei--mas tinha vergonha, uma immensa e

pungente vergonha do Smith! Que pensaria aquelle escocez da minha

patria--e de mim, seu amo, parcella d'essa patria desorganisada? Nada

mais fragil que a reputação das nações. Uma simples tipoia que falta de

noite, e eis, no espirito do Estrangeiro, desacreditada toda uma

civilisação secular!

No emtanto o capataz fervia. Eram tres horas (mesmo tres e um quarto), e

elle queria fechar a estação! Que fazer? Abandonamo-nos, suspirando, á

decisão do desespero. Agarrei o estojo de viagem e o rolo de mantas:

Smith deitou aos seus respeitaveis hombros, virgens de cargas, uma

grossa maleta de couro: o carregador gemeu sob a enorme mala de

cantoeiras d'aço. E (deixando ainda dois volumes para ser recolhidos de

dia), começamos, sombrios e em fila, a trilhar \_á pata\_ a distancia que

vai de Santa Apolonia ao Hotel de Braganza! Poucos passos adiante, como

o estojo de viagem me derreava o braço, atirei-o para as costas... E

todos tres, de cabeça baixa, o dorso esmagado sob dezenas de kilos, com

um intenso azedume a estragar-nos o figado, lá continuamos, devagar,

n'uma fileira soturna, avançando para dentro da capital d'estes reinos!

Eu viera a Lisboa com um fim de repouso e de luxo. Este era o luxo, este

o repouso! Alli, sob a chuvinha impertinente, offegando, suando,

tropeçando no lagedo mal junto d'uma rua tenebrosa, a trabalhar de

carrejão!...

Não sei quantas eternidades gastamos n'esta via dolorosa. Sei que de

repente (como se a trouxesse, á redea, o anjo da nossa guarda) uma

caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negrume d'uma viella.

Tres gritos, sofregos e desesperados, estacaram a parelha. E, á uma,

todas as malas rolaram em catadupa sobre o calhambeque, aos pés do

cocheiro, que, tomado d'assalto e de assombro, ergueu o chicote,

praguejando com furor. Mas serenou, comprehendendo a sua espantosa

omnipotencia--e declarou que ao Hotel de Braganza (uma distancia pouco

maior que toda a Avenida dos Campos Elyseos) não me podia levar por

menos de \_tres mil reis\_. Sim, minha madrinha, \_dezoito francos\_!

Dezoito francos em metal, prata ou ouro, por uma corrida, n'esta Idade

democratica e industrial, depois de todo o penoso trabalho das Sciencias

e das Revoluções para igualisarem e embaratecerem os confortos sociaes.

Tremulo de colera, mas submisso como quem cede á exigencia d'um trabuco,

enfiei para a tipoia--depois de me ter despedido com grande affecto do

carregador, camarada fiel da nossa trabalhosa noite.

Partimos emfim, n'um galope desesperado. D'ahi a momentos estavamos

assaltando a porta adormecida do Hotel de Braganza com repiques,

clamores, punhadas, cocegas, injurias, gemidos, todas as violencias e

todas as seducções. Debalde! Não foi mais resistente ao bello cavalleiro

Percival o portão de ouro do palacio da Ventura! Finalmente o cocheiro

atirou-se a ella aos couces. E, decerto por comprehender melhor esta

linguagem, a porta, lenta e estremunhada, rolou nos seus gonzos. Graças

te sejam, meu Deus, pae ineffavel! Estamos emfim sob um tecto, no meio

dos tapetes e estuques do Progresso, ao cabo de tão barbara jornada.

Restava pagar o batedor. Vim para elle com acerba ironia:

--Então, são tres mil reis?

Á luz do vestibulo, que me batia a face, o homem sorria. E que ha de

elle responder, o malandro sem par?

--Aquillo era por dizer... Eu não tinha conhecido o snr. D. Fradique...

Lá para o snr. D. Fradique é o que quizer.

Humilhação incomparavel! Senti logo não sei que torpe enternecimento que

me amollecia o coração. Era a bonacheirice, a relassa fraqueza que nos

enlaça a todos nós portuguezes, nos enche de culpada indulgencia uns

para os outros, e irremediavelmente estraga entre nós toda a Disciplina

e toda a Ordem. Sim, minha cara madrinha... Aquelle bandido conhecia o

snr. D. Fradique. Tinha um sorriso brejeiro e serviçal. Ambos eramos

portuguezes. Dei uma libra áquelle bandido!

E aqui está, para seu ensino, a veridica maneira por que se entra, no

ultimo quartel do seculo XIX, na grande cidade de Portugal. Todo seu,

aquelle que de longe de si sempre péna--Fradique.

VIII

AO SNR. E. MOLLINET

Director da \_Revista de Biographia e de Historia\_

Paris, setembro.

\_Meu caro snr. Mollinet.\_--Encontrei hontem á noite, ao voltar de

Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse

da \_Revista de Biographia e de Historia\_, me pergunta quem é este meu

compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo

tão vasta e amargamente carpida nos jornaes de Portugal. E deseja ainda

o meu amigo saber que obras, ou que fundações, ou que livros, ou que

idéas, ou que accrescimo na civilisacão portugueza deixou esse Pacheco,

seguido ao tumulo por tão sonoras, reverentes lagrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como n'um resumo, a sua

figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu paiz nem uma obra, nem uma

fundação, nem um livro, nem uma idéa. Pacheco era entre nós superior e

illustre unicamente porque \_tinha um immenso talento\_. Todavia, meu caro

snr. Mollinet, este talento, que duas gerações tão soberbamente

acclamaram, nunca deu, da sua força, uma manifestação positiva,

expressa, visivel! O talento immenso de Pacheco ficou sempre calado,

recolhido, nas profundidades de Pacheco! Constantemente elle atravessou

a vida por sobre eminencias sociaes: Deputado, Director geral, Ministro,

Governador de bancos, Conselheiro d'Estado, Par, Presidente do

conselho--Pacheco tudo foi, tudo teve, n'este paiz que, de longe e a

seus pés, o contemplava, assombrado do seu immenso talento. Mas nunca,

n'estas situações, por proveito seu ou urgencia do Estado, Pacheco teve

necessidade de deixar sahir, para se affirmar e operar fóra, aquelle

immenso talento que lá dentro o suffocava. Quando os amigos, os

partidos, os jornaes, as repartições, os corpos collectivos, a massa

compacta da nação, murmurando em redor de Pacheco «\_que immenso

talento!\_» o convidavam a alargar o seu dominio e a sua fortuna--Pacheco

sorria, baixando os olhos serios por traz dos oculos dourados, e seguia,

sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o

seu immenso talento aferrolhado dentro do craneo como no cofre d'um

avaro. E esta reserva, este sorrir, este lampejar dos oculos, bastavam

ao paiz que n'elles sentia e saboreava a resplandecente evidencia do

talento de Pacheco.

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em

que Pacheco, desdenhando a \_Sebenta\_, assegurou «que o seculo XIX era um

seculo de progresso e de luz». O curso começou logo a presentir e a

affirmar, nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta

admiração cada dia crescente do curso, communicando-se, como todos os

movimentos religiosos, das multidões impressionaveis ás classes

raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um

\_premio\_ no fim do anno. A fama d'esse talento alastrou então por toda a

academia--que, vendo Pacheco sempre pensabundo, já d'oculos, austero nos

seus passos, com praxistas gordos debaixo do braço, percebia alli um

grande espirito que se concentra e se retesa todo em força intima. Esta

geração academica, ao dispersar, levou pelo paiz, até os mais sertanejos

burgos, a noticia do immenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas

de Traz-os-Montes, em lojas palreiras de barbeiros do Algarve, se dizia,

com respeito, com esperança:--«Parece que ha agora ahi um rapaz de

immenso talento que se formou, o Pacheco!»

Pacheco estava maduro para a representação nacional. Veio ao seu

seio--trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira, com

dispendios e manhas, apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na

estrellada noite de dezembro em que elle, em Lisboa, foi ao Martinho

tomar chá e torradas, se susurrou pelas mesas, com curiosidade:--«É o

Pacheco, rapaz de immenso talento!» E desde que as Camaras se

constituiram, todos os olhares, os do governo e os da opposição, se

começaram a voltar com insistencia, quasi com anciedade, para Pacheco,

que, na ponta d'uma bancada, conservava a sua attitude de pensador

recluso, os braços cruzados sobre o collete de velludo, a fronte vergada

para o lado como sob o peso das riquezas interiores, e os oculos a

faiscar... Finalmente uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da

Corôa, Pacheco teve um movimento como para atalhar um padre zarolho que

arengava sobre a «liberdade». O sacerdote immediatamente estacou com

deferencia; os tachygraphos apuraram vorazmente a orelha: e toda a

camara cessou o seu desafogado susurro, para que, n'um silencio

condignamente magestoso, se podesse pela vez primeira produzir o immenso

talento de Pacheco. No emtanto Pacheco não prodigalisou desde logo os

seus thesouros. De pé, com o dedo espetado (geito que foi sempre muito

seu), Pacheco affirmou n'um tom que trahia a segurança do pensar e do

saber intimo:--«que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a

autoridade!» Era pouco, decerto:--mas a camara comprehendeu bem que, sob

aquelle curto resumo, havia um mundo, todo um formidavel mundo, de idéas

solidas. Não volveu a fallar durante mezes--mas o seu talento inspirava

tanto mais respeito quanto mais invisivel e inaccessivel se conservava

lá dentro, no fundo, no rico e povoado fundo do seu sêr. O unico recurso

que restou então aos devotos d'esse immenso talento (que já os tinha,

incontaveis) foi contemplar a testa de Pacheco--como se olha para o céo

pela certeza que Deus está por traz, dispondo. A testa de Pacheco

offerecia uma superficie escanteada, larga e lustrosa. E muitas vezes,

junto d'elle, Conselheiros, e Directores geraes balbuciavam

maravilhados:--«Nem é necessário mais! Basta vêr aquella testa!»

Pacheco pertenceu logo ás principaes commissões parlamentares. Nunca

porém accedeu a relatar um projecto, desdenhoso das especialidades.

Apenas ás vezes, em silencio, tomava uma nota lenta. E quando emergia da

sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma idéa geral

sobre a Ordem, o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia aqui a evidente

attitude d'um immenso talento que (como segredavam os seus amigos,

piscando o olho com finura) «está á espera, lá em cima, a pairar».

Pacheco mesmo, de resto, ensinava (esboçando, com a mão gorda, o voar

superior d'uma aza por sobre arvoredo copado) que o «talento verdadeiro

só devia conhecer as coisas \_pela rama\_».

Este immenso talento não podia deixar de soccorrer os conselhos da

Corôa. Pacheco, n'uma recomposição ministerial (provocada por uma

roubalheira) foi Ministro:--e immediatamente se percebeu que massiça

consolidação viera dar ao Poder o immenso talento de Pacheco. Na sua

pasta (que era a da Marinha) Pacheco não fez durante os longos mezes de

gerencia «absolutamente nada», como insinuaram tres ou quatro espiritos

amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro d'este

regimen, a nação deixou de curtir inquietações e duvidas sobre o nosso

Imperio Colonial. Porquê? Porque sentia que finalmente os interesses

supremos d'esse Imperio estavam confiados a um immeaso talento, ao

talento immenso de Pacheco.

Nas cadeiras do governo, Pacheco rarissimamente surdia do seu silencio

repleto e fecundo. Ás vezes porém, quando a opposição se tornava

clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a

lapis:--e esta nota, traçada com saber e madurissimo pensar, bastava

para perturbar, acuar a opposição. É que o immenso talento de Pacheco

terminára por inspirar, nas camaras, nas commissões, nos centros, um

terror disciplinar! Ai d'esse sobre quem viesse a desabar com colera

aquelle talento immenso! Certa lhe seria a humilhação irresgatavel!

Assim dolorosissimamente o experimentou o pedagogista, que um dia se

arrojou a accusar o snr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o

Reino) de descurar a Instrucção do paiz! Nenhuma incriminação podia ser

mais sensivel áquelle immenso espirito que, na sua phrase lapidaria e

succulenta, ensinára que «um povo sem o curso dos lyceus é um povo

incompleto». Espetando o dedo (geito sempre tão seu) Pacheco esborrachou

o homem temerario com esta coisa tremenda:--«Ao illustre deputado que me

censura só tenho a dizer que emquanto, sobre questões d'Instrucção

Publica, s. exc.^a, ahi n'essas bancadas, faz berreiro, eu, aqui n'esta

cadeira, faço luz!»--Eu estava lá, n'esse esplendido momento, na

galeria. E não me recordo de ter jámais ouvido, n'uma assembléa humana,

uma tão apaixonada e fervente rajada de acclamações! Creio que foi d'ahi

a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Thiago.

O immenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional.

Vendo que inabalavel apoio esse immenso talento dava ás instituições que

servia, todas o appeteceram. Pacheco começou a ser um Director universal

de Companhias e de Bancos. Cubiçado pela Corôa, penetrou no Conselho de

Estado. O seu partido reclamou avidamente que Pacheco fosse seu Chefe.

Mas os outros partidos cada dia se soccorriam com submissa reverencia do

seu immenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a nação.

Á maneira que elle assim envelhecia, e crescia em influencia e

dignidades, a admiração pelo seu immenso talento chegou a tomar no paiz

certas fórmas d'expressão só proprias da religião e do amor. Quando elle

foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito

com uncção, reviravam o branco do olho ao céo, para murmurar

piamente:--«Que talento!» E havia amorosos que, cerrando os olhos e

repenicando um beijo nas pontas apinhadas dos dedos, balbuciavam com

langor:--«Ai! que talento!» E, para que o esconder? Outros havia, a quem

aquelle immenso talento amargamente irritava, como um excessivo e

desproporcional privilegio. A esses ouvi eu bradar com furor, atirando

patadas ao chão:--«Irra, que é ter talento de mais!» Pacheco no emtanto

já não fallava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais

vasta.

Não relembrarei a sua incomparavel carreira. Basta que o meu caro snr.

Mollinet percorra os nossos annaes. Em todas as instituições, reformas,

fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Portugal todo, moral e

socialmente, está repleto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decerto, o

seu talento era immenso! Mas immenso se mostrou o reconhecimento da sua

patria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente

um do outro, e ajustadissimamente se completavam. Sem Portugal--Pacheco

não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco--Portugal não

seria o que é entre as nações!

A sua velhice offereceu um caracter augusto. Perdera o cabello

radicalmente. Todo elle era testa. E mais que nunca revelava o seu

immenso talento--mesmo nas minimas coisas. Muito bem me lembro da noite

(sendo elle Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de

Arrôdes, alguem, com fervor, appeteceu conhecer o que s. exc.^a pensava

de Canovas del Castillo. Silenciosamente, magistralmente, sorrindo

apenas, s. exc.^a deu com a mão grave, de leve, um corte horisontal no

ar. E foi em torno um murmurio d'admiração, lento e maravilhado.

N'aquelle gesto quantas coisas subtis, fundamente pensadas! Eu por mim,

depois de muito esgravatar, interpretei-o d'este modo:--«mediocre,

meia-altura, o snr. Canovas!» Porque, note o meu caro snr. Mollinet como

aquelle talento, sendo tão vasto--era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou;--quero dizer, s. exc.^a morreu, quasi repentinamente, sem

soffrimento, no começo d'este duro inverno. Ia ser justamente creado

marquez de Pacheco. Toda a nação o chorou com infinita dôr. Jaz no alto

de S. João, sob um mausoleu, onde por suggestão do snr. conselheiro

Accacio (em carta ao \_Diario de Noticias\_) foi esculpida uma figura de

\_Portugal chorando o Genio\_.

Mezes depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viuva, em Cintra, na

casa do dr. Videira. É uma mulher (asseguram amigos meus) de excellente

intelligencia e bondade. Cumprindo um dever de portuguez, lamentei,

diante da illustre e affavel senhora, a perda irreparavel que era sua e

da patria. Mas quando, commovido, alludi ao immenso talento de Pacheco,

a viuva de Pacheco ergueu n'um brusco espanto, os olhos que conservára

baixos--e um fugidio, triste, quasi apiedado sorriso arregaçou-lhe os

cantos da bôca pallida... Eterno desaccordo dos destinos humanos!

Aquella mediana senhora nunca comprehendera aquelle immenso talento!

Creia-me, meu caro snr. Mollinet, seu dedicado--Fradique.

IX

A CLARA...

(Trad.)

Paris, junho.

\_Minha adorada amiga.\_--Não, não foi na \_Exposição dos Aguarellistas\_,

em março, que eu tive comsigo o meu primeiro encontro, por mandado dos

Fados. Foi no inverno, minha adorada amiga, no baile dos Tressans. Foi

ahi que a vi, conversando com Madame de Jouarre, diante d'uma console,

cujas luzes, entre os molhos de orchideas, punham nos seus cabellos

aquelle nimbo d'ouro que tão justamente lhe pertence como «rainha de

graça entre as mulheres». Lembro ainda, bem religiosamente, o seu sorrir

cançado, o vestido preto com relevos côr de botão d'ouro, o leque antigo

que tinha fechado no regaço. Passei; mas logo tudo em redor me pareceu

irreparavelmente enfadonho e feio; e voltei a readmirar, a \_meditar\_ em

silencio a sua belleza, que me prendia pelo esplendor patente e

comprehensivel, e ainda por não sei quê de fino, de espiritual, de

dolente e de meigo que brilhava através e vinha da alma. E tão

intensamente me embebi n'essa contemplação, que levei commigo a sua

imagem, decorada e inteira, sem esquecer um fio dos seus cabellos ou uma

ondulação da sêda que a cobria, e corri a encerrar-me com ella,

alvoroçado, como um artista que n'algum escuro armazem, entre poeira e

cacos, descobrisse a Obra sublime d'um Mestre perfeito.

E, porque o não confessarei? Essa imagem foi para mim, ao principio,

meramente um Quadro, pendurado no fundo da minha alma, que eu a cada

dôce momento olhava--mas para lhe louvar apenas, com crescente surpreza,

os encantos diversos de Linha e de Côr. Era sómente uma rara tela, posta

em sacrario, immovel e muda no seu brilho, sem outra influencia mais

sobre mim que a d'uma fórma muito bella que captiva um gosto muito

educado. O meu sêr continuava livre, attento ás curiosidades que até ahi

o seduziam, aberto aos sentimentos que até ahi o solicitavam;--e só

quando sentia a fadiga das coisas imperfeitas ou o desejo novo d'uma

occupação mais pura, regressava á Imagem que em mim guardava, como um

Fra Angelico, no seu claustro, pousando os pinceis ao fim do dia, e

ajoelhando ante a Madona a implorar d'ella repouso e inspiração

superior.

Pouco a pouco, porém, tudo o que não foi esta contemplação perdeu para

mim valor e encanto. Comecei a viver cada dia mais retirado no fundo da

minha alma, perdido na admiração da Imagem que lá rebrilhava--até que só

essa occupação me pareceu digna da vida, no mundo todo não reconheci

mais que uma apparencia inconstante, e fui como um monge na sua cella,

alheio ás coisas mais reaes, de joelhos e hirto no seu sonho, que é para

elle a unica realidade.

Mas não era, minha adorada amiga, um pallido e passivo extasi diante da

sua Imagem. Não! era antes um ancioso e forte estudo d'ella, com que eu

procurava conhecer através da Fórma a Essencia, e (pois que a Belleza é

o esplendor da Verdade) deduzir das perfeições do seu Corpo as

superioridades da sua Alma. E foi assim que lentamente surprehendi o

segredo da sua natureza; a sua clara testa que o cabello descobre, tão

clara e lisa, logo me contou a rectidão do seu pensar: o seu sorriso,

d'uma nobreza tão intellectual, facilmente me revelou o seu desdem do

mundanal e do ephemero, a sua incansavel aspiração para um viver de

verdade e de belleza: cada graça de seus movimentos me trahiu uma

delicadeza do seu gosto: e nos seus olhos differencei o que n'elles tão

adoravelmente se confunde, luz de razão, calor de coração, luz que

melhor aquece, calor que melhor alumia... Já a certeza de tantas

perfeições bastaria a fazer dobrar, n'uma adoração perpetua, os joelhos

mais rebeldes. Mas succedeu ainda que, ao passo que a comprehendia e que

a sua Essencia se me manifestava, assim visivel e quasi tangivel, uma

influencia descia d'ella sobre mim--uma influencia estranha, differente

de todas as influencias humanas, e que me dominava com transcendente

omnipotencia. Como lhe poderei dizer? Monge, fechado na minha cella,

comecei a aspirar á santidade, para me harmonisar e merecer a

convivencia com a Santa a que me votára. Fiz então sobre mim um aspero

exame de consciencia. Investiguei com inquietação se o meu pensar era

condigno da pureza do seu pensar; se no meu gosto não haveria

desconcertos que podessem ferir a disciplina do seu gosto; se a minha

idéa da vida era tão alta e séria como aquella que eu presentira na

espiritualidade do seu olhar, do seu sorrir; e se o meu coração não se

dispersára e enfraquecera de mais para poder palpitar com parallelo

vigor junto do seu coração. E tem sido em mim agora um arquejante

esforço para subir a uma perfeição identica áquella que em si tão

submissamente adoro.

De sorte que a minha querida amiga, sem saber, se tornou a minha

educadora. E tão dependente fiquei logo d'esta direcção, que já não

posso conceber os movimentos do meu sêr senão governados por ella e por

ella ennobrecidos. Perfeitamente sei que tudo o que hoje surge em mim de

algum valor, idéa ou sentimento, é obra d'essa educação que a sua alma

dá á minha, de longe, só com existir e ser comprehendida. Se hoje me

abandonasse a sua influencia--devia antes dizer, como um asceta, a sua

Graça--todo eu rolaria para uma inferioridade sem remissão. Veja pois

como se me tornou necessaria e preciosa... E considere que, para exercer

esta supremacia salvadora, as suas mãos não tiveram de se impôr sobre as

minhas--bastou que eu a avistasse de longe, n'uma festa, resplandecendo.

Assim um arbusto silvestre floresce á borda d'um fôsso, porque lá em

cima nos remotos céos fulge um grande sol, que não o vê, não o conhece,

e magnanimamente o faz crescer, desabrochar, e dar o seu curto aroma...

Por isso o meu amor attinge esse sentimento indescripto e sem nome que a

Planta, se tivesse consciencia, sentiria pela Luz.

E considere ainda que, necessitando de si como da luz, nada lhe rogo,

nenhum bem imploro de quem tanto póde e é para mim dona de todo o bem.

Só desejo que me deixe viver sob essa influencia, que, emanando do

simples brilho das suas perfeições, tão facil e dôcemente opéra o meu

aperfeiçoamento. Só peço esta permissão caridosa. Veja pois quanto me

conservo distante e vago, na esbatida humildade d'uma adoração que até

receia que o seu murmurio, um murmurio de prece, roce o vestido da

imagem divina...

Mas se a minha querida amiga por acaso, certa do meu renunciamento a

toda a recompensa terrestre, me permittisse desenrolar junto de si, n'um

dia de solidão, a agitada confidencia do meu peito, decerto faria um

acto de ineffavel misericordia--como outr'ora a Virgem Maria quando

animava os seus adoradores, ermitas e santos, descendo n'uma nuvem e

concedendo-lhes um sorriso fugitivo, ou deixando-lhes cahir entre as

mãos erguidas uma rosa do Paraiso. Assim, ámanhã, vou passar a tarde com

Madame de Jouarre. Não ha ahi a santidade d'uma cella ou d'uma ermida,

mas quasi o seu isolamento: e se a minha querida amiga surgisse, em

pleno resplendor, e eu recebesse de si, não direi uma rosa, mas um

sorriso, ficaria então radiosamente seguro de que este meu amor, ou este

meu sentimento indescripto e sem nome que vai além do amor, encontra

ante seus olhos piedade e permissão para esperar.--Fradique.

X

A MADAME DE JOUARRE

(\_Trad.\_)

Lisboa, junho.

\_Minha excellente madrinha.\_--Eis o que tem «visto e feito», desde maio,

na formosissima Lisboa, \_Ulyssipo pulcherrima\_, o seu admiravel

afilhado. Descobri um patricio meu, das Ilhas, e meu parente, que vive

ha tres annos construindo um Systema de Philosophia no terceiro andar

d'uma casa de hospedes, na travessa da Palha. Espirito livre,

emprehendedor e destro, paladino das Idéas Geraes, o meu parente, que se

chama Procopio, considerando que a mulher não vale o tormento que

espalha, e que os oitocentos mil reis de um olival bastam, e de sobra, a

um espiritualista--votou a sua vida á Logica e só se interessa e soffre

pela Verdade. É um philosopho alegre; conversa sem berrar; tem uma

aguardente de muscatel excellente;--e eu trepo com gosto duas ou tres

vezes por semana á sua officina de Metaphysica a saber se, conduzido

pela alma dôce de Maine de Biran, que é o seu cicerone nas viagens do

Infinito, elle já entreviu emfim, disfarçada por traz dos seus

derradeiros véos, a Causa das Causas. N'estas piedosas visitas vou,

pouco a pouco, conhecendo alguns dos hospedes que n'esse terceiro andar

da travessa da Palha gozam uma boa vida de cidade, a doze tostões por

dia, fóra vinho e roupa lavada. Quasi todas as profissões em que se

occupa a classe-média em Portugal estão aqui representadas com

fidelidade, e eu posso assim estudar, sem esforço, como n'um indice, as

idéas e os sentimentos que no nosso Anno da Graça formam o fundo moral

da nação.

Esta casa de hospedes offerece encantos. O quarto do meu primo Procopio

tem uma esteira nova, um leito de ferro philosophico e virginal, cassa

vistosa nas janellas, rosinhas e aves pela parede,--e é mantido em

rigido asseio por uma d'estas creadas como só produz Portugal, bella

moça de Traz-os-Montes, que, arrastando os seus chinelos com a

indolencia grave d'uma nympha latina, varre, esfrega e arruma todo o

andar; serve nove almoços, nove jantares e nove chás; escarolla as

louças; prega esses botões de calças e de ceroulas que os portuguezes

estão constantemente a perder; engomma as saias da Madama; reza o terço

da sua aldeia; e tem ainda vagares para amar desesperadamente um

barbeiro visinho, que está decidido a casar com ella quando fôr

empregado na Alfandega. (E tudo isto por tres mil reis de soldada). Ao

almoço ha dois pratos, sãos e fartos, de ovos e bifes. O vinho vem do

lavrador, vinhinho leve e precoce, feito pelos veneraveis preceitos das

Georgicas, e semelhante decerto ao vinho da Rethia--\_quo te carmine

dicam, Rethica?\_ A torrada, tratada pelo lume forte, é incomparavel. E

os quatro paineis que ornam a sala, um retrato de Fontes (estadista, já

morto, que é tido pelos portuguezes em grande veneração), uma imagem de

Pio IX sorrindo e abençoando, uma vista da varzea de Collares, e duas

donzellas beijocando uma rôla, inspiram as salutares idéas, tão

necessarias, de Ordem Social, de Fé, de Paz campestre, e de Innocencia.

A patrôa, D. Paulina Soriana, é uma Madama de quarenta outonos,

frescalhota e roliça, com um pescoço muito nedio, e toda ella mais

branca que o chambre branco que usa por sobre uma saia de sêda roxa.

Parece uma excellente senhora, paciente e maternal, de bom juizo e de

boa economia. Sem ser rigorosamente viuva--tem um filho, já gordo

tambem, que roe as unhas e segue o curso dos lyceus. Chama-se Joaquim,

e, por ternura, Quinzinho; soffreu esta primavera não sei que duro mal

que o forçava a infindaveis orchatas e semicupios; e está destinado por

D. Paulina á Burocracia que ella considera, e muito justamente, a

carreira mais segura e a mais facil.

--O essencial para um rapaz (affirmava ha dias a apreciavel senhora,

depois do almoço, traçando a perna) é ter padrinhos e apanhar um

emprego; fica logo arrumado; o trabalho é pouco e o ordenadosinho está

certo ao fim do mez.

Mas D. Paulina está tranquilla com a carreira do Quinzinho. Pela

influencia (que é toda-poderosa n'estes Reinos) d'um amigo certo, o snr.

conselheiro Vaz Netto, ha já no Ministerio das Obras Publicas ou da

Justiça uma cadeira de amanuense, reservada, marcada com lenço, á espera

do Quinzinho. E mesmo como o Quinzinho foi reprovado nos ultimos exames,

já o snr. conselheiro Vaz Netto lembrou que, visto elle se mostrar assim

desmazelado, com pouco gosto pelas letras, o melhor era não teimar mais

nos estudos e no Lyceu, e entrar immediatamente para a repartição...

--Que ainda assim (ajuntou a boa senhora, quando me honrou com estas

confidencias) gostava que o Quinzinho acabasse os estudos. Não era pela

necessidade, e por causa do emprego, como v. exc.^a vê: era pelo gosto.

Quinzinho tem pois a sua prosperidade agradavelmente garantida. De resto

supponho que D. Paulina junta um peculio prudente. Na casa, bem

afreguezada, ha agora sete hospedes--e todos fieis, solidos, gastando,

com os extras, de quarenta e cinco a cincoenta mil reis por mez. O mais

antigo, o mais respeitado (e aquelle que eu precisamente já conheço) é o

Pinho--o Pinho brazileiro, o commendador Pinho. É elle quem todas as

manhãs annuncia a hora do almoço (o relogio do corredor ficou

desarranjado desde o Natal) sahindo do seu quarto ás dez horas,

pontualmente, com a sua garrafa d'agua de Vidago, e vindo occupar á

mesa, já posta, mas ainda deserta, a sua cadeira, uma cadeira especial

de verga, com almofadinha de vento. Ninguem sabe d'este Pinho nem a

idade, nem a familia, nem a terra de provincia em que nasceu, nem o

trabalho que o occupou no Brazil, nem as origens da sua commenda. Chegou

uma tarde de inverno n'um paquete da Mala Real; passou cinco dias no

Lazareto; desembarcou com dois bahús, a cadeira de verga, e cincoenta e

seis latas de dôce de tijolo; tomou o seu quarto n'esta casa de

hospedes, com janella para a travessa; e aqui engorda, pacifica e

risonhamente, com o seis por cento das suas inscripções. É um sujeito

atochado, baixote, de barba grisalha, a pelle escura, toda em tons de

tijolo e de café, sempre vestido de casimira preta, com uma luneta

d'ouro pendente d'uma fita de sêda, que elle, na rua, a cada esquina,

desemmaranha do cordão d'ouro do relogio para lêr com interesse e

lentidão os cartazes dos theatros. A sua vida tem uma d'essas prudentes

regularidades que tão admiravelmente concorrem para crear a ordem nos

Estados. Depois de almoço calça as botas de cano, lustra o chapéo de

sêda, e vai muito devagar até á rua dos Capellistas, ao escriptorio

terreo do corretor Godinho, onde passa duas horas pousado n'um môcho,

junto do balcão, com as mãos cabelludas encostadas ao cabo do

guarda-sol. Depois entala o guarda-sol debaixo do braço, e pela rua do

Ouro, com uma pachorra saboreada, parando a contemplar alguma senhora de

sêdas mais tufadas ou alguma vittoria de librés mais lustrosas, alonga

os passos para a tabacaria Sousa, ao Rocio, onde bebe um copo de agua de

Caneças, e repousa até que a tarde refresque. Segue então para a

Avenida, a gozar o ar puro e o luxo da cidade, sentado n'um banco; ou dá

a volta ao Rocio, sob as arvores, com a face erguida e dilatada em

bem-estar. Ás seis recolhe, despe e dobra a sobrecasaca, calça os

chinelos de marroquim, enverga uma regalada quinzena de ganga, e janta,

repetindo sempre a sopa. Depois do café dá um «hygienico» pela Baixa,

com demoras pensativas, mas risonhas, diante das vitrines de confeitaria

e de modas; e em certos dias sobe o Chiado, dobra a esquina da rua Nova

da Trindade, e regateia, com placidez e firmeza, uma senha para o

Gymnasio. Todas as sextas-feiras entra no seu banco, que é o \_London

Brazilian\_. Aos domingos, á noitinha, com recato, visita uma moça gorda

e limpa que mora na rua da Magdalena. Cada semestre recebe o juro das

suas inscripcões.

Toda a sua existencia é assim um pautado repouso. Nada o inquieta, nada

o apaixona. O universo, para o commendador Pinho, consta de duas unicas

entidades--elle proprio, Pinho, e o Estado que lhe dá o seis por cento:

portanto o universo todo está perfeito, e a vida perfeita, desde que

Pinho, graças ás aguas de Vidago, conserve appetite e saude, e que o

Estado continue a pagar fielmente o coupon. De resto, pouco lhe basta

para contentar a porção d'Alma e Corpo de que apparentemente se compõe.

A necessidade que todo o sêr vivo (mesmo as ostras, segundo affirmam os

Naturalistas) tem de communicar com os seus semelhantes por meio de

gestos ou sons, é em Pinho pouco exigente. Pelos meados d'abril, sorri e

diz, desdobrando o guardanapo--«temos o verão comnosco»: todos concordam

e Pinho goza. Por meados d'outubro, corre os dedos pela barba e

murmura--«temos comnosco o inverno»: se outro hospede discorda, Pinho

emmudece, porque teme controversias. E esta honesta permutação de idéas

lhe basta. Á mesa, comtanto que lhe sirvam uma sopa succulenta, n'um

prato fundo, que elle possa encher duas vezes--fica consolado e disposto

a dar graças a Deus. O \_Diario de Pernambuco\_, o \_Diario de Noticias\_,

alguma comedia do Gymnasio, ou uma Magica, satisfazem e de sobra essas

outras necessidades de intelligencia e de imaginação, que Humboldt

encontrou mesmo entre os Botecudos. Nas funcções do sentimento Pinho só

pretende modestamente (como revelou um dia ao meu primo) «não apanhar

uma doença». Com as coisas publicas está sempre agradado, governe este

ou governe aquelle, comtanto que a policia mantenha a ordem, e que não

se produzam nos principios e nas ruas disturbios nocivos ao pagamento do

coupon. E emquanto ao destino ulterior da sua alma, Pinho (como elle a

mim proprio me assegurou)--«só deseja depois de morto que o não enterrem

vivo». Mesmo ácerca d'um ponto tão importante, como é para um

commendador o seu mausoléo, Pinho pouco requer:--apenas uma pedra lisa e

decente, com o seu nome, e um singelo \_orai por elle\_.

Errariamos porém, minha querida madrinha, em suppôr que Pinho seja

alheio a tudo quanto seja humano. Não! Estou certo que Pinho respeita e

ama a humanidade. Sómente a humanidade, para elle, tornou-se no decurso

da sua vida excessivamente restricta. Homens, homens serios,

verdadeiramente merecedores d'esse nobre nome, e dignos de que por elles

se mostre reverencia, affecto, e se arrisque um passo que não cance

muito--para Pinho só ha os prestamistas do Estado. Assim, meu primo

Procopio, com uma malicia bem inesperada n'um espiritualista, contou-lhe

ha tempos em confidencia, arregalando os olhos, que eu possuia muitos

papeis! muitas apolices! muitas inscripções!... Pois na primeira manhã

que voltei, depois d'essa revelação, á casa de hospedes, Pinho,

ligeiramente córado, quasi commovido, offereceu-me uma boceta de dôce de

tijolo embrulhada n'um guardanapo. Acto tocante, que explica aquella

alma! Pinho não é um egoista, um Diogenes de rabôna preta, sêccamente

retrahido dentro da pipa da sua inutilidade. Não. Ha n'elle toda a

humana vontade de amar os homens seus semelhantes, e de os beneficiar.

Sómente quem são, para Pinho, os seus genuinos «semelhantes»? Os

prestamistas do Estado. E em que consiste para Pinho o acto de

beneficio? Na cessão aos outros d'aquillo que a elle lhe é inutil. Ora

Pinho não se dá bem com o uso da goiabada--e logo que soube que eu era

um possuidor de inscripções, um seu semelhante, capitalista como elle,

não hesitou, não se retrahiu mais ao seu dever humano, praticou logo o

acto de beneficio, e lá veio, ruborisado e feliz, trazendo o seu dôce

dentro d'um guardanapo.

É o commendador Pinho um cidadão inutil? Não, certamente! Até para

manter em estabilidade e solidez a ordem d'uma nação, não ha mais

prestadio cidadão do que este Pinho, com a sua placidez de habitos, o

seu facil assentimento a todos os feitios da coisa publica, a sua conta

do banco verificada ás sextas-feiras, os seus prazeres colhidos em

hygienico recato, a sua reticencia, a sua inercia. D'um Pinho nunca póde

sahir idéa ou acto, affirmação ou negação, que desmanche a paz do

Estado. Assim gordo e quieto, collado sobre o organismo social, não

concorrendo para o seu movimento, mas não o contrariando tambem, Pinho

apresenta todos os caracteres d'uma excrescencia sebacea. Socialmente,

Pinho é um lobinho. Ora nada mais inoffensivo que um lobinho: e nos

nossos tempos, em que o Estado está cheio de elementos morbidos, que o

parasitam, o sugam, o infeccionam e o sobreexcitam, esta

inoffensibilidade de Pinho póde mesmo (em relação aos interesses da

ordem) ser considerada como qualidade meritoria. Por isso o Estado,

segundo corre, o vai crear barão. E barão d'um titulo que os honra a

ambos, ao Estado e a Pinho, porque é n'elle simultaneamente prestada uma

homenagem graciosa e discreta á Familia e á Religião. O pae de Pinho

chamava-se Francisco--Francisco José Pinho. E o nosso amigo vai ser

feito barão de S. Francisco.

Adeus, minha querida madrinha! Vamos no nosso decimo oitavo dia de

chuva! Desde o começo de junho e das rosas, que n'este paiz de sol sobre

azul, na terra trigueira da oliveira e do louro, queridos a Phebo, está

chovendo, chovendo em fios d'agua cerrados, continuos, imperturbados,

sem sopro de vento que os ondule, nem raio de luz que os diamantise,

formando das nuvens ás ruas uma trama molle de humidade e tristeza, onde

a alma se debate e definha como uma borboleta presa nas teias d'uma

aranha. Estamos em pleno versiculo XVII, do capitulo VII do Genesis. No

caso d'estas aguas do céo não cessarem, eu concluo que as intenções de

Jehovah, para com este paiz peccador, são diluvianas; e, não me julgando

menos digno da Graça e da Alliança divina do que Noé, vou comprar

madeira e betume, e fazer uma Arca segundo os bons modelos hebraicos ou

assyrios. Se por acaso d'aqui a tempos uma pomba branca fôr bater com as

azas á sua vidraça, sou eu que aportei ao Havre na minha Arca, levando

commigo, entre outros animaes, o Pinho e a D. Paulina, para que mais

tarde, tendo baixado as aguas, Portugal se repovoe com proveito, e o

Estado tenha sempre Pinhos a quem peça dinheiro emprestado, e Quinzinhos

gordos com quem gaste o dinheiro que pediu a Pinho. Seu afilhado do

coração--Fradique.

XI

A MR. BERTRAND B.

\_Engenheiro na Palestina\_

Paris, abril.

\_Meu caro Bertrand.\_--Muito ironicamente, hoje, n'este Domingo de

Paschoa em que os céos contentes, se revestiram paschalmente d'uma

chasula d'ouro e d'azul, e os lilazes novos perfumam o meu jardim para o

santificar, me chega a tua horrenda carta, contando que findaste o

traçado do \_Caminho de Ferro de Jaffa a Jerusalem\_! E triumphas!

Decerto, á porta de Damasco, com as botas fortes enterradas no pó de

Josaphat, o guarda-sol pousado sobre uma pedra tumular de propheta, o

lapis ainda errante sobre o papel, sorris, todo te dilatas, e através

das lunetas defumadas contemplas, marcada por bandeirinhas, a «linha»

onde em breve, fumegando e guinchando, rolará da velha Jeppo para a

velha Sião o negro comboio da tua negra obra! Em redor os empreiteiros,

limpando o grosso suor da façanha, desarrolham as garrafas da cerveja

festiva! E por traz de vós o Progresso, hirto contra as muralhas de

Herodes, todo engonçado, todo aparafusado, tambem triumpha, esfregando,

com estalidos asperos, as suas rigidas mãos de ferro fundido.

Bem o sinto, bem o comprehendo o teu escandaloso traçado, oh filho

dilecto e fatal da Escóla de Pontes e Calçadas! Nem necessitava esse

plano com que me deslumbras, todo em linhas escarlates, parecendo golpes

d'uma faca vil por cima d'uma carne nobre. É em Jaffa, na antiquissima

Jeppo, já heroica e santa antes do Diluvio, que a tua primeira Estação

com os alpendres, e a carvoeira, e as balanças, e a sineta, e o chefe de

bonet agaloado, se ergue entre esses laranjaes, gabados pelo Evangelho,

onde S. Pedro, correndo aos brados das mulheres, resuscitou Dorcas, a

boa tecedeira, e a ajudou a sahir do seu sepulchro. D'ahi a locomotiva,

com a sua 1.^a classe forrada de chita, rola descaradamente pela

planicie de Saaron, tão amada do céo, que, mesmo sob o bruto pisar das

hordas philistinas, nunca n'ella murchavam anemonas e rosas. Corta

através de Beth-Dagon, e mistura o pó do seu carvão de Cardiff ao

vetusto pó do Templo de Baal, que Samsão, mudo e repassado de tristeza,

derrocou movendo os hombros. Corre por sobre Lydda, e atrôa com guinchos

o grande S. Jorge, que ainda couraçado, emplumado, e o guante sobre a

espada, alli dorme o seu somno terrestre. Toma agua, por um tubo de

couro, do Poço Santo d'onde a Virgem na fugida para o Egypto, repousando

sob o figueiral, deu de beber ao Menino. Pára em Ramleh, que é a velha

Arymathea (\_Arymathea, quinze minutos de demora!\_), a aldeia dos dôces

hortos e do homem dôce que enterrou o Senhor. Fura, por tunneis

fumarentos, as collinas de Judá, onde choraram os prophetas. Rompe por

entre ruinas que foram a cidadella e depois a sepultara dos Machabeus.

Galga, n'uma ponte de ferro, a torrente em que David errante escolhia

pedras para a sua funda derrubadora de monstros. Colleia e arqueja pelo

valle melancolico que habitou Jeremias. Suja ainda Emmauz, vara o

Cedron, e estaca emfim, suada, azeitada, sordida de felugem, no valle de

Hennom, no \_terminus\_ de Jerusalem!

Ora, meu bom Bertrand, eu que não sou das Pontes e Calçadas, nem

accionista da \_Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina\_, apenas um

peregrino saudoso d'esses logares adoraveis, considero que a tua obra de

civilisação é uma obra de profanação. Bem sei, engenheiro! S. Pedro

resuscitando a velha Dorcas; a florescencia miraculosa das roseiras de

Saaron; o Menino bebendo, na fuga para o Egypto, á sombra das arvores

que os anjos iam adiante semeando,--são fabulas... Mas são fabulas que

ha dois mil annos dão encanto, esperança, abrigo consolador, e energia

para viver a um terço da Humanidade. Os logares onde se passaram essas

historias, decerto muito simples e muito humanas, que depois, pela

necessidade que a alma tem do Divino, se transformaram na tão linda

mythologia christã, são por isso veneraveis. N'elles viveram,

combateram, ensinaram, padeceram, desde Jacob até S. Paulo, todos os

sêres excepcionaes que hoje povoam o céo. Jehovah só entre esses montes

se mostrava, com terrifico esplendor, no tempo em que visitava os

homens. Jesus desceu a esses valles pensativos para renovar o mundo.

Sempre a Palestina foi a residencia preferida da Divindade. Nada de

Material devia pois desmanchar o seu recolhimento Espiritual. E é penoso

que a fumaraça do Progresso suje um ar que conserva o perfume da

passagem dos anjos, e que os seus trilhos de ferro revolvam o sólo onde

ainda não se apagaram as pégadas divinas.

Tu sorris, e accusas precisamente a velha Palestina de ser uma

incorrigivel fonte de Illusão. Mas a illusão, Bertrand amigo, é tão util

como a certeza: e na formação de todo o espirito, para que elle seja

completo, devem entrar tanto os Contos de Fadas como os Problemas de

Euclides. Destruir a influencia religiosa e poetica da Terra Santa,

tanto nos corações simples como nas intelligencias cultas, é um

retrocesso na Civilisação, na verdadeira, n'aquella de que tu não és

obreiro, e que tem por melhor esforço aperfeiçoar a Alma do que reforçar

o Corpo, e, mesmo pelo lado da utilidade, considera um Sentimento mais

util do que uma Machina. Ora, locomotivas manobrando pela Judéa e

Galiléa, com a sua materialidade de carvão e ferro, o seu

desenvolvimento inevitavel de hoteis, omnibus, bilhares e bicos de gaz,

destroem irremediavelmente o poder emotivo da Terra-dos-Milagres, porque

a modernisam, a industrialisam, a banalisam...

Esse poder, essa influencia espiritual da Palestina, de que provinha? De

ella se ter conservado, através d'estes quatro mil annos, immutavelmente

\_biblica\_ e \_evangelica\_... Decerto sobrevieram mudanças em Israel; a

administração turca tem menos esplendor que a administração romana; dos

vergeis e jardins que cercavam Jerusalem, só resta penhasco e ortiga; as

cidades, esboroadas, perderam o seu heroismo de cidadellas; o vinho é

raro; todo o saber se apagou; e não duvido que aqui e além, em Sião,

n'algum terraço de mercador levantino, se assobie ao luar a valsa de

\_Madame Angot\_.

Mas a vida intima, na sua fórma rural, urbana ou nomada, as maneiras, os

costumes, os ceremoniaes, os trajes, os utensilios,--tudo permanece como

nos tempos de Abrahão e nos tempos de Jesus. Entrar na Palestina é

penetrar n'uma Biblia viva. As tendas de pelle de cabra plantadas á

sombra dos sycomoros; o pastor apoiado á sua alta lança, seguido do seu

rebanho; as mulheres, veladas de amarello ou branco, cantando, a caminho

da fonte, com o seu cantaro no hombro; o montanhez atirando a funda ás

aguias; os velhos sentados, pela frescura da tarde, á porta das villas

muradas; os claros terraços cheios de pombas; o escriba que passa, com o

seu tinteiro dependurado da cinta; as servas moendo o grão; o homem de

longos cabellos nazarenos que nos saúda com a palavra de \_paz\_, e que

conversa comnosco por parabolas; a hospedeira que nos acolhe, atirando,

para passarmos, um tapete ante o limiar da sua morada; e ainda as

procissões nupciaes, e as danças lentas ao rufe-rufe das pandeiretas, e

as carpideiras em torno aos sepulchros caiados,--tudo transporta o

peregrino á velha Judéa das Escripturas, e de um modo tão presente e

real, que a cada momento duvidamos se aquella ligeira e morena mulher,

com largas argolas d'ouro e um aroma de sandalo, que conduz um cordeiro

preso pela ponta do manto, não será ainda Rachel, ou se, entre os homens

sentados além, á sombra da figueira e da vinha, aquelle de curta barba

frisada, que ergue o braço, não será Jesus ensinando.

Esta sensação, preciosa para o crente, é preciosa para o intellectual,

porque o põe n'uma communhão flagrante com um dos mais maravilhosos

momentos da Historia Humana. Decerto seria igualmente interessante (mais

interessante talvez) que se podesse colher a mesma emoção na Grecia, e

que ahi encontrassemos ainda nos seus trajes, nas suas maneiras, na sua

sociabilidade, a grande Athenas de Pericles. Infelizmente, essa Athenas

incomparavel jaz morta, para sempre soterrada, desfeita em pó, sob a

Athenas romana, e a Athenas byzantina, e a Athenas barbara, e a Athenas

musulmana, e a Athenas constitucional e sordida. Por toda a parte o

velho scenario da historia está assim esfrangalhado e em ruinas. Os

proprios montes perderam, ao que parece, a configuração classica: e

ninguem póde achar no Lacio o rio e o fresco valle que Virgilio habitou

e tão virgilianamente cantou. Um unico sitio na terra permanecia ainda

com os aspectos, os costumes, com que o tinham visto, e de que tinham

partilhado, os homens que deram ao mundo uma das suas mais altas

transformações:--e esse sitio era um pedaço da Judéa, da Samaria e da

Galiléa. Se elle fôr grosseiramente modernisado, nivelado ao prototypo

social, querido do seculo, que é o districto de Liverpool ou o

departamento de Marselha, e se assim desapparecer para sempre a

opportunidade educadora de \_vêr\_ uma grande imagem do Passado, que

profanação, que devastação bruta e barbara! E por perder essa fórma

sobrevivente das civilisações antigas, o thesouro do nosso saber e da

nossa inspiração fica irreparavelmente diminuido.

Ninguem mais do que eu, decerto, aprecia e venera um caminho de ferro,

meu Bertrand;--e ser-me-ia penoso ter de jornadear de Paris a Bordeus,

como Jesus subia do valle de Jerichó para Jerusalem, escarranchado n'um

burro. As coisas mais uteis, porém, são importunas, e mesmo

escandalosas, quando invadem grosseiramente logares que lhes não são

congeneres. Nada mais necessario na vida do que um restaurante: e

todavia ninguem, por mais descrente ou irreverente, desejaria que se

installasse um restaurante com as suas mesas, o seu tinir de pratos, o

seu cheiro a guisados,--nas naves de Norte-Dame ou na velha Sé de

Coimbra. Um caminho de ferro é obra louvavel entre Paris e Bordeus.

Entre Jerichó e Jerusalem basta a egua ligeira que se aluga por dois

drachmas, e a tenda de lona que se planta á tarde entre os palmares, á

beira de uma agua clara, e onde se dorme tão santamente sob a paz

radiante das estrellas da Syria.

E são justamente essa tenda, e o camello grave que carrega os fardos, e

a escolta flammejante de beduinos, e os pedaços de deserto onde se

galopa com a alma cheia de liberdade, e o lyrio de Salomão que se colhe

nas fendas d'uma ruina sagrada, e as frescas paragens junto aos poços

biblicos, e as rememorações do Passado á noite em torno á fogueira do

acampamento, que fazem o encanto da jornada, e attrahem o homem de gosto

que ama as emoções delicadas de Natureza, Historia e Arte. Quando de

Jerusalem se partir para a Galiléa n'um wagon estridente e cheio de pó,

talvez ninguem emprehenda a peregrinação magnifica--a não ser o destro

\_commis-voyageur\_ que vai vender pelos Bazares chitas de Manchester ou

pannos vermelhos de Sedan. O teu negro comboio rolará vazio. Que pura

alegria essa para todos os entendimentos cultos--que não sejam

accionistas dos \_Caminhos de Ferro da Palestina\_!...

Mas socega, Bertrand, engenheiro e accionista! Os homens, mesmo os que

melhor servem o Ideal, nunca resistem ás tentações sensualistas do

Progresso. Se d'um lado, á sahida de Jaffa, a propria caravana da Rainha

de Sabá, com os seus elephantes e onagros, e estandartes, e lyras, e os

arautos coroados de anemonas, e todos os fardos abarrotados de pedrarias

e balsamos, infindavel em poesia e lenda, se offerecesse ao homem do

seculo XIX para o conduzir lentamente a Jerusalem e a Salomão--e do

outro lado um comboio, silvando, de portinholas abertas, lhe promettesse

a mesma jornada, sem soalheiras nem solavancos, a vinte kilometros por

hora, com bilhete d'ida e volta, esse homem, por mais intellectual, por

mais eruditamente artista, agarraria a sua chapelleira e enfiaria

sofregamente para o wagon, onde podesse descalçar as botas, e dormitar

de ventre estendido.

Por isso a tua obra maligna prosperará pela propria virtude da sua

malignidade. E, dentro de poucos annos, o occidental positivo que de

manhã partir da velha Jeppo, no seu wagon de 1.^a classe, e comprar na

estação de Gaza a \_Gazeta Liberal do Sinai\_, e jantar divertidamente em

Ramleh no \_Grand-Hotel dos Machabeus\_--irá, á noite, em Jerusalem,

através da \_Via Dolorosa\_ illuminada pela electricidade, beber um bock e

bater tres carambolas no \_Casino do Santo Sepulchro\_!

Será este o teu feito--e o fim da lenda christã.

Adeus, monstro!--Fradique.

XII

A MADAME DE JOUARRE

Quinta de Refaldes (Minho).

\_Minha querida madrinha.\_--Estou vivendo pinguemente em terras

ecclesiasticas, porque esta quinta foi de frades. Agora pertence a um

amigo meu, que é, como Virgilio, poeta e lavrador, e canta piedosamente

as origens heroicas de Portugal emquanto amanha os seus campos e engorda

os seus gados. Rijo, viçoso, requeimado dos soes, tem oito filhos, com

que vai povoando estas cellas monasticas forradas de cretones claros. E

eu justamente voltei de Lisboa a estes milheiraes do Norte para ser

padrinho do derradeiro, um famoso senhor de tres palmos, côr de tijolo,

todo roscas e regueifas, com uma careca de melão, os olhinhos luzindo

entre rugas como vidrilhos, e o ar profundamente sceptico e velho. No

sabbado, dia de S. Bernardo, sob um azul que S. Bernardo tornára

especialmente vistoso e macio, ao repicar dos sinos claros, entre aromas

de roseira, e jasmineiro, lá o conduzimos, todo enfeitado de laçarotes e

rendas, á Pia, onde o Padre Theotonio inteiramente o lavou da fetida

crosta de Peccado Original, que desde a bolinha dos calcanhares até á

moleirinha o cobria todo, pobre senhor de tres palmos que ainda não

vivera da alma, e já perdera a alma... E desde então, como se Refaldes

fosse a ilha dos Latophagios, e eu tivesse comido em vez da couve-flôr

da horta a flôr do Lotus, por aqui me quedei, olvidado do mundo e de

mim, na doçura d'estes ares, d'estes prados, de toda esta rural

serenidade, que me affaga e me adormece.

O casarão conventual que habitamos, e onde os conegos Regrantes de Santo

Agostinho, os ricos e nedios Cruzios, vinham preguiçar no verão, prende

por um claustro florido de hydrangeas e a uma egreja lisa e sem arte,

com um adro assombreado por castanheiros, pensativo, grave, como são

sempre os do Minho. Uma cruz de pedra encima o portão, onde pende ainda

da corrente de ferro a vetusta e lenta sineta fradesca. No meio do

pateo, a fonte, de boa agua, que canta adormecidamente cahindo de concha

em concha, tem no topo outra cruz de pedra, que um musgo amarellento

reveste de melancolia secular. Mais longe, n'um vasto tanque, lago

caseiro orlado de bancos, onde decerto os bons Cruzios se vinham embeber

pelas tardes de frescura e repouso, a agua das regas, limpida e farta,

brota dos pés de uma santa de pedra, hirta no seu nicho, e que é talvez

Santa Rita. Adiante ainda, na horta, outra santa franzina, sustentando

nas mãos um vaso partido, preside, como uma nayade, ao borbulhar de

outra fonte, que por quelhas de granito vai luzindo e fugindo através do

feijoal. Nos esteios de pedra que sustentam a vinha ha por vezes uma

cruz gravada, ou um coração sagrado, ou o monogramma de Jesus. Toda a

quinta, assim santificada por signos devotos, lembra uma sacristia onde

os tectos fossem de parra, a relva cobrisse os soalhos, por cada fenda

borbulhasse um regato, e o incenso sahisse dos cravos.

Mas, com todos estes emblemas sacros, nada ha que nos môva; ou

severamente nos arraste, aos renunciamentos do mundo. A quinta foi

sempre, como agora, de grossa fartura, toda em campos de pão, bem arada

e bem regada, fecunda, estendida ao sol como um ventre de Nimpha antiga.

Os frades excellentes que n'ella habitaram amavam largamente a terra e a

vida. Eram fidalgos que tomavam serviço na milicia do Senhor, como os

seus irmãos mais velhos tomavam serviço na milicia d'El-rei--e que, como

elles, gozavam risonhamente os vagares, os privilegios e a riqueza da

sua Ordem e da sua Casta. Vinham para Refaldes, pelas calmas de julho,

em seges e com lacaios. A cozinha era mais visitada que a egreja--e

todos os dias os capões alouravam no espeto. Uma poeira discreta velava

a livraria, onde apenas por vezes algum conego rheumatisante e retido

nas almofadas da sua cella mandava buscar o \_D. Quichote\_, ou as \_Farças

de D. Petronilla\_. Espanejada, arejada, bem catalogada, com rotulos e

notas traçadas pela mão erudita dos Abbades--só a adega...

Não se procure pois, n'esta morada de monges, o precioso sabor das

tristezas monasticas; nem as quebradas de serra e valle, cheias de ermo

e mudez, tão dôces para n'ellas se curtirem deliciosamente as saudades

do céo; nem as espessuras de bosque, onde S. Bernardo se embrenhava, por

n'ellas encontrar melhor que na sua cella a «fecunda solidão»; nem os

claros de pinheiral gemente, com rochas núas, tão proprias para a choça

e para a cruz do ermita... Não! Aqui, em torno do pateo (onde a agua da

fonte todavia corre dos pés da cruz) são solidas tulhas para o grão,

fofos eidos em que o gado medra, capoeiras abarrotadas de capões e de

perús reverendos. Adiante é a horta viçosa, cheirosa, succulenta,

bastante a fartar as panellas todas de uma aldeia, mais enfeitada que um

jardim, com ruas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas

ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito, limpa e

alisada, rijamente construida para longos seculos de colheitas, com o

seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os

pardaes voam dentro como n'um pedaço de céo. E por fim, ondulando

ricamente até ás collinas macias, os campos de milho, e de centeio, o

vinhedo baixo, os olivaes, os relvados, o linho sobre os regatos, o

matto florido para os gados... S. Francisco de Assis e S. Bruno

abominariam este retiro de frades e fugiriam d'elle, escandalisados,

como de um peccado vivo.

A casa dentro offerece o mesmo bom conchego temporal. As cellas

espaçosas, de tectos apainelados, abrem para as terras semeadas, e

recebem d'ellas, através da vidraçaria cheia de sol, a perenne sensação

de fartura, de opulencia rural, de bens terrenos que não enganam. E a

sala melhor, traçada para as occupações mais gratas, é o refeitorio, com

as suas varandas rasgadas, onde os regalados monges podessem, ao fim do

jantar, conforme a veneravel tradição dos Cruzios, beber o seu café aos

golos, galhofando, arrotando, respirando a fresquidão, ou seguindo nas

faias do pateo o cantar alto d'um melro.

De sorte que não houve necessidade de alterar esta vivenda, quando de

religiosa passou a secular. Estava já sabiamente preparada para a

profanidade;--e a vida que n'ella então se começou a viver, não foi

differente da do velho convento, apenas mais bella, porque, livre das

contradicções do Espiritual e do Temporal, a sua harmonia se tornou

perfeita. E, tal como é, deslisa com incomparavel doçura. De madrugada,

os gallos cantam, a quinta acorda, os cães de fila são acorrentados, a

moça vai mungir as vaccas, o pegureiro atira o seu cajado ao hombro, a

fila dos jornaleiros mette-se ás terras--e o trabalho principia, esse

trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa

sempre incansavel, porque é todo feito a cantar. As vozes vêm, altas e

desgarradas, no fino silencio, d'além, d'entre os trigos, ou do campo em

sacha, onde alvejam as camisas de linho crú, e os lenços de longas

franjas vermelhejam mais que papoulas. E não ha n'este labor nem dureza,

nem arranque. Todo elle é feito com a mansidão com que o pão amadurece

ao sol. O arado mais acaricia do que rasga a gleba. O centeio cae por

si, amorosamente, no seio attrahente da foice. A agua sabe onde o torrão

tem sêde, e corre para lá gralhando e refulgindo. Ceres n'estes sitios

bemditos permanece verdadeiramente, como no Lacio, a Deusa da Terra, que

tudo propicia e soccorre. Ella reforça o braço do lavrador, torna

refrescante o seu suor, e da alma lhe limpa todo o cuidado escuro. Por

isso os que a servem, mantêm uma serenidade risonha na tarefa mais dura.

Essa era a ditosa feição da vida antiga.

Á uma hora é o jantar, serio e pingue. A quinta tudo fornece

prodigamente:--e o vinho, o azeite, a hortaliça, a fructa têm um sabor

mais vivo e são, assim cabidos das mãos do bom Deus sobre a mesa, sem

passar pela mercancia e pela loja. Em palacio algum, por essa Europa

superfina, se come na verdade tão deliciosamente como n'estas rusticas

quintas de Portugal. Na cozinha enfumarada, com duas panellas de barro e

quatro achas a arder no chão, estas caseiras de aldeia, de mangas

arregaçadas, guizam um banquete que faria exultar o velho Jupiter, esse

transcendente guloso, educado a nectar, o Deus que mais comeu, e mais

nobremente soube comer, desde que ha Deuses no céo e na terra. Quem

nunca provou este arroz de caçoula, este anho paschal candidamente

assado no espeto, estas cabidellas de frango coevas da Monarchia que

enchem a alma, não póde realmente conhecer o que seja a especial

bemaventurança tão grosseira e tão divina, que no tempo dos frades se

chamava a \_comezaina\_. E a quinta depois, com as suas latadas de sombra

macia, a dormente susurração das aguas regantes, os ouros claros e

foscos ondulando nos trigaes, offerece, mais que nenhum outro paraiso

humano ou biblico, o repouso acertado para quem emerge, pesado e

risonho, d'este arroz e d'este anho!

Se estes meios-dias são um pouco materiaes, breve a tarde trará a porção

de poesia de que necessita o Espirito. Em todo o céo se apagou a

refulgencia d'ouro, o esplendor arrogante que se não deixa fitar e quasi

repelle; agora apaziguado e tratavel, elle derrama uma doçura, uma

pacificação que penetra na alma, a torna tambem pacifica e dôce, e cria

esse momento raro em que céo e alma fraternisam e se entendem. Os

arvoredos repousam n'uma immobilidade de contemplação, que é

intelligente. No piar velado e curto dos passaros ha um recolhimento e

consciencia de ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos, cançada

e farta, e vai ainda beberar ao tanque, onde o gotejar da agua sob a

cruz é mais preguiçoso. Toca o sino a Ave-Marias. Em todos os casaes se

está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de

matto, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e

terno, minha madrinha, que, em qualquer banco de pedra em que me sente,

fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em

harmonia com ella, que não ha n'esta alma, toda encrostada das lamas do

mundo, pensamento que não podesse contar a um santo...

Verdadeiramente estas tardes santificam. O mundo recua para muito longe,

para além dos pinhaes e das collinas, como uma miseria esquecida:--e

estamos então realmente na felicidade de um convento, sem regras e sem

abbade, feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão propria á

oração que não tem palavras, e que é por isso a mais bem comprehendida

por Deus.

Depois escurece, já ha pyrilampos nas sebes. Venus, pequenina, scintilla

no alto. A sala, em cima, está cheia de livros, dos livros fechados no

tempo dos Cruzios--porque só desde que não pertence a uma ordem

espiritual é que esta casa se espiritualisou. E o dia na quinta finda

com uma lenta e quieta palestra sobre idéas e letras, emquanto na

guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saudades e

em ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surde,

como a escutar, por detraz dos negros montes.

\_Deus nobis haec otia fecit in umbra Lusitaniae pulcherrimae\_... Mau

latim--grata verdade.

Seu grato e mau afilhado--Fradique.

XIII

A CLARA...

(\_Trad.\_)

Paris, novembro.

\_Meu amor.\_--Ainda ha poucos instantes (dez instantes, dez minutos, que

tanto gastei n'um \_fiacre\_ desolador desde a nossa \_Torre de Marfim\_) eu

sentia o rumor do teu coração junto do meu, sem que nada os separasse

senão uma pouca de argilla mortal, em ti tão bella, em mim tão rude--e

já estou tentando recontinuar anciosamente, por meio d'este papel

inerte, esse ineffavel \_estar comtigo\_ que é hoje todo o fim da minha

vida, a minha suprema e unica vida. É que, longe da tua presença, cesso

de viver, as coisas para mim cessam de ser--e fico como um morto jazendo

no meio de um mundo morto. Apenas, pois, me finda esse perfeito e curto

momento de vida que me dás, só com pousar junto de mim e murmurar o meu

nome--recomeço a aspirar desesperadamente para ti como para uma

resurreição!

Antes de te amar, antes de receber das mãos de meu Deus a minha Eva--que

era eu, na verdade? Uma sombra fluctuando entre sombras. Mas tu vieste,

dôce adorada, para me fazer sentir a minha realidade, e me permittir que

eu bradasse tambem triumphalmente o meu--«\_amo, logo existo!\_» E não foi

só a minha realidade que me desvendaste--mas ainda a realidade de todo

este Universo, que me envolvia como um inintelligivel e cinzento montão

de apparencias. Quando ha dias, no terraço de Savran, ao anoitecer, te

queixavas que eu contemplasse as estrellas estando tão perto dos teus

olhos, e espreitasse o adormecer das collinas junto ao calor dos teus

hombros--não sabias, nem eu te soube então explicar, que essa

contemplação era ainda um modo novo de te adorar, porque realmente

estava admirando nas coisas a belleza inesperada que tu sobre ellas

derramas por uma emanação que te é propria, e que, antes de viver a teu

lado, nunca eu lhes percebera, como se não percebe a vermelhidão das

rosas ou o verde tenro das relvas antes de nascer o sol! Foste tu, minha

bem-amada, que me alumiaste o mundo. No teu amor recebi a minha

Iniciação. Agora entendo, agora sei. E, como o antigo Iniciado, posso

affirmar:--«Tambem fui a Eleusis; pela larga estrada pendurei muita flôr

que não era verdadeira, diante de muito altar que não era divino; mas a

Eleusis cheguei, em Eleusis penetrei--e vi e senti a verdade!...»

E accresce ainda, para meu martyrio e gloria, que tu és tão

sumptuosamente bella e tão ethereamente bella, d'uma belleza feita de

Céo e de Terra, belleza completa e só tua, que eu já concebera--que

nunca julgára realizavel. Quantas vezes, ante aquella sempre admirada e

toda perfeita Venus de Milo, pensei que se debaixo da sua testa de Deusa

podessem tumultuar os cuidados humanos; se os seus olhos soberanos e

mudos se soubessem toldar de lagrimas; se os seus labios, só talhados

para o mel e para os beijos, consentissem em tremer no murmurio de uma

prece submissa; se, sob esses seios, que foram o appetite sublime dos

Deuses e dos Heroes, um dia palpitasse o Amor e com elle a Bondade; se o

seu marmore soffresse, e pelo soffrimento se espiritualisasse, juntando

ao esplendor da Harmonia a graça da Fragilidade; se ella fosse do nosso

tempo e sentisse os nossos males, e permanecendo Deusa do Prazer se

tornasse Senhora da Dôr--então não estaria collocada n'um museu, mas

consagrada n'um santuario, porque os homens, ao reconhecer n'ella a

alliança sempre almejada e sempre frustrada do Real e do Ideal, decerto

a teriam acclamado \_in eternum\_ como a definitiva Divindade. Mas quê! A

pobre Venus só offerecia a serena magnificencia da carne. De todo lhe

faltava a chamma que arde na alma e a consome. E a creatura incomparavel

do meu scismar, a Venus Espiritual, Cytherêa e Dolorosa, não existia,

nunca existiria!... E quando eu assim pensava, eis que tu surges, e eu

te comprehendo! Eras a encarnação do meu sonho, ou antes d'um sonho que

deve ser universal--mas só eu te descobri, ou, tão feliz fui, que só por

mim quizeste ser descoberta!

Vê, pois, se jámais te deixarei escapar dos meus braços! Por isso mesmo

que és a minha Divindade,--para sempre e irremediavelmente estás presa

dentro da minha adoração. Os Sacerdotes de Carthago acorrentavam ás

lages dos Templos, com cadeias de bronze, as imagens dos seus Baals.

Assim te quero tambem, acorrentada dentro do templo avaro que te

construi, só Divindade minha, sempre no teu altar,--e eu sempre diante

d'elle rojado, recebendo constantemente n'alma a tua visitação,

abysmando-me sem cessar na tua essencia, de modo que nem por um momento

se descontinue essa fusão ineffavel, que é para ti um acto de

Misericordia e para mim de Salvação. O que eu desejaria na verdade é que

fosses invisivel para todos e como não existente--que perpetuamente um

estofo informe escondesse o teu corpo, uma rigida mudez occultasse a tua

intelligencia. Assim passarias no mundo como uma apparencia

incomprehendida. E só para mim, de dentro do involucro escuro, se

revelaria a tua perfeição rutilante. Vê quanto te amo--que te queria

entrouxada n'um rude, vago vestido de merino, com um ar quêdo,

inanimado... Perderia assim o triumphal contentamento de vêr

resplandecer entre a multidão maravilhada aquella que em segredo nos

ama. Todos murmurariam compassivamente--«\_Pobre creatura!\_» E só eu

saberia da «pobre creatura», o corpo e a alma adoraveis!

Quanto adoraveis! Nem comprehendo que, tendo consciencia do teu encanto,

não estejas de ti namorada como aquelle Narciso que treme de frio,

coberto de musgo, à beira da fonte, em Savran. Mas eu largamente te amo

e por mim e por \_ti\_! A tua belleza, na verdade, attinge a altura de uma

virtude:--e foram decerto os modos tão puros da tua alma que fixaram as

linhas tão formosas do teu corpo. Por isso ha em mim um incessante

desespero de não te saber amar condignamente--ou antes (pois desceste de

um céo superior) de não saber tratar, como ella merece, a hospeda divina

do meu coração. Desejaria, por vezes, envolver-te toda n'uma felicidade

immaterial, seraphica, calma infinitamente como deve ser a

Bemaventurança--e assim deslisarmos enlaçados através do silencio e da

luz, muito brandamente, n'um sonho cheio de certeza, sahindo da vida á

mesma hora e indo continuar no \_além\_ o mesmo sonho estatico. E outras

vezes desejaria arrebatar-te n'uma felicidade vehemente, tumultuosa,

fulgurante, toda de chamma, de tal sorte que n'ella nos destruissemos

sublimemente, e de nós só restasse uma pouca de cinza sem memoria e sem

nome! Possuo uma velha gravura que é um Satanaz, ainda em toda a

refulgencia da belleza archangelica, arrastando nos braços para o Abysmo

uma freira, uma Santa, cujos derradeiros véos de penitencia se vão

esgaçando pelas pontas das rochas negras. E na face da Santa, através do

horror, brilha, irreprimida e mais forte que o horror, uma tal alegria e

paixão, tão intensas--que eu as appeteceria para ti, oh minha Santa

roubada! Mas de nenhum d'estes modos te sei amar, tão fraco ou inhabil é

o meu coração, de modo que por o meu amor não ser perfeito, tenho de me

contentar que seja eterno. Tu sorris tristemente d'esta eternidade.

Ainda hontem me perguntavas:--«No calendario do seu coração, quantos

dias dura a eternidade?» Mas considera que eu era um morto--e que tu me

resuscitaste. O sangue novo que me circula nas veias, o espirito novo

que em mim sente e comprehende, são o meu amor por ti--e se elle me

fugisse, eu teria outra vez, regelado e mudo, de reentrar no meu

sepulchro. Só posso deixar de te amar--quando deixar de ser. E a vida

comtigo, e por ti, é tão inexprimivelmente bella! É a vida de um Deus.

Melhor talvez:--e se eu fosse esse pagão que tu affirmas que sou, mas um

pagão do Lacio, pastor de gados, crente ainda em Jupiter e Apollo, a

cada instante temeria que um d'esses Deuses invejosos te raptasse, te

elevasse ao Olympo para completar a sua ventura divina. Assim não

receio:--toda minha te sei e para todo o sempre, olho o mundo em torno

de nós como um Paraiso para nós creado, e durmo seguro sobre o teu peito

na plenitude da gloria, oh minha tres vezes bemdita, Rainha da minha

graça.

Não penses que estou compondo canticos em teu louvor. É em plena

simplicidade que deixo escapar o que me está borbulhando na alma... Ao

contrario! Toda a Poesia de todas as idades, na sua gracilidade ou na

sua magestade, seria impotente para exprimir o meu extase. Balbucio,

como posso, a minha infinita oração. E n'esta desoladora insufficiencia

do Verbo humano é como o mais inculto e o mais illetrado que ajoelho

ante ti, e levanto as mãos, e te asseguro a unica verdade, melhor que

todas as verdades--que te amo, e te amo, e te amo, e te amo!...

Fradique.

XIV

A MADAME DE JOUARRE

(\_Trad.\_)

Lisboa, junho.

\_Minha querida madrinha.\_--N'aquella casa de hospedes da travessa da

Palha, onde vive, atrellado á lavra angustiosa da Verdade, meu primo o

Metaphysico, conheci, logo depois de voltar de Refaldes, um padre, o

padre Salgueiro, que talvez a minha madrinha, com essa sua maliciosa

paciencia de colleccionar Typos, ache interessante e psychologicamente

divertido.

O meu distrahido e pallido Metaphysico affirma, encolhendo os hombros,

que padre Salgueiro não se destaca por nenhuma saliencia de Corpo ou

Alma entre os vagos padres da sua Diocese;--e que resume mesmo, com uma

fidelidade de indice, o pensar, e o sentir, e o viver, e o parecer da

classe ecclesiastica em Portugal. Com effeito, por fóra, na casca, padre

Salgueiro é o costumado e corrente padre portuguez, gerado na gleba,

desbravado e afinado depois pelo Seminario, pela frequentação das

auctoridades e das Secretarias, por ligações de confissão e missa com

fidalgas que têm capella, e sobretudo por longas residencias em Lisboa,

n'estas casas de hospedes da Baixa, infestadas de litteratura e

politica. O peito bem arcado, de folego fundo, como um folle de forja;

as mãos ainda escuras, asperas, apesar do longo contacto com a alvura e

doçura das hostias; o carão côr de couro curtido, com um sobre-tom azul

nos queixos escanhoados; a corôa livida entre o cabello mais negro e

grosso que pellos de clina; os dentes escaroladamente brancos--tudo

n'elle pertence a essa forte plebe agricola de onde sahiu, e que ainda

hoje em Portugal fornece á Egreja todo o seu pessoal, pelo desejo de se

alliar e de se apoiar á unica grande instituição humana que realmente

comprehende e de que não desconfia. Por dentro, porém, como miolo, padre

Salgueiro apresenta toda uma estructura moral deliciosamente pittoresca

e nova para quem, como eu, do Clero Lusitano só entrevira

exterioridades, uma batina desapparecendo pela porta d'uma sacristia, um

velho lenço de rapé posto na borda d'um confessionario, uma sobrepeliz

alvejando n'uma tipoia atraz d'um morto...

O que em padre Salgueiro me encantou logo, na noite em que tanto

palestramos, rondando pachorrentamente o Rocio, foi a sua maneira de

conceber o Sacerdocio. Para elle o Sacerdocio (que de resto ama e acata

como um dos mais uteis fundamentos da sociedade) não constitue de modo

algum uma funcção espiritual--mas unicamente e terminantemente uma

funcção civil. Nunca, desde que foi collado á sua parochia, padre

Salgueiro se considerou senão como um funccionario do Estado, um

Empregado Publico, que usa um uniforme, a batina (como os guardas da

alfandega usam a fardeta), e que, em logar de entrar todas as manhãs

n'uma repartição do Terreiro do Paço para escrevinhar ou archivar

officios, vai mesmo nos dias santificados, a uma outra repartição, onde,

em vez da carteira se ergue um altar, celebrar missas e administrar

sacramentos. As suas relações portanto não são, nunca foram, com o céo

(do céo só lhe importa saber se está chuvoso ou claro)--mas com a

Secretaria da Justiça e dos Negocios Ecclesiasticos. Foi ella que o

collocou na sua Parochia, não para continuar a obra do Senhor guiando

docemente os homens pela estrada limpa da Salvação (missões de que não

curam as secretarias do Estado), mas, como funccionario, para executar

certos actos publicos que a lei determina a bem da ordem

social--baptisar, confessar, casar, enterrar os parochianos.

Os sacramentos são, pois, para este excellente padre Salgueiro, meras

ceremonias civis, indispensaveis para a regularisação do estado

civil,--e nunca, desde que os administra, pensou na sua natureza divina,

na Graça que communicam ás almas, e na força com que ligam a vida

transitoria a um principio Immanente. Decerto, outr'ora no seminario,

padre Salgueiro decorou em compendios ensebados a sua Theologia

Dogmatica, a sua Theologia Pastoral, a sua Moral, o seu S. Thomaz, o seu

Liguori--mas meramente para cumprir as disciplinas officiaes do curso,

ser ordenado pelo seu bispo, depois provido n'uma parochia pelo seu

ministro, como todos os outros bachareis que em Coimbra decoram as

\_Sebentas\_ de Direito natural e de Direito romano para «fazerem o

curso», receber na cabeça a borla de doutor, e depois o aconchego de um

emprego facil. Só o grau vale e importa, porque justifica o despacho. A

sciencia é a formalidade penosa que lá conduz--verdadeira provação, que,

depois de atravessada, não deixa ao espirito desejos de regressar á sua

disciplina, á sua aridez, á sua canceira. Padre Salgueiro, hoje, já

esqueceu regaladamente a significação theologica e espiritual do

casamento:--mas casa, e casa com pericia, com bom rigor liturgico, com

boa fiscalisação civil, esmiuçando escrupulosamente as certidões, pondo

na benção toda a uncção prescripta, perfeito em unir as mãos com a

estola, cabal na ejaculação dos latins, porque é subsidiado pelo Estado

para casar bem os cidadãos, e, funccionario zeloso, não quer cumprir com

defeitos funcções que lhe são pagas sem atrazo.

A sua ignorancia é deliciosa. Além de raros actos da vida activa de

Jesus, a fuga para o Egypto no burrinho, os pães multiplicados nas bodas

de Caná, o azorrague cahindo sobre os vendilhões do Templo, certas

expulsões de Demonios, nada sabe do Evangelho--que considera todavia

\_muito bonito\_. Á doutrina de Jesus é tão alheio como á philosophia de

Hegel. Da Biblia tambem só conhece episodios soltos, que aprendeu

certamente em oleographias--a Arca de Noé, Samsão arrancando as portas

de Gaza, Judith degollando Holophernes. O que tambem me diverte, nas

noites amigas em que conversamos na travessa da Palha, é o seu

desconhecimento absolutamente candido das origens, da historia da

Egreja. Padre Salgueiro imagina que o Christianismo se fundou de

repente, n'um dia (decerto um domingo), por milagre flagrante de Jesus

Christo:--e desde essa festiva hora tudo para elle se esbate n'uma treva

incerta, onde vagamente reluzem nimbos de santos e tiáras de papas, até

Pio IX. Não admira, porém, na obra pontifical de Pio IX, nem a

Infallibilidade, nem o Syllabus:--porque se préza de liberal, deseja

mais progresso, bemdiz os beneficios da instrucção, assigna o \_Primeiro

de Janeiro\_.

Onde eu tambem o acho superiormente pittoresco, é cavaqueando ácerca dos

deveres que lhe incumbem como pastor de almas--os deveres para com as

almas. Que elle, por continuação de uma obra divina, esteja obrigado a

consolar dôres, pacificar inimizades, dirigir arrependimentos, ensinar a

cultura da bondade, adoçar a dureza dos egoismos, é para o benemerito

padre Salgueiro a mais estranha e incoherente das novidades! Não que

desconheça a belleza moral d'essa missão, que considera mesmo \_cheia de

poesia\_. Mas não admitte que, formosa e honrosa como é, lhe pertença a

elle padre Salgueiro! Outro tanto seria exigir de um verificador da

alfandega que moralisasse e purificasse o commercio. Esse santo

emprehendimento pertence aos Santos. E os Santos, na opinião de padre

Salgueiro, formam uma Casta, uma Aristocracia espiritual, com obrigações

sobrenaturaes que lhes são delegadas e pagas pelo Céo. Muito differentes

se apresentam as obrigações de um parocho! Funccionario ecclesiastico,

elle só tem a cumprir funcções rituaes em nome da Egreja, e portanto do

Estado que a subsidia. Ha ahi uma criança para baptisar? Padre Salgueiro

toma a estola e baptisa. Ha ahi um cadaver para enterrar? Padre

Salgueiro toma o hyssope e enterra. No fim do mez recebe os seus dez mil

reis (além da esmola)--e o seu bispo reconhece o seu zelo.

A idéa que padre Salgueiro tem da sua missão determina, com louvavel

logica, a sua conducta. Levanta-se ás dez horas, hora classicamente

adoptada pelos empregados do Estado. Nunca abre o breviario--a não ser

em presença dos seus superiores ecclesiasticos, e então por deferencia

gerarchica, como um tenente, que, em face ao seu general, se perfila,

pousa a mão na espada. Emquanto a orações, meditações, mortificações,

exames d'alma, todos esses pacientes methodos de aperfeiçoamento e

santificação propria, nem sequer suspeita que lhe sejam necessarios ou

favoraveis. Para que? Padre Salgueiro constantemente tem presente que,

sendo um funccionario, deve manter, sem transigencias, nem omissões, o

decoro que tornará as suas funcções respeitadas do mundo. Veste, por

isso, sempre de preto. Não fuma. Todos os dias de jejum come um peixe

austero. Nunca transpoz as portas impuras de um botequim. Durante o

inverno só uma noite vai a um theatro, a S. Carlos, quando se canta o

\_Polliuto\_, uma opera sacra, de purissima lição. Deceparia a lingua, com

furor, se d'ella lhe pingasse uma falsidade. E é casto. Não condemna e

repelle a mulher com colera, como os Santos Padres:--até a venéra, se

ella é economica e virtuosa. Mas o regulamento da Egreja prohibe a

mulher: elle é um funccionario ecclesiastico, e a mulher portanto não

entra nas suas funcções. É rigidamente casto. Não conheço maior

respeitabilidade do que a de padre Salgueiro.

As suas occupações, segundo observei, consistem muito logicamente, como

empregado (além das horas dadas aos deveres liturgicos), em procurar

melhoria de emprego. Pertence por isso a um partido politico:--e em

Lisboa, tres noites por semana, toma chá em casa do seu chefe, levando

rebuçados ás senhoras. Maneja habilmente eleições. Faz serviços e

recados, complexos e indescriptos, a todos os directores geraes da

Secretaria dos Negocios Ecclesiasticos. Com o seu bispo é incansavel:--e

ainda ha mezes o encontrei, suado e afflicto, por causa de duas

incumbencias de. S. Exc.^a uma relativa a queijadas de Cintra, outra a

uma collecção do \_Diario do Governo\_.

Não fallei da sua intelligencia. É pratica e methodica--como verifiquei,

assistindo a um sermão que elle prégou pela festa de S. Venancio. Por

esse sermão, encommendado, recebia padre Salgueiro 20$000 reis--e deu,

por esse preço, um sermão succulento, documentado, encerrando tudo o que

convinha á glorificação de S. Venancio. Estabeleceu a filiação do Santo;

desenrolou todos os seus milagres (que são poucos) com exactidão,

exarando as datas, citando as auctoridades; narrou com rigor agiologico

o seu martyrio; enumerou as egrejas que lhe são consagradas, com as

épocas da fundação. Enxertou destramente louvores ao Ministro dos

Negocios Ecclesiasticos. Não esqueceu a Familia Real, a quem rendeu

preito constitucional. Foi, em summa, um excellente relatorio sobre S.

Venancio.

Felicitei n'essa noite, com fervor, o reverendo padre Salgueiro. Elle

murmurou, modesto e simples:

--S. Venancio infelizmente não se presta. Não foi bispo, nunca exerceu

cargo publico!... Em todo o caso, creio que cumpri.

Ouço que vai ser nomeado conego. Larguissimamente o merece. Jesus não

possue melhor amanuense. E nunca realmente comprehendi por que razão

outro amigo meu, um frade do Varatojo, que, pelo extasi da sua fé, a

profusão da sua caridade, o seu devorador cuidado na pacificação das

almas, me faz lembrar os velhos homens evangelicos, chama sempre a este

sacerdote tão zeloso, tão pontual, tão proficiente, tão respeitavel--«o

horrendo padre Salgueiro!»

Ora veja, minha madrinha! Mais de trinta ou quarenta mil annos são

necessarios para que uma montanha se desfaça e se abata até ao

tamanhinho d'um outeiro que um cabrito galga brincando. E menos de dois

mil annos bastaram para que o Christianismo baixasse dos grandes padres

das Sete Egrejas da Asia até ao divertido padre Salgueiro, que não é de

sete Egrejas, nem mesmo d'uma, mas sómente, e muito devotamente, da

Secretaria dos Negocios Ecclesiasticos. Este baque provaria a

fragilidade do Divino--se não fosse que realmente o Divino abrange as

religiões e as montanhas, a Asia, o padre Salgueiro, os cabritinhos

folgando, tudo o que se desfaz e tudo o que se refaz, e até este seu

afilhado, que é todavia humanissimo.--Fradique.

XV

A BENTO DE S.

Paris, outubro.

\_Meu caro Bento.\_--A tua idéa de fundar um jornal é damninha e

execravel. Lançando, e em formato rico, com telegrammas e chronicas, uma

outra «d'essas folhas impressas que apparecem todas as manhãs», como diz

tão assustada e pudicamente o Arcebispo de Paris, tu vaes concorrer para

que no teu tempo e na tua terra se aligeirem mais os Juizos ligeiros, se

exacerbe mais a Vaidade, e se endureça mais a Intolerancia. Juizos

ligeiros, Vaidade, Intolerancia--eis tres negros peccados sociaes que,

moralmente, matam uma Sociedade! E tu alegremente te preparas para os

atiçar. Inconsciente como uma peste, espalhas sobre as almas a morte. Já

decerto o Diabo está atirando mais braza para debaixo da caldeira de

pez, em que, depois do Julgamento, recozerás e ganirás, meu Bento e meu

reprobo!

Não penses que, moralista amargo, exagero, como qualquer S. João

Chrysostomo. Considera antes como foi incontestavelmente a Imprensa,

que, com a sua maneira superficial, leviana e atabalhoada de todo

affirmar, de tudo julgar, mais enraigou no nosso tempo o funesto habito

dos juizos ligeiros. Em todos os seculos decerto se improvisaram

estouvadamente opiniões: o grego era inconsiderado e garrulo; já Moysés,

no longo Deserto, soffria com o murmurar variavel dos Hebreus; mas

nunca, como no nosso seculo apressado, essa improvisação impudente se

tornou a operação natural do entendimento. Com excepção de alguns

philosophos escravisados pelo Methodo, e d'alguns devotos roidos pelo

Escrupulo, todos nós hoje nos deshabituamos, ou antes nos desembaraçamos

alegremente, do penoso trabalho de verificar. É com impressões fluidas

que formamos as nossas massiças conclusões. Para julgar em Politica o

facto mais complexo, largamente nos contentamos com um boato, mal

escutado a uma esquina, n'uma manhã de vento. Para apreciar em

Litteratura o livro mais profundo, atulhado de idéas novas, que o amor

de extensos annos fortemente encadeou--apenas nos basta folhear aqui e

além uma pagina, através do fumo escurecedor do charuto. Principalmente

para condemnar, a nossa ligeireza é fulminante. Com que soberana

facilidade declaramos--«Este é uma besta! Aquelle é um maroto!» Para

proclamar--«É um genio!» ou «É um santo!» offerecemos uma resistencia

mais considerada. Mas ainda assim, quando uma boa digestão ou a macia

luz d'um céo de maio nos inclinam á benevolencia, tambem concedemos

bizarramente, e só com lançar um olhar distrahido sobre o eleito, a

corôa ou a aureola, e ahi empurramos para a popularidade um maganão

enfeitado de louros ou nimbado de raios. Assim passamos o nosso bemdito

dia a estampar rotulos definitivos no dorso dos homens e das coisas. Não

ha acção individual ou collectiva, personalidade ou obra humana, sobre

que não estejamos promptos a promulgar rotundamente uma opinião bojuda.

E a opinião tem sempre, e apenas, por base aquelle pequenino lado do

facto, do homem, da obra, que perpassou n'um relance ante os nossos

olhos escorregadios e fortuitos. Por um gesto julgamos um caracter: por

um caracter avaliamos um povo. Um inglez, com quem outr'ora jornadeei

pela Asia, varão douto, collaborador de \_Revistas\_, socio de Academias,

considerava os francezes todos, desde os senadores até aos varredores,

como «porcos e ladrões»... Porquê, meu Bento? Porque em casa de seu

sogro houvera um escudeiro, vagamente oriundo de Dijon, que não mudava

de collarinho e surripiava os charutos. Este inglez illustra

magistralmente a formação escandalosa das nossas generalisações.

E quem nos tem enraizado estes habitos de desoladora leviandade? O

jornal--o jornal, que offerece cada manhã, desde a chronica até aos

annuncios, uma massa espumante de juizos ligeiros, improvisados na

vespera, á meia noite, entre o silvar do gaz e o fervilhar das chalaças,

por excellentes rapazes que rompem pela redacção, agarram uma tira de

papel, e, sem tirar mesmo o chapéo, decidem com dois rabiscos da penna

sobre todas as coisas da Terra e do Céo. Que se trate d'uma revolução do

Estado, da solidez d'um Banco, d'uma Magica, ou d'um descarrillamento, o

rabisco da penna, com um traço, esparrinha e julga. Nenhum estudo,

nenhum documento, nenhuma certeza. Ainda, este domingo, meu Bento, um

alto jornal de Paris, commentando a situação economica, e politica de

Portugal, affirmava, e com um aprumado saber, que «em Lisboa os filhos

das mais illustres familias da aristocracia se empregam como

\_carregadores da alfandega\_, e ao fim de cada mez mandam receber as

soldadas \_pêlos seus lacaios\_!» Que dizes tu aos herdeiros das casas

historicas de Portugal, carregando pipas de azeite no caes da alfandega,

e conservando criados de farda para lhes ir receber o salario? Estas

pipas, estes fidalgos, estes lacaios dos carregadores, formam uma

deliciosa e chimerica alfandega que é menos das \_Mil e Uma Noites\_, que

das Mil e Uma Asneiras. Pois assim o ensinou um jornal consideravel,

rico, bem provido de Encyclopedias, de Mappas, de Estatisticas, de

Telephones, de Telegraphos, com uma redacção muito erudita, pinguemente

remunerada, que conhece a Europa, pertence á Academia das Sciencias

Moraes e Sociaes, e legisla no Senado! E tu, Bento, no teu jornal,

fornecido tambem de Encyclopedias e de Telephones, vaes com penna

sacudida lançar sobre a França e sobre a China, e sobre o desventuroso

Universo que se torna assumpto e propriedade tua, juizos tão solidos e

comprovados como os que aquella bemdita gazeta archivou definitivamente

ácerca da nossa alfandega e da nossa fidalguia...

Este é o primeiro peccado, bem negro. Considera agora outro, mais negro.

Pelo jornal, e pela reportagem que será a sua funcção e a sua força, tu

desenvolverás, no teu tempo e na tua terra, todos os males da Vaidade! A

reportagem, bem sei, é uma util abastecedora da Historia. Decerto

importou saber se era adunco ou chato o nariz de Cleopatra, pois que do

feitio d'esse nariz dependeram, durante algum tempo, de Philippes a

Actium, os destinos do Universo. E quantos mais detalhes a esfuracadora

bisbilhotice dos reporters revelar sobre o snr. Renan, e os seus moveis,

e a sua roupa branca, tantos mais elementos positivos possuirá o seculo

XX para reconstruir com segurança a personalidade do auctor das \_Origens

do Christianismo\_, e, através d'ella, comprehender a obra. Mas, como a

reportagem hoje se exerce, menos sobre os que influem nos negocios do

Mundo ou nas direcções do Pensamento, do que, como diz a Biblia, sobre

toda a «sorte e condições de gente van», desde os jockeys até aos

assassinos, a sua indiscriminada publicidade concorre pouco para a

documentação da historia, e muito, prodigiosamente, escandalosamente,

para a propagação das vaidades!

O jornal é com effeito o folle incansavel que assopra a vaidade humana,

lhe irrita e lhe espalha a chamma. De todos os tempos é ella, a vaidade

do homem! Já sobre ella gemeu o gemebundo Salomão, e por ella se perdeu

Alcibiades, talvez o maior dos gregos. Incontestavelmente, porém, meu

Bento, nunca a vaidade foi, como no nosso damnado seculo XIX, o motor

offegante do pensamento e da conducta. N'estes estados de civilisação,

ruidosos e ôcos, tudo deriva da vaidade, tudo tende á vaidade. E a fórma

nova da vaidade para o civilisado consiste em ter o seu rico nome

impresso no jornal, a sua rica pessoa commentada no jornal! \_Vir no

jornal!\_ eis hoje a impaciente aspiração e a recompensa suprema! Nos

regimens aristocraticos o esforço era obter, senão já o favor, ao menos

o sorriso do Principe. Nas nossas democracias a ancia da maioria dos

mortaes é alcançar em sete linhas o louvor do jornal. Para se

conquistarem essas sete linhas bemditas, os homens praticam todas as

acções--mesmo as boas. Mesmo as boas, meu Bento! O «nosso generoso amigo

Z...» só manda os cem mil reis á Creche, para que a gazeta exalte os cem

mil reis de Z..., nosso amigo generoso. Nem é mesmo necessario que as

sete linhas contenham muito mel e muito incenso: basta que ponham o nome

em evidencia, bem negro, n'essa tinta cujo brilho é mais appetecido que

o velho nimbo d'ouro do tempo das Santidades. E não ha classe que não

ande devorada por esta fome morbida do reclamo. Ella é tão roedora nos

sêres de exterioridade e de mundanidade, como n'aquelles que só pareciam

amar na vida, como a sua fórma melhor, a quietação e o silencio...

Entrámos na quaresma (é entre as cinzas, e com cinzas, que te estou

moralisando). Agora, n'estas semanas de peixe, surdem os frades

dominicanos, do fundo dos seus claustros, a prégar nos pulpitos de

Paris. E porquê esses sermões sensacionaes, d'uma arte profana e

theatral, com exhibicões de psychologia amorosa, com affectações de

anarchismo evangelico, e tão creadores de escandalo que Paris corre mais

gulosamente a Notre-Dame em tarde de Dominicano, do que á

Comedia-Franceza em noite de Coquelin? Porque os monges, filhos de S.

Domingos, querem setenta linhas nos jornaes do Boulevard, e toda a

celebridade dos histriões. O Jornal estende sobre o mundo as suas duas

folhas, salpicadas de preto, como aquellas duas azas com que os

iconographistas do seculo XV representavam a Luxuria ou a Gula: e o

Mundo todo se arremessa para o jornal, se quer agachar sob as duas azas

que o levem á gloriola, lhe espalhem o nome pelo ar sonoro. E é por essa

gloriola que os homens se perdem, e as mulheres se aviltam, e os

Politicos desmancham a ordem do Estado, e os Artistas rebolam na

extravagancia esthetica, e os Sabios alardeiam theorias mirabolantes, e

de todos os cantos, em todos os generos, surge a horda ululante dos

charlatães... (Como me vim tornando altiloquente e roncante!...) Mas é a

verdade, meu Bento! Vê quantos preferem ser injuriados a serem

ignorados! (Homenzinhos de letras, poetisas, dentistas, etc.). O proprio

mal appetece sofregamente as sete linhas que o maldizem. Para

apparecerem no jornal, ha assassinos que assassinam. Até o velho

instincto da conservação cede ao novo instincto da notoriedade: e existe

tal maganão, que ante um funeral convertido em apotheose pela abundancia

das corôas, dos coches e dos prantos oratorios, lambe os beiços,

pensativo, e deseja ser o morto.

N'este verão, uma manhã, muito cedo, entrei n'uma taberna de Montmartre

a comprar phosphoros. Rente ao balcão de zinco, diante de dois copos de

vinho branco, um meliante, que pelas ventas chatas, o bigode hirsuto e

pendente, o barrete de pelle de lontra, parecia (e era) um Huno, um

sobrevivente das hordas d'Alarico,--gritava triumphalmente para outro

vadio imberbe e livido, a quem arremessára um jornal:

--É verdade, em todas as letras, o meu nome todo! Na segunda columna,

logo em cima, onde diz:--\_Hontem um infame e ignobil bandido\_... Sou eu!

O nome todo!

E espalhou lentamente em redor um olhar que triumphava. Eis-ahi, como

agora se diz tão alambicadamente, um «estado d'alma»! Tu, Bento, vaes

crear d'estes estados.

Depois considera o derradeiro peccado, negrissimo. Tu fundas, com o teu

novo jornal, uma nova escola de Intolerancia. Em torno de ti, do teu

partido, dos teus amigos, ergues um muro de pedra miuda e bem cimentada:

dentro d'esse murosinho, onde plantas a tua bandeirola com o costumado

lemma de \_imparcialidade\_, \_desinteresse\_, etc., só haverá, segundo

Bento e o seu jornal, intelligencia, dignidade, saber, energia, civismo;

para além d'esse muro, segundo o jornal de Bento, só haverá

necessariamente sandice, vileza, inercia, egoismo, traficancia! É a

disciplina de partido (e para te agradar, entendo partido, no seu

sentido mais amplo, abrangendo a Litteratura, a Philosophia, etc.) que

te impõe fatalmente esta divertida separação das virtudes e dos vicios.

Desde que penetras na batalha, nunca poderás admittir que a Razão ou a

Justiça ou a Utilidade se encontrem do lado d'aquelles contra quem

descargas pela manhã a tua metralha silvante de adjectivos e

verbos--porque então a decencia, se não já a consciencia, te forçariam a

saltar o muro e desertar para esses justos. Tens de sustentar que elles

são maleficos, desarrazoados, velhacos, e vastamente merecem o chumbo

com que os trespassas. Das solas dos pés até aos teus raros cabellos,

meu Bento, desde logo te atolas na Intolerancia! Toda a idéa que se

eleve, para além do muro, a condemnarás como funesta, sem exame, só

porque appareceu dez braças adiante, do lado dos outros, que são os

Reprobos, e não do lado dos teus, que são os Eleitos. Realisam esses

outros uma obra? Bento não poupará prosa nem musculo para que ella

pereça: e se por entre as pedras que lhe atira, casualmente entrevê

n'ella certa belleza ou certa utilidade, mais furiosamente apressa a sua

demolição, porque seria mortificante para os seus amigos que alguma

coisa de util ou de bello nascesse dos seus inimigos--e vivesse. Nos

homens que vagam para além do teu muro, tu só verás peccadores; e quando

entre elles reconhecesses S. Francisco d'Assis distribuindo aos pobres

os derradeiros ceitis da Porciuncula, taparias a face para que tanta

santidade te não amollecesse, e gritarias mais sanhudamente:--«Lá anda

aquelle malandro a esbanjar com os vadios o dinheiro que roubou!»

Assim tu serás no teu jornal. E, em torno de ti, os que o compram e o

adoptam lentamente e moralmente se fazem á tua imagem. Todo o jornal

distilla intolerancia, como um alambique distilla alcool, e cada manhã a

multidão se envenena aos goles com esse veneno capcioso. É pela acção do

jornal que se azedam todos os velhos conflictos do mundo--e que as

almas, desevangelisadas, se tornam mais rebeldes á indulgencia. A

sociabilidade incessantemente amacia e arredonda as divergencias

humanas, como um rio arredonda e alisa todos os seixos que n'elle rolam:

e a humanidade, que uma longa cultura e a velhice tem tornado docemente

sociavel, tenderia a uma suprema pacificação--se cada manhã o jornal não

avivasse os odios de Principios, de Classes, de Raças, e, com os seus

gritos, os acirrasse como se acirram mastins até que se enfureçam e

mordam. O jornal exerce hoje todas as funcções malignas do defuncto

Satanaz, de quem herdou a ubiquidade; e é não só o Pae da Mentira, mas o

Pae da Discordia. É elle que por um lado inflamma as exigencias mais

vorazes--e por outro fornece pedra e cal ás resistencias mais iniquas.

Vê tu quando se alastra uma gréve, ou quando entre duas nações

bruscamente se chocam interesses, ou quando, na ordem espiritual, dois

credos se confrontam em hostilidade: o instincto primeiro dos homens,

que o abuso da Civilisação material tem amollecido e desmarcialisado, é

murmurar \_paz! juizo!\_ e estenderem as mãos uns para os outros,

n'aquelle gesto hereditario que funda os pactos. Mas surge logo o

jornal, irritado como a Furia antiga, que os separa, e lhes sopra na

alma a intransigencia, e os empurra á batalha, e enche o ar de tumulto e

de pó.

O jornal matou na terra a paz. E não só atiça as questões já dormentes

como borralhos de lareira, até que d'ellas salte novamente uma chamma

furiosa--mas inventa dissensões novas, como esse anti-semitismo

nascente, que repetirá, antes que o seculo finde, as anachronicas e

brutas perseguições medievaes. Depois é o jornal...

Mas escuta! Onze horas! Onze horas ligeiras estão dançando, no meu velho

relogio, o minuete de Gluck. Ora esta carta já vai, como a de Tiberio,

muito tremenda e verbosa, \_verbosa et tremenda epistola\_; e eu tenho

pressa de a findar, para ir, ainda antes do almoço, lêr os meus jornaes,

com delicia.--Teu Fradique.

XVI

A CLARA

(\_Trad.\_)

Paris, outubro.

\_Minha muito amada Clara.\_--Toda em queixumes, quasi rabugenta, e

mentalmente tarjada de luto, me appareceu hoje a tua carta com os

primeiros frios de outubro. E porquê, minha dôce descontente? Porque,

mais féro de coração que um Trastamara ou um Borgia, estive cinco dias

(cinco curtos dias de outomno) sem te mandar uma linha, affirmando essa

verdade tão patente e de ti conhecida como o disco do sol--«que só em ti

penso, e só em ti vivo!...» Mas não sabes tu, oh super-amada, que a tua

lembrança-me palpita na alma tão natural e perennemente como o sangue no

coração? Que outro principio governa e mantem a minha vida senão o teu

amor? Realmente necessitas ainda, cada manhã, um certificado, em letra

bem firme, de que a minha paixão está viva e viçosa e te envia os \_bons

dias\_? Para que? Para socego da tua incerteza? Meu Deus! Não será antes

para regalo do teu orgulho? Sabes que és Deusa, e reclamas

incessantemente o incenso e os canticos do teu devoto. Mas Santa Clara,

tua padroeira, era uma grande santa, de alta linhagem, de triumphal

belleza, amiga de S. Francisco de Assis, confidenta de Gregorio IX,

fundadora de mosteiros, suave fonte de piedade e milagres--e todavia só

é festejada uma vez, cada anno, a 27 de agosto!

Sabes bem que estou gracejando, Santa Clara da minha fé! Não! não mandei

essa linha superflua, porque todos os males bruscamente se abateram

sobre mim:--um defluxo burlesco, com melancolia, obtusidade e espirros;

um confuso duello, de que fui o enfastiado padrinho, e em que apenas um

ramo secco d'olaia soffreu, cortado por uma bala; e, emfim, um amigo que

regressou da Abyssinia, cruelmente Abyssinisante, e a quem tive de

escutar com resignado pasmo as caravanas, os perigos, os amores, as

façanhas e os leões!... E ahi está como a minha pobre Clara, solitaria

nas suas florestas, ficou sem essa folha, cheia das minhas letras, e tão

inutil para a segurança do seu coração como as folhas que a cercam, já

murchas decerto e dançando no vento.

Porque não sei como se comportam os teus bosques;--mas aqui as folhas do

meu pobre jardim amarellaram e rolam na herva humida. Para me consolar

da verdura perdida, accendi o meu lume:--e toda a noite de hontem

mergulhei na muito velha chronica d'um Chronista medieval da minha

terra, que se chama Fernam Lopes. Ahi se conta d'um rei que recebeu o

debil nome de \_Formoso\_, e que, por causa d'um grande amor, desdenhou

princezas de Castella e de Aragão, dissipou thesouros, affrontou

sedições, soffreu a desaffeição dos povos, perdeu a vassallagem de

castellos e terras, e quasi estragou o reino! Eu já conhecia a

chronica--mas só agora comprehendo o rei. E grandemente o invejo, minha

linda Clara! Quando se ama como elle (ou como eu), deve ser um

contentamento esplendido o ter princezas da christandade, e thesouros, e

um povo, e um reino forte para sacrificar a dois olhos, finos e

languidos, sorrindo pelo que esperam e mais pelo que promettem... Na

verdade só se deve amar quando se é rei--porque só então se póde

comprovar a altura do sentimento com a magnificencia do sacrificio. Mas

um méro vassallo como eu (sem hoste ou castello), que possue elle de

rico, ou de nobre, ou de bello para sacrificar? Tempo, fortuna, vida?

Mesquinhos valores. É como offertar na mão aberta um pouco de pó. E

depois a bem amada nem sequer fica na historia.

E por historia--muito approvo, minha estudiosa Clara, que andes lendo a

do divino Budha. Dizes, desconsoladamente, que elle te parece apenas \_um

Jesus muito complicado\_. Mas, meu amor, é necessario desentulhar esse

pobre Budha da densa alluvião de Lendas e Maravilhas que sobre elle tem

acarretado, durante seculos, a imaginação da Asia. Tal como ella foi,

deprendida da sua mythologia, e na sua nudez historica,--nunca alma

melhor visitou a terra, e nada iguala, como virtude heroica, a \_Noite do

Renunciamento\_. Jesus foi um proletario, um mendigo sem vinha ou leira,

sem amor nenhum terrestre, que errava pelos campos da Galiléa,

aconselhando aos homens a que abandonassem como elle os seus lares e

bens, descessem á solidão e á mendicidade, para penetrarem um dia n'um

Reino venturoso, abstracto, que está nos Céos. Nada sacrificava em si e

instigava os outros ao sacrificio--chamando todas as grandezas ao nivel

da sua humildade. O Budha, pelo contrario, era um Principe, e como elles

costumam ser na Asia, de illimitado poder, de illimitada riqueza: casára

por um immenso amor, e d'ahi lhe viera um filho, em quem esse amor mais

se sublimára:--e este principe, este esposo, este pae, um dia, por

dedicação aos homens, deixa o seu palacio, o seu reino, a esposada do

seu coração, o filhinho adormecido no berço de nacar, e, sob a rude

estamenha de um mendicante, vai através do mundo esmolando e prégando a

renuncia aos deleites, o aniquilamento de todo o desejo, o illimitado

amor pelos sêres, o incessante aperfeiçoamento na caridade, o desdem

forte do ascetismo que se tortura, a cultura perenne da misericordia que

resgata, e a confiança na morte...

Incontestavelmente, a meu vêr (tanto quanto estas excelsas coisas se

podem discernir d'uma casa de Paris, no seculo XIX e com defluxo) a vida

do Budha é mais meritoria. E depois considera a differença do ensino dos

dois divinos Mestres. Um, Jesus, diz:--«Eu sou filho de Deus, e insto

com cada um de vós, homens mortaes, em que pratiqueis o bem durante os

poucos annos que passaes na terra, para que eu depois, em premio, vos dê

a cada um, individualmente, uma existencia superior, infinita em annos e

infinita em delicias, n'um palacio que está para além das nuvens e que é

de meu Pae!» O Budha, esse, diz simplesmente:--«Eu sou um pobre frade

mendicante, e peço-vos que sejaes bons darante a vida, porque de vós, em

recompensa, nascerão outros melhores, e d'esses outros ainda mais

perfeitos, e assim, pela pratica crescente da virtude em cada geração,

se estabelecerá pouco a pouco na terra a virtude universal!» A justiça

do justo, portanto, segundo Jesus, só aproveita egoistamente ao justo. E

a justiça do justo, segundo o Budha, aproveita ao sêr que o substituir

na existencia, e depois ao outro, que d'esse nascer, sempre durante a

passagem na terra, para lucro eterno da terra. Jesus cria uma

aristocracia de santos, que arrebata para o céo onde elle é Rei, e que

constituem a côrte do céo para deleite da sua divindade;--e não vem

d'ella proveito directo para o Mundo, que continua a soffrer da sua

porção de Mal, sempre indiminuida. O Budha, esse, cria, pela somma das

virtudes individuaes, santamente accumuladas, uma humanidade que em cada

cyclo nasce progressivamente melhor, que por fim se torna perfeita, e

que se estende a toda a terra d'onde o Mal desapparece, e onde o Budha é

sempre, á beira do caminho rude, o mesmo frade mendicante. Eu, minha

flor, sou pelo Budha. Em todo o caso, esses dois Mestres possuiram, para

bem dos homens, a maior porção de Divindade que até hoje tem sido dado á

alma humana conter. De resto, tudo isto é muito complicado; e tu

sabiamente procederias em deixar o Budha no seu Budhismo, e, uma vez que

esses teus bosques são tão admiraveis, em te retemperar na sua força e

nos seus aromas salutares. O Budha pertence á cidade e ao collegio de

França: no campo a verdadeira Sciencia deve cahir das arvores, como nos

tempos de Eva. Qualquer folha de olmo te ensina mais que todas as folhas

dos livros. Sobretudo do que eu--que aqui estou pontificando, e fazendo

pedantescamente, ante os teus lindos olhos, tão finos e meigos, um curso

escandaloso de Religiões Comparadas.

Só me restam tres pollegadas de papel,--e ainda te não contei, oh doce

exilada, as novas de Paris, \_acta Urbis\_. (Bom, agora latim!) São raras,

e pallidas. Chove: continuamos em Republica; Madame de Jouarre, que

chegou da \_Rocha\_ com menos cabellos brancos, mas mais cruel, convidou

alguns desventurados (dos quaes eu o maior) para escutarem tres

capitulos d'um novo attentado do barão de Fernay sobre a \_Grecia\_; os

jornaes publicam outro prefacio do snr. Renan, todo cheio do snr. Renan,

e em que elle se mostra, como sempre, o enternecido e erudito vigario de

Nossa Senhora da Razão; e temos, emfim, um casamento de paixão e luxo, o

do nosso esculptural visconde de Fonblant com mademoiselle Degrave,

aquella nariguda, magrinha e de maus dentes, que herdou, milagrosamente,

os dois milhões do cervejeiro, e que tem tão lindamente engordado e ri

com dentes tão lindos. Eis tudo, minha adorada... E é tempo que te

mande, em montão, n'esta linha, as saudades, os desejos e as coisas

ardentes e suaves e sem nome de que meu coração está cheio, sem que se

esgote por mais que plenamente as arremesse aos teus pés adoraveis, que

beijo com submissão e com fé.--Fradique.

Notas:

[1] Estas cartas constituem verdadeiros Ensaios Historicos, que, pelas

suas proporções, não poderiam entrar n'esta collecção. Reunidas as notas

e fragmentos dispersos, devem formar um volume a que o seu compilador

dará, penso eu, o titulo de \_Versos e Prosas de Fradique Mendes\_.

[2] Muitas das cartas de Fradique Mendes, aqui publicadas, são

naturalmente escriptas em francez. Todas essas vão acompanhadas da

indicação abreviada \_trad.\_ (traduzida).

[3] O velho creado de quarto de Fradique Mendes.

End of the Project Gutenberg EBook of A correspondência de Fradique Mendes, by

José Maria Eça de Queirós

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CORR. DE FRADIQUE MENDES \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 27637-8.txt or 27637-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/7/6/3/27637/

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.net/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including including checks, online payments and credit card

donations. To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.net

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.